

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO

ÉVERTON FERNANDES MACHADO

**UM LUGAR CHAMADO PALMAS: SABERES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL
CRÍTICO-TRANSFORMADORA EMERGENTES DE NARRATIVAS DE
MOVIMENTOS SOCIAIS**

BAGÉ
2021

ÉVERTON FERNANDES MACHADO

**UM LUGAR CHAMADO PALMAS: SABERES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL
CRÍTICO-TRANSFORMADORA EMERGENTES DE NARRATIVAS DE
MOVIMENTOS SOCIAIS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ensino no Programa de Pós-graduação *Strictu Sensu* em Ensino (MAE) da Universidade Federal do Pampa.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Hernandez Lindemann

Coorientadora: Profa. Dra. Diana Paula Salomão de Freitas

**BAGÉ
2021**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

M1131 Machado, Éverton Fernandes

Um lugar chamado Palmas: saberes de educação ambiental crítico-transformadora emergentes de narrativas de movimentos sociais / Éverton Fernandes Machado.

157 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Pampa, MESTRADO EM ENSINO, 2021.

"Orientação: Renata Hernandez Lindemann".

1. Educação Ambiental crítico-transformadora. 2. Movimentos Sociais. 3. Narrativas. 4. Saberes. 5. Palmas. I. Título.

ÉVERTON FERNANDES MACHADO

UM LUGAR CHAMADO PALMAS: SABERES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICO-TRANSFORMADORA EMERGENTES DE NARRATIVAS DE MOVIMENTOS SOCIAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Ensino.

Dissertação defendida e aprovada em: 30 de novembro de 2021.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Renata Hernandez Lindemann

Orientadora
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Diana Paula Salomão de Freitas

Coorientadora
(UFPeI)

Profa. Dra. Juliana Rezende Torres

(UFSCar)

Profa. Dra. Clara Zeni Camargo Dornelles
(UNIPAMPA)

Prof. Dr. Alessandro Carvalho Bica
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **RENATA HERNANDEZ LINDEMANN, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 09/03/2022, às 16:12, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Diana Paula Salomão de Freitas, Usuário Externo**, em 09/03/2022, às 16:14, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ALESSANDRO CARVALHO BICA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 09/03/2022, às 16:16, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **CLARA ZENI CAMARGO DORNELLES, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/03/2022, às 06:46, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0749340** e o código CRC **C22566EC**.

AGRADECIMENTOS

À Deus, que me conduziu até aqui, protegendo e guiando meu caminho. Ao universo por sempre conspirar ao meu favor e me colocar no lugar onde deveria estar.

À todas as pessoas que sonham um dia cursar uma Universidade de qualidade e construir um caminho na sua trajetória, vocês conseguem, não deixem de lutar. Obrigado por tudo Unipampa.

Aos meus queridos pais, Paulo (in memoriam) e Regina, por todo o amor, cuidado e proteção. Esta dissertação é para você pai, amo muito vocês.

Aos meus irmãos Eberton e Ana Paula, que proporcionaram momentos lindos na minha vida, a chegada dos meus sobrinhos Bernardo e Joaquim, não seria nada sem vocês.

À toda família Fernandes e Machado, obrigado pela compreensão nos momentos ausentes, e por todo o amor e dedicação comigo. Vocês são frutos de muitas histórias e vivências em Palmas.

Aos Movimentos Sociais Agrupa e UPP - Camaquã, obrigado por contribuírem com meu trabalho, e por ajudarem a compreender as histórias, vivências, experiências e desafios, desta comunidade que vive em meu coração. A todos os outros movimentos, meu agradecimento por lutarem pelos povos excluídos, esquecidos e discriminados ainda nesta sociedade.

À todos os professores e professoras deste País, nós somos bravos, resilientes, incentivadores e únicos.

À professora e orientadora Dra. Renata Hernandez Lindemann, por todo o tempo dedicado, pelas orientações, e preocupações, e principalmente por ser guia nos momentos mais difíceis. Grato pela confiança, amizade e amparo, seus ensinamentos valem ouro para minha caminhada.

À professora e coorientadora Dra. Diana Paula Salomão de Freitas, obrigado pelo carinho e amparo, foste luz em todos os momentos, obrigado por me acalmar, e por toda paciência comigo, serei pra sempre seu fã.

Aos examinadores da banca Prof. Dra. Juliana Rezende Torres, Prof. Dr. Alessandro Carvalho Bica e a Prof. Dra. Clara Zeni Camargo Dornelles por aceitarem o convite e proporcionarem momentos de reflexão, contribuindo para meu aperfeiçoamento acadêmico-profissional, grato por tudo.

Ao meu amor Miguel, por aguentar minhas angústias e estar ao meu lado em todos os momentos. Aos meus incansáveis amigos, desculpa não conseguir estar presente em determinados momentos, vocês são maravilhosos, amo cada um de vocês, não esqueçam disso.

Aos meus colegas de mestrado e professores da minha Escola de Candiota, grato por serem moradia em todos os momentos, vocês são fantásticos.

À capes, pelo financiamento da bolsa de pesquisa.

RESUMO

Buscamos compreender nesta dissertação como a Educação Ambiental Crítico - Transformadora (EACT) se mostra nas narrativas de integrantes de dois movimentos sociais do distrito rural de Palmas, região de Bagé - RS. Movimentos estes denominados: Agrupa (Associação para a grandeza e união de Palmas) e UPP - Camaquã (União pela preservação do Rio Camaquã). Ao buscarmos subsídios teóricos, descrevemos o processo da evolução de EA, em que adotamos novas perspectivas a partir de Layrargues e Lima (2014) às macrotendências políticas-pedagógicas: conservacionista, pragmática e crítica. A partir dos trabalhos de (TORRES, 2010; 2018; TORRES; FERRARI; MAESTRELLI, 2014); (OLIVEIRA, 2020), explicitamos possíveis concepções e articulações teórico-metodológicas a partir dos pressupostos da Teoria Crítica que contribuem para a construção da Educação Ambiental Crítica à luz da práxis transformadora. Pensando no percurso metodológico, utilizamos a pesquisa narrativa/qualitativa (CLANDININ; CONNELLY, 2015), em que nas entrevistas narrativas (JOVCHELOVITCH; BAUER 2002), mostramos possibilidades de análise, discussão e interpretação a partir da amostragem por “Bola de Neve” (ALBUQUERQUE, 2009). Como resultado analítico, emergiram algumas categorias diante dos objetivos propostos. Identificamos nas mídias locais da região da Campanha, os MS que pudessem estar envolvidos com as questões ambientais, de certa forma, consideramos um silenciamento de algumas notícias e algumas proximidades com o campo de EA. Notamos a articulação dos MS Agrupa e UPP - Camaquã, entre si e com a comunidade de Palmas, corroborando com práticas que apontaram para a sensibilização e transformação da dimensão política, emancipadora, dialógica e social. Por todos esses aspectos, consideramos que as temáticas significativas são importantes para ampliar a compreensão da realidade local. Defendemos também que os saberes emergentes das narrativas (estar em comunidade, coletividade, pertencimento etc.), assumem uma dimensão global, uma vez que instrumentalizam os sujeitos para intervir de forma consciente na realidade. No último capítulo, aproximamos esses saberes para o contexto formal, em que as temáticas significativas reconhecidas pelos MS, são potencialidades para trabalharmos as problemáticas e contradições socioambientais em sala de aula a partir dos momentos da investigação temática. Diante do que foi discutido e mostrado, argumentamos que os processos educativos balizados pelos MS, são possibilidades para efetivar o diagnóstico crítico da realidade. Em pesquisas futuras,

consideramos buscar um estudo nas articulações teóricas do 4º e 5º momento, sinalizado por Oliveira (2020), que corresponde ao prognóstico e ação transformadora da realidade concreta, atrelado aos saberes emergentes dos MS ao contexto escolar.

Palavras-Chave: Educação Ambiental crítico-transformadora. Movimentos Sociais. Narrativas. Saberes. Palmas.

ABSTRACT

In this dissertation we seek to understand how the Critical - Transformative Environmental Education (CTE) is shown in the narratives of members of two social movements in the rural district of Palmas, region of Bagé - RS. These movements are called: Agrupa (Association for the greatness and union of Palmas) and UPP - Camaquã (Union for the preservation of the Camaquã River). In seeking theoretical subsidies, we describe the process of the evolution of EA, in which we adopt new perspectives from Layrargues and Lima (2014) to the political-pedagogical macro-tendencies: conservationist, pragmatic and critical. From the works of (TORRES, 2010; 2018; TORRES; FERRARI; MAESTRELLI, 2014); (OLIVEIRA, 2020), we explicit possible conceptions and theoretical-methodological articulations from the assumptions of Critical Theory that contribute to the construction of Critical Environmental Education in the light of transformative praxis. Thinking about the methodological path, we used narrative/qualitative research (CLANDININ; CONNELLY, 2015), in which in narrative interviews (JOVCHELOVITCH; BAUER 2002), we show possibilities of analysis, discussion and interpretation from the sampling by "Snowball" (ALBUQUERQUE, 2009). As an analytical result, some categories emerged in view of the proposed objectives. We identified in the local media of the Campanha region, the MS that could be involved with environmental issues, in a way, we consider a silencing of some news and some proximities with the field of EA. We note the articulation of the MS Agrupa and UPP - Camaquã, among themselves and with the community of Palmas, corroborating practices that pointed to the awareness and transformation of the political, emancipatory, dialogical and social dimension. For all these aspects, we believe that significant themes are important to broaden the understanding of the local reality. We also argue that the knowledge emerging from the narratives (being in community, collectivity, belonging, etc.), take on a global dimension, since they instrumentalize the subjects to consciously intervene in reality. In the last chapter, we approach this knowledge to the formal context, in which the significant themes recognized by the MS are potentialities to work on socio-environmental issues and contradictions in the classroom from the moments of thematic investigation. In view of what has been discussed and shown, we argue that the educational processes guided by the MS are possibilities to make a critical diagnosis of reality. In future research, we consider seeking

a study on the theoretical articulations of the 4th and 5th moment, signaled by Oliveira (2020), which corresponds to the prognosis and transformative action of the concrete reality, linked to the emerging knowledge of the MS to the school context.

Keywords: Critical-transformative Environmental Education. Social Movements. Narratives. Knowledge. Palmas.

LISTA DE SIGLAS

AGAPAN – Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural

AGRUPA – Associação para Grandeza e União de Palmas

APADEMA/RS - Assembleia Permanente de Entidades em Defesa do Meio Ambiente do Rio Grande do Sul

ATF – Abordagem Temática Freireana

CH₄ – Gás Metano

CNE – Conselho Nacional de Educação

CNEA – Cadastro Nacional de Entidades Ambientalistas

CNUMAD - Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento

CO₂ – Gás Carbônico

CONAMA – Conselho Nacional do Meio Ambiente

CTG – Centro de Tradições Gaúchas

DCNEA - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental

EA – Educação Ambiental

EACT – Educação Ambiental Crítico-Transformadora

EN – Entrevistas Narrativas

FAO - Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura

GEE – Gases do Efeito Estufa

LGBTQI+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queer e Intersexual

MAB – Movimento dos Atingidos por Barragens

MEC – Ministério da Educação

MMA – Ministério do Meio Ambiente

MPA – Movimento dos Pequenos Agricultores

MS – Movimentos Sociais

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

ONU – Organizações das Nações Unidas

PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

PNGATI - Política Nacional de Gestão Ambiental e Territorial em terras Indígenas

RS – Rio Grande do Sul

SEMA – Secretária do Meio Ambiente e Agricultura

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

UNIPAMPA – Universidade Federal do Pampa

UPAN - União Protetora do Ambiente Natural

UPP – CAMAQUÃ – União pela preservação do Rio - Camaquã

UPPAN – União Pedritense de Proteção ao Ambiente Natural

URCAMP – Universidade da Região da Campanha

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Características da pesquisa qualitativa	70
Quadro 2: Fases principais da entrevista narrativa.....	75
Quadro 3: Encontro inicial com as questões exmanentes e imanentes.....	77
Quadro 4: Passos para análise das narrativas	81
Quadro 5: Síntese das relações e aproximações com a EACT	136
Quadro 6: Os 3 primeiros momentos da investigação temática adaptada a saberes emergentes de pesquisa com MS.....	140

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Região de Palmas	19
Figura 2: Trajetória histórica de EA no mundo	32
Figura 3: Trajetória histórica de EA no Brasil	36
Figura 4: Resumo das macrotendências abordadas	53
Figura 5: Síntese da teoria crítica	59
Figura 6: Trajeto do Rio - Camaquã.....	68
Figura 7: As entrevistas desenvolvidas com os sujeitos.....	79
Figura 8: Resultados da busca de EA e MS nos jornais.	83
Figura 9: Excertos com viés comportamentalista e conservadorista.	87
Figura 10: Excertos com viés pragmático.	88
Figura 11: Excertos com viés crítico.	90
Figura 12: Excertos considerados críticos dentro dos MS	96
Figura 13: Comitê de Combate à megamineração no RS.....	99
Figura 14: Página da Agapan.....	101
Figura 15: Página da UPP - Camaquã	102
Figura 16: Página da Agrupa.....	103
Figura 17: A bacia do Rio - Camaquã	104
Figura 18: Estrada de chão nas Traíras.....	105
Figura 19: Fluxograma dos próximos itens	107
Figura 20: Casa de barro e torrão	115
Figura 21: Saberes mobilizados dos sujeitos sobre a EACT.....	125

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Título da reportagem na mídia pesquisada e macrotendências de EA relacionada	84
Tabela 2: Títulos, principais ações, MS na mídia pesquisada	91

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	19	
1.1 Caminhos investigativos: primeiras narrativas, trajetória e contextualização.....	19	
1.2 Objetivos e Questão de Pesquisa	28	
1.3 Organização da dissertação	28	
CAPÍTULO 2 - TRAJETÓRIAS E PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO		
AMBIENTAL.....		31
2.1 Contexto histórico e social	31	
2.2 Educação Ambiental Conservacionista	44	
2.3 Educação Ambiental Pragmática.....	46	
2.4 Educação Ambiental Crítica.....	48	
2.5 Possíveis articulações com a práxis transformadora em Educação Ambiental	54	
2.6 Aproximações com os Movimentos Sociais e o Ambientalismo	59	
CAPÍTULO 3 - OS CAMINHOS METODOLÓGICOS		66
3.1 Etapas para o encontro com o objeto da pesquisa	66	
3.1.1 Cenário e sujeitos da pesquisa	67	
3.2 O método empregado: possibilidades metodológicas	69	
3.2.1 Coleta e Análise de dados.....	73	
CAPÍTULO 4 - O ENCONTRO COM AS MÍDIAS LOCAIS DA REGIÃO		
DA CAMPANHA		83
CAPÍTULO 5 - SABERES DE EACT DOS INTEGRANTES DO MS AGRUPA		
E UPP - CAMAQUÃ		105
5.1 A trajetória de vida e a relação com Palmas.....	107	
5.1.1 Maria, os primeiros moradores de Palmas, e 200 anos de história.....	108	
5.1.2 Alice, e o sentimento de ser e pertencer.	112	
5.1.3 Antônia: a lida do campo sempre esteve presente na minha trajetória.....	114	

5.1.4 Helena: sempre observei os impactos do chumbo na mineração aqui na região.	116
5.1.5 João: a natureza exerce algum poder sobre mim, talvez ela saiba que eu posso defendê-la	117
5. 2 Identificando as problemáticas e contradições socioambientais	118
5.3 Possíveis contribuições dos MS para a superação das problemáticas e contradições socioambientais	126
5.3.1 A UPP – Camaquã e o manifesto de Palmas	127
5.3.2 Agrupa: associação de moradores e produtores rurais	129
5.3.3 A integração da Agrupa e da UPP - Camaquã para a superação das problemáticas e contradições socioambientais	133
CAPÍTULO 6 - INDÍCIOS PARA ELABORAÇÃO DE PROCESSOS EDUCATIVOS BALIZADOS POR PROBLEMÁTICAS E CONTRADIÇÕES SOCIOAMBIENTAIS E SABERES EMERGENTES DE MS ...	138
CAPÍTULO 7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
REFERÊNCIAS	148
APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	155
APÊNDICE B – Roteiro das entrevistas	157

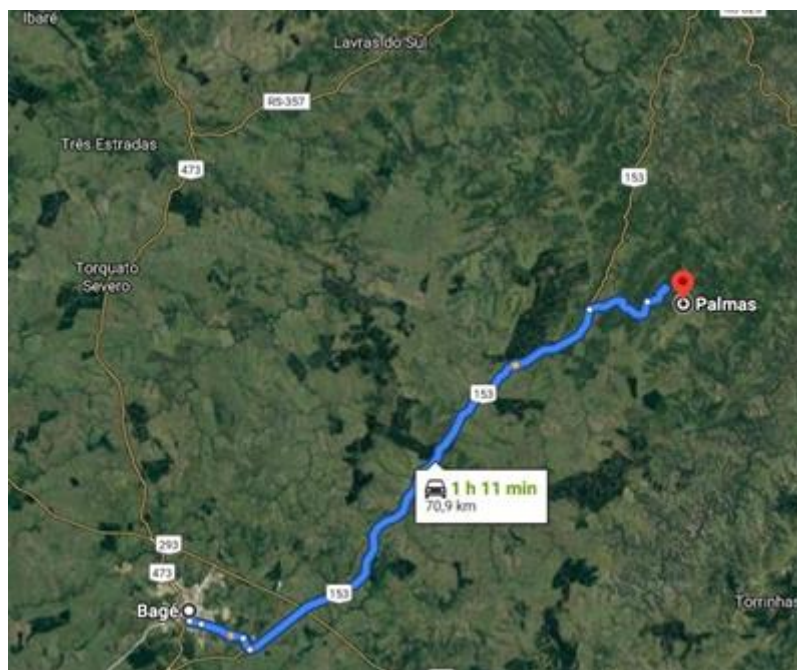
1 - INTRODUÇÃO

1.1 Caminhos investigativos: primeiras narrativas, trajetória e contextualização

Ao iniciar a construção desta pesquisa, explico os motivos que encaminharam meus pensamentos e motivações para o desenvolvimento das temáticas de Educação Ambiental (EA) e Movimentos Sociais (MS). Os caminhos foram de possibilidades e desafios, e, ao mesmo tempo instigante, intenso e compensador, principalmente quando aponto para uma série de reflexões e aportes teóricos, diante das mudanças nos processos que culminaram a problemática ambiental que se materializa na sociedade contemporânea atual (DIAS, 2003; TOZONI-REIS, 2002; LOUREIRO, 2005).

Há certos momentos na vida que é preciso reagir, resistir e se reinventar. Oriundo de uma família que foi criada no campo, no distrito rural de Palmas, situado no Município de Bagé – RS.

Figura 1: Região de Palmas



Fonte: Google Maps (2020).

Filho de pais que não chegaram a cursar o ensino médio, mas que sempre incentivaram a continuidade dos estudos dos filhos, muitas vezes sacrificando seus próprios sonhos para a construção de um futuro melhor, sendo esses os responsáveis pelas

primeiras lições e saberes, apresento minha história e trajetória. Diga-se que Palmas é uma localidade que se transformou em comunidade, sendo o maior distrito rural da cidade de Bagé. Distante cerca de 70 km da área urbana e fazendo limite com diversos municípios. No meio desta comunidade, passa um rio, o Rio - Camaquã, onde a vegetação nativa e as formações rochosas, o desenham. Esse deságua na lagoa dos Patos, no sul do RS, e, em meio a muitas dobras que ele faz, vive um povo, movido pelo coração e habitado por muitos herdeiros. Esse lugar é chamado de “Palmas”.

Lembro-me, de muitos dos meus guardados de memória, que remetem à infância, de quando menino cheio de sonhos, energia e esperança, nascido na cidade, mas criado em grande parte no distrito rural, tive o privilégio de conviver e conhecer muitas pessoas daquela comunidade, e também histórias de muitas emoções e significados. Muito ouvi do combate das traíras, em 1894, marco que encontra-se em formato de monumento na estrada que atualmente inicia as terras da minha família. Sempre escutava que Palmas é um distrito abraçado pelo Camaquã, em que o rio muito abasteceu/abastece a comunidade. Outros acontecimentos são repercutidos até hoje, como a ponte que não existia até 1973, muitas pessoas não conseguiam atravessar o rio ao encontro das cidades vizinhas, por esse rio ser rápido e traiçoeiro.

Em seu livro “Palmas da gente: guardados da memória”, Pires (1992), atribui o seu sentimento de pertencimento a aquele lugar, com vários nuances, que misturam o passado e o presente, constituído de narrativas que vislumbram as histórias que se entrelaçam com o espaço-lugar. Em um dos seus trechos, Pires (1992, p. 17), relaciona Palmas como “a existência nas cercanias, de uma ou mais espécies de Palmeira, de quatro mil que constituem a família das palmáceas, entre as quais o nosso popular coqueiro e buriti”. Há trechos também que se referem ao nome de Palmas, ao arroio de Palmas.

Palmas, sendo uma terra de céu azul, campo robusto, com muitas pedras no caminho, é constituída de uma grande árvore genealógica que nos une, desde o século XVIII, quem sabe até antes pelos registros que vão se encontrando ao longo do tempo. Um desses registros foi a concessão de sesmarias à família Simões Pires no Rio Grande do Sul, uma delas situava-se em Palmas, e foi concedida por carta de confirmação de sesmaria, dada na cidade de Lisboa em 30.10.1799 e assinada pelo príncipe D. João VI (PIRES, 1992). Assim, sinalizo o início da ocupação e expansão das terras por muitas famílias na região.

Na década de 90, no século XX, a família da minha mãe construiu um estabelecimento que também era posto de combustível, cerca de 50 km da cidade de Bagé e que servia de ponto de chegada de muitas famílias que moram ou frequentam Palmas. Já a família do meu pai, sempre residiu na zona rural, no distrito de Palmas, na localidade das Traíras. Palmas é constituída de muitos lugares, arroios, que se entrelaçam por histórias e lutas. Minha avó paterna tem hoje 99 anos e ainda mora na região. O fato curioso é que a casa da minha avó ficava a 3 km de distância do estabelecimento da família da minha mãe, o qual hoje não existe mais. Então, minha infância até o início da adolescência, neste lugar, contava com idas e vindas neste percurso quase que semanal, com isso, destaco tudo que vive, observei e registrei em minhas memórias, lembranças e narrativas.

Apesar de ter sido criado em Palmas, morei também na cidade de Bagé, onde iniciei meus estudos. Durante a semana comecei a morar no município e no final de semana na campanha. Neste meu percurso autobiográfico, lembro-me dos meus primeiros anos nas Escolas que frequentei em Bagé, a Escola pública Santos Dumont e na escola Édisson Heraclito Cerezer (atualmente conhecida como Farroupilha), em que cursei todo meu ensino fundamental e, posteriormente, na escola Carlos A. Kluwe, o ensino médio. Era um aluno que não gostava de perder aula e menos ainda chegar atrasado, neste período escolar, participei de muitos eventos, esportes e comemorações da escola, sempre presente em teatros, esporte e lazer, CTG (Centro de Tradições Gaúchas), festas juninas, ajudante de classe, até show de calouros participava, tudo isso reflete até hoje na minha constituição de pessoa, professor e pesquisador.

Quando chego na juventude começo a observar situações que instigam e provocam, e que fazem pensar e questionar, é então que sigo com coragem e determinação em minha caminhada. No ensino médio, como todo jovem, alguns dilemas de futuro são enfrentados, tendo que decidir que profissão escolher, como e quando fazer, e também o que essas minhas decisões impactariam futuramente.

Após esse período de escolhas, ingressei, no ano de 2013, no curso de Licenciatura em Química na Universidade Federal do Pampa - Campus Bagé. Oportunidade que permitiu ficar diante de inúmeras possibilidades de aprendizagens, ensino e pesquisa. Nessa época algumas aulas foram me motivando enquanto estudante, o PIBID aperfeiçoando minha prática como docente e os projetos e estágios obrigatórios, em sala

de aula, tornando minha descoberta e experiências como educador/pesquisador e sujeito crítico/transformador na minha jornada na graduação.

Durante a faculdade participei de atos e movimentos estudantis na cidade, que lutavam contra os cortes na educação, como o fica PIBID em 2015, os cortes das Universidades Públicas no ano de 2019, e alguns atos políticos em 2018 contra o sistema opressor instalado no país, e movimentos em defesa junto à comunidade LGBTQI+, entre outros atos que marcaram minha trajetória como um ser humano preocupado com as políticas instauradas que excluem e segregam as classes menos favorecidas.

A participação junto a esses movimentos despertou o desejo de conhecer a história e trajetória de alguns grupos sociais. Com isso, essas experiências e a proximidade com Palmas, tornaram-me um educador sensível às histórias, interesses, anseios e motivações enquanto professor em sala de aula e pesquisador.

Destaco também os ensinamentos de alguns professores na Universidade, que é um espaço de resistência e transformação na vida de qualquer pessoa, sou imensamente grato aos educadores que encontrei no meu percurso de licenciado. Esse espaço, me proporcionou vivências e experiências, que possibilitaram a afirmação da minha identidade e despertaram uma consciência ética-social diante das questões ambientais, promovendo rupturas com ideias conservadoras e individualistas, avançando em novos saberes e posicionamentos que constituem até hoje minha formação.

Minha história com a EA, emergiu durante o final da graduação em 2017, em contato com a componente denominada “Química Ambiental”, em que pude compreender que meu caminho como educador ambiental e pesquisador estava prestes a iniciar. Ao cursar essa componente, trago a ideia do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Neste trabalho investiguei a abordagem de estudos de caso, como estratégia de ensino, sobre a emissão de poluentes oriundos da queima de carvão mineral de uma usina termelétrica da região, esses estudos foram aplicados em turmas de ensino médio em duas escolas distintas da região da Campanha do Rio Grande do Sul, momento que sinalizo como o início do meu percurso com EA (MACHADO, 2018).

Este momento foi levado pela dúvida, em aplicar o uso de casos investigativos em sala de aula, que contemplem e abordem temas sociais, culturais, ambientais e econômicos, para possíveis aproximações e entendimentos dos discentes quanto ao uso do carvão mineral e seus poluentes para a nossa região. Com isso, busquei nas discussões, o conhecimento sobre as narrativas e dilemas vivenciados por indivíduos que estão

presentes em uma determinada realidade socioambiental, buscando soluções para estes casos junto aos estudantes.

Com o intuito de continuar estudando a EA, e buscar o aprimoramento teórico, metodológico e epistemológico, decidi tentar uma vaga como aluno regular no Programa de Pós-Graduação em Ensino da UNIPAMPA, em que fui contemplado e agraciado. O programa proporcionou a aproximação e conhecimento sobre várias práticas pedagógicas e contextos não-formais voltados a EA, como a componente de Educação Estético-Ambiental, à qual fomentou o desenvolvimento de um olhar sensível e crítico para/com as questões ambientais.

Em uma possível aproximação com o campo da EA, vivenciei no III Seminário de Inovação Pedagógica, as narrativas vivenciadas pelos alunos de uma Escola, no Município da cidade vizinha a Bagé, Candiota. Dilemas foram levantados sobre a emissão de poluentes oriundos do carvão mineral de uma usina termelétrica da região, em uma reconfiguração de saberes como prática de Inovação Pedagógica. A proposta deste trabalho, levou a busca de informações pertinentes quanto às questões socioambientais, políticas e econômicas, discutidas em sala de aula e no contexto não-escolar (MACHADO, 2019).

Nestas idas e vindas da vida acadêmica e do início do meu percurso como pesquisador, me encontro no contexto escolar como Professor da rede pública do Estado do Rio Grande do Sul. Fui agraciado pela oportunidade de exercer minha profissão de formação, no Município de Candiota - RS, na metade do ano de 2021, cidade do Bioma Pampa na região da Campanha. E por coincidências da vida, a Escola que estou, desenvolvi meus estudos de TCC, conforme mencionado anteriormente. É muita vivência e experiência em nossas trajetórias de vida, nas nossas narrativas como sujeitos, diante de um mundo que está em constante transformação.

Diante da minha trajetória, não bastava ser apenas um pesquisador da área de EA, era necessária uma postura de pesquisador/educador/ser humano com a realidade concreta, como uma forma de evidenciar a práxis de transformação como categoria para analisar as ideias que vamos discutir ao longo desta dissertação. Neste processo inicial, e como encaminhamento para início da minha investigação com meus referenciais teóricos à contribuição da professora Juliana Rezende Torres, da UFSCar, na banca de qualificação, contribuiu para delineamentos da pesquisa sobre a vertente voltada à

formação de sujeitos críticos e transformadores, que propiciam uma intervenção na realidade social (TORRES, 2010).

Após essas contribuições iniciais, e os encaminhamentos de escrita e reescrita, no exame de qualificação trago como problemática, a compreensão da EACT, através de práticas de um MS denominado AGRUPA, movimento este que nasceu em Palmas, como evidenciado anteriormente. A partir disso, foi proposto a construção de narrativas dos sujeitos destes grupos, fundamentado, pela pesquisa narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2015). As contribuições apresentadas pela banca permitiram repensar o objeto de estudo, e complementar a EACT a categoria da práxis transformadora.

Neste momento assumo o tempo verbal da primeira pessoa do plural, pois entendo que as construções apresentadas foram produzidas por meio de leituras de teóricos e de interlocução com as orientadoras, e com as pessoas que ajudaram a permitir as narrativas para o desenvolvimento deste trabalho. A partir de uma revisão de literatura, nos deparamos com os textos de Oliveira (2020), Loureiro e Torres (2014), Torres; Ferrari e Maestrelli (2014), Torres (2010) sobre possíveis articulações à luz da categoria práxis transformadora junto a EA.

Pesquisadores como Dias (2003), Carvalho (2004), Loureiro (2005), Gadotti (2008), Tozoni-Reis (2002) e Guimarães (2004) têm se dedicado a problematizar a EA como tendência de diálogo, emancipação e criticidade. Nesse contexto de degradação socioambiental, também assumindo uma perspectiva crítico-emancipatória, Leff (2001) contribui, denunciando o fato de as cidades tornarem-se insustentáveis devido ao seu alto consumo, à desestruturação do entorno ecológico e à superexploração dos recursos naturais. Outros autores, como Layrargues e Lima (2011), ainda contribuem com o campo, elencando macrotendências político-pedagógicas de EA, a saber: a conservadora, a pragmática e a crítica.

A EA como campo teórico vem se consolidando em diferentes perspectivas inovadoras, como um espaço de discussões políticas, econômicas, sociais e ambientais preocupados em um complexo e sensível entendimento das relações do homem/natureza (DIAS, 2003). Por muito tempo as pessoas acreditavam que a EA se limitava apenas a uma visão reducionista (LOUREIRO, 2004), sobre o que era o meio ambiente, o qual era restrito a problemas de senso-comum, em uma compreensão limitada do ambiente, que não incluía ou reconhecia os seres humanos como integrantes.

Por sua vez, o processo de (re) delineamento da pesquisa passou por uma etapa de investigação à luz dos MS, que adotamos como escopo teórico (GOHN, 2000, 2011), e Tres (2006), os estudos que envolvem os MS, estão interligados a EA e a prática da justiça ambiental, que possibilitam o reconhecimento de conflitos socioambientais, bem como a identificação de grupos sociais existentes em diversos territórios, evidenciando práticas e conhecimentos que emergem da luta social.

Os MS se constituem de ações coletivas, de caráter sociopolítico e de transformação social de uma realidade pré-existente que deriva de inúmeras injustiças da nossa sociedade, seja cultural, ambiental, econômica, de classes, de gênero e de exclusão, entre outras que se originam de grupos discriminados socialmente. Entretanto, reconhecemos que os MS, segundo Gohn (2000), não podem ser resumidos apenas pela análise da classe social, outros parâmetros devem ser considerados em sua constituição como movimento de luta, resistência, e de mobilização.

A ação histórica de um grupo social, que está à frente das lutas e revoltas populares, poderá ser considerado um movimento social, como nosso objeto de análise que adotamos dentro do contexto de pesquisa, a AGRUPA (Associação para a Grandeza e a União de Palmas) e a UPP - CAMAQUÃ (Rio Camaquã - União pela Preservação). Ambos se inter relacionam na luta e defesa pelas questões socioambientais da região do Pampa Gaúcho. A autora Gohn (2000, p. 12) nos diz que “tudo que está em oposição a estática, quando se trata de uma categoria dialética, uma ação da classe em movimento, e não um movimento específico de classe, poderá ser considerado um movimento social”.

Dito isso, é necessário lembrar que para entender os MS, deve-se olhar para a estrutura social da nossa sociedade e todas as demandas e carências que acabam sendo geradas pela heterogeneidade e também pelo legado da herança cultural que cada ser humano carrega em sua trajetória. Cabe salientar, que para gerar essa oposição a estática, é necessária diferentes fases de desconstrução e reconstrução pessoal e social, e buscar a práxis de transformação para nos libertamos daquilo que nos impede de ir adiante.

Diante dessa práxis de transformação que buscamos indicar anteriormente, Gohn (2000) nos diz que os MS podem ser de diferentes classes e camadas sociais, e o tipo de ação social é que irá indicar o caráter do movimento. Existem movimentos reformistas, que perpassam pelos alternativos, até os transformadores, são várias as possibilidades e as fontes de inovação, que devemos tratar como as de caráter político-social, ambiental, de uma maneira que não permita isolar esses movimentos.

Após compartilhar um pouco das minhas temáticas adotadas, e que trago novamente nos próximos capítulos, como forma de aprofundamento teórico é que assumo na dissertação a metodologia da pesquisa narrativa, em que através das entrevistas narrativas (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002), exploramos o campo da investigação através da análise tridimensional (CLANDININ; CONNELLY, 2015), emergindo questões, em que os sujeitos contam e recontam suas próprias histórias, experiências e narrativas, rompendo com o método tradicional de perguntas e respostas. Além disso, utilizamos a metodologia “snowball” (BIERNACKI ; WALDORF, 1981), conhecida no Brasil como “Amostragem em Bola de Neve” ou “Bola de Neve” (ALBUQUERQUE, 2009), para o levantamento e coleta de dados, em que o pesquisador pede aos participantes referências de novos informantes que possuem as características desejadas da pesquisa, para que novas informações sejam analisadas até que os objetivos sejam alcançados.

As histórias, experiências, e o envolvimento das pessoas importam nesta caminhada, assim a pesquisa narrativa é uma metodologia importante para a pesquisa qualitativa e social. Vivemos experiências todos os dias, instigamos as histórias que vivemos e compartilhamos com os outros, carregando uma caixa de memórias que vai além da própria subjetividade e tempo, contribuindo para a constituição da nossa própria identidade.

Partindo deste lugar social, a pesquisa narrativa, pressupõe também a participação, interação, reflexão e ação transformadora de uma realidade concreta, em que começamos a experiência em um espaço de vivências, complexidade entre várias pessoas, mas ao mesmo tempo um lugar de pertencimento, coletividade e sentimentos. Essa dimensão de contexto sócio-histórico dos sujeitos que vivem, contam e experienciam suas próprias trajetórias, orientam para uma emancipação de tal metodologia dentro do campo da EACT.

Com o intuito de mapear e elucidar o percurso que se constitui essa dissertação, realizamos um estudo documental entre dois jornais da região da Campanha do RS de forma online, e identificamos e exploramos as redes sociais, como uma possibilidade de pesquisa, para possíveis contribuições para a nossa área de conhecimento e para chegarmos em nossos objetos de pesquisa, conforme vamos abordar na metodologia e nos resultados.

Diante dos questionamentos acima, surgiram falas e discussões que norteiam uma multiplicidade de concepções, posições políticas, práticas pedagógicas e possibilidades dentro do campo da EA juntamente com a práxis de transformação. Essa pluralidade ainda está sendo construída, em conjunto com os MS, principalmente na vertente crítica.

Ainda, pôde-se observar algumas práticas de EA disseminadas na região, que se aproximam de um viés conservador e pragmático, em que as ações pautam-se na transmissão de conhecimentos, sem uma dimensão totalitária e coletiva de uma realidade que se deseja investigar e transformar. Porém, alguns excertos mostraram uma tendência ao diálogo e à união com a realidade concreta a partir de ações que corroboram a EA crítica e transformadora, como as práticas pedagógicas que superam as barreiras tradicionais do ensinar, e também as ações de mudança, como movimento e grupo, preocupadas com a problemática ambiental local.

O modo de compartilhar novas ideias e informações demandam, em diferentes áreas do saber, educadores que acompanhem o ritmo das transformações que vêm ocorrendo na sociedade atual. Segundo Gohn (2011, p. 336) “Na atualidade, os principais movimentos sociais atuam por meio de redes sociais, locais, regionais, nacionais e internacionais ou transnacionais, e utilizam-se muito dos novos meios de comunicação e informação, como a internet”.

É necessário, antes de tudo, reconhecer que os MS se transformam cada vez mais dentro da sua esfera social. Estudos que corroboram com a EA tornam-se um instrumento de construção, em que se explicita os conflitos socioambientais, identificam-se os grupos sociais que existem em diversos territórios e articula-se com a prática e conhecimento que emergem da luta por direitos. Baseado nestes aspectos, pela relevância das temáticas apresentadas, sendo a região da campanha gaúcha existente de muitas questões a serem compreendidas, e por adotarmos uma EACT, torna-se relevante a mobilização desses processos de intervenção sobre a realidade de determinado problema ou conflito socioambiental.

São muitas questões a serem compreendidas e discutidas no cenário atual de nossa região. Por isso, destaca-se a necessidade de que as instituições educacionais, os meios de comunicação, empresas privadas e públicas, indústrias e os MS conheçam e assumam a EA dentro das suas práticas. Nesta perspectiva, os objetivos e problemática de pesquisa se constituem no item 1.2.

Pensando no percurso teórico-metodológico desta dissertação, decidimos, inicialmente, identificar na mídia da região da campanha que MS estão envolvidos em questões socioambientais, por uma pesquisa do tipo documental. Posteriormente, a partir das narrativas dos MS identificados, buscaremos atender aos objetivos específicos b e c. As informações produzidas nessas etapas serão apreciadas pela pesquisa narrativa/qualitativa, ressaltando que a principal fonte de obtenção de informações será por meio das narrativas dos integrantes dos movimentos já citados, que orientam para os saberes mobilizados sobre a EACT. A sistematização da pesquisa foi organizada no item 1.3.

1.2 Objetivos e Questão de Pesquisa

A problemática se constitui a partir da seguinte questão de pesquisa: *Como a EACT se mostra nas narrativas dos moradores de Palmas, integrantes dos Movimentos Sociais AGRUPA e UPP - Camaquã?*

Diante da questão apresentada acima, esta dissertação teve como **objetivo principal**: compreender como a Educação Ambiental Crítico-Transformadora (EACT) se mostra nas narrativas dos integrantes do MS AGRUPA e UPP - Camaquã, moradores do distrito de Palmas, região de Bagé - RS. **Os objetivos específicos** foram: (a) Identificar na mídia, da região da campanha do RS, que movimentos sociais estão envolvidos em questões socioambientais; (b) Analisar os saberes de EACT mobilizados nas narrativas dos integrantes do MS AGRUPA e UPP - Camaquã; (c) Discutir as potencialidades de processos educativos balizados pelas contradições e problemáticas socioambientais da localidade de Palmas.

1.3 Organização da dissertação

Na introdução foram apresentadas as primeiras narrativas da trajetória pessoal e acadêmico-profissional do autor, e a relação com as temáticas adotadas e com a comunidade de Palmas. A trajetória e história de vida fez a aproximação e ligação para emergir os primeiros contatos com a AGRUPA e UPP - Camaquã, para consolidação da problemática levantada anteriormente.

No segundo capítulo é apresentada uma breve retrospectiva da EA no Brasil e no mundo, observando quais foram os principais conflitos, conferências, e tratados que

levaram a comunidade científica a refletir sobre as questões ambientais, que norteiam até hoje o contexto político-econômico-social. Neste capítulo é apresentado também, autores que têm se dedicado a problematizar a EA como tendência de diálogo, emancipação e criticidade. Serão apresentadas as macro-tendências político-pedagógicas conservacionista, pragmática e crítica, propostas por Layrargues e Lima (2014), para em seguida, explicitarmos a macro-tendência crítica, a partir da compreensão de diversos(as) autores(as) do campo da EA.

Ainda neste capítulo, discutimos a EA crítica em diferentes cenários e concepções, que nos ajudam a fundamentá-la na perspectiva da práxis transformadora, que perpassa pelos momentos de diagnóstico, prognóstico e a ação transformadora da realidade concreta (OLIVEIRA, 2020). Diante disso, fundamentamos a EACT no campo da educação e suas abordagens, bem como a influência de Paulo Freire e sua pedagogia libertadora e emancipadora, que orientam e contribuem para o desenvolvimento de EA na perspectiva da manifestação desta práxis voltada à transformação da realidade socioambiental. Abordamos os MS e suas ações, e como se constituem na atualidade e possíveis aproximações com a práxis transformadora e o ambientalismo gaúcho na consolidação de novas práticas em defesa do ambiente natural, com isso, a importância de olharmos para os movimentos presentes em nossa região.

No terceiro capítulo, vamos apresentar a metodologia da pesquisa, em que tecemos conceitos fundamentais para a pesquisa narrativa, em que ao coletar e analisar dados empíricos, utilizamos as entrevistas narrativas como possibilidade. Mostramos também o nosso cenário de pesquisa e os sujeitos, para entendermos o encontro com o objeto da pesquisa.

Além disso, realizamos uma amostragem por “Bola de neve”, no momento da coleta de dados, que nos ajudaram a alcançar os objetivos propostos. Ainda na metodologia de análise, balizamos alguns momentos na teoria crítica, que orientam para a EACT, o diagnóstico, prognóstico e ação transformadora da realidade concreta (OLIVEIRA, 2020). Consideramos, nesta análise, importante assumir tais momentos para possíveis potencialidades na elaboração de processos educativos formais balizados no âmbito dos MS.

Como resultado analítico, o quarto capítulo, é o momento que identificamos nas mídias locais da região da Campanha do RS, os MS que estão envolvidos com as questões ambientais, neste percurso, nos coube responder quais MS são considerados nas notícias

de jornais da região? Quais relações entre EA e MS são estabelecidas na região? E ainda, quais relações entre EA e MS são possíveis perceber? Neste sentido identificamos e exploramos a rede social “*facebook*”, como uma possibilidade de pesquisa também.

No capítulo 5, apresentamos os saberes de EACT mobilizados nas narrativas dos integrantes do MS Agrupa e UPP - Camaquã, assim identificamos nas narrativas apresentadas dos sujeitos, algumas problemáticas e contradições socioambientais. Identificamos também, ações capazes de superar os obstáculos em Palmas. Desvelando na realidade de Palmas um caminho para a realização e efetivação que se aproxima de uma orientação para a transformação da realidade.

No capítulo 6, aproximamos esses saberes emergentes para o contexto formal, em que as temáticas significativas reconhecidas pelos MS são indícios para trabalharmos as problemáticas e contradições socioambientais em sala de aula a partir dos momentos da investigação temática. Diante do que foi discutido e mostrado, argumentamos que os processos educativos balizados pelos MS, são possibilidades para efetivar o diagnóstico crítico da realidade. Por fim, no capítulo 7, apresentamos as considerações finais, com o intuito de responder às questões levantadas nos objetivos e descrever possíveis contribuições para pesquisas futuras.

CAPÍTULO 2 - TRAJETÓRIAS E PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Este capítulo apresenta elementos da EA, bem como aspectos históricos, perspectivas, macro-tendências e a compreensão da EACT na categoria de práxis transformadora. No segundo momento abordamos os MS dentro do contexto da EACT, como também a fundamentação sobre os principais movimentos ambientalistas presentes na região e possíveis relações com EA.

2.1 Contexto histórico e social

A EA teve origem em um contexto histórico, marcado pela industrialização, a crise política, o aumento do consumo, e a desigualdade social, ocasionando transformações ambientais e alterando o modelo de vida (JACOBI, 2006). Em outras palavras, a EA originou-se em um contexto social tumultuado no qual buscava-se questionar as contribuições da ciência e da tecnologia atrelada aos esgotamentos de recursos naturais.

É preciso registrar que a EA sempre esteve presente em nossos discursos e modelos de vida, porém as discussões mais amplas foram aparecendo e se consolidando à medida que os aspectos tecnológicos e científicos se intensificaram, e com isso, vários movimentos acabaram trazendo a denúncia da problemática ambiental no Brasil e no mundo. O homem como ser humano não podia mais contar com a natureza ao seu lado, porque as transições que estavam acontecendo eram grandes e a natureza necessitava de um espaço maior no planeta terra, a natureza começava a pedir socorro e o ser humano necessitava parar, pensar, refletir e se impor diante desse desenvolvimento. Na figura a seguir, trazemos aspectos da trajetória histórica, através de uma linha do tempo, em que alguns eventos e ações importantes para consolidar o campo teórico da EA são destacados.

Figura 2: Trajetória histórica de EA no mundo

Fonte: Autor (2020).

É possível notar na figura 2, que no século XX, alguns acontecimentos já começaram a ganhar espaço, muitos deles na criação de políticas públicas ambientais e documentos que possibilitaram pensar a EA como estratégia de enfrentamento da crise ambiental mundial. Muitas conferências nacionais e internacionais na época tratavam as questões ambientais na ideia de ecologia básica, em que se utilizavam da abordagem salvacionista, quando se tratava do meio-ambiente. Só mais adiante foi discutido proposições de mudanças conceituais na área. Observamos também que após o período da primeira e segunda guerra mundial, um crescimento desenfreado da produção industrial e populacional culminaram em degradações ambientais em uma velocidade alarmante. Os problemas eram vários, de diversas dimensões, a poluição era constante, rompiam cidades, regiões e países. Diante desses acontecimentos emergiram discussões a respeito do efeito estufa, camada de ozônio, chuva ácida, entre outros problemas que assolam até hoje a humanidade.

Com a fundação da Organização das Nações Unidas (ONU), em 24 de outubro de 1945, foi elaborado um documento em forma de carta, assinada por diferentes líderes mundiais e membros das nações unidas, em que a paz e o desenvolvimento mundial, eram primordiais para cessar as guerras e garantir melhores condições de vida e liberdade entre os povos. Segundo o site da ONU:

As Nações Unidas servem como um fórum global onde os países podem levantar e discutir as questões mais difíceis, incluindo problemas de guerra e paz. Além de manter a paz e a segurança internacional, as Nações Unidas protegem os direitos humanos, fornecem ajuda humanitária, promovem o desenvolvimento sustentável e defendem o direito internacional. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2020, p. 1).

Nesta carta, estabeleciam condições e obrigações para promover o progresso social, porém, pouco se era comentado um planejamento eficaz para possíveis mudanças e percepções diante do desenvolvimento industrial que começava a eclodir na época, reafirmando a abordagem “salvacionista”, que repercutiu durante anos a partir das conferências seguintes. Durante a Segunda Guerra Mundial, já se falava nas questões ambientais, os agrotóxicos eram utilizados como arma química e após a guerra passou a ser usado como “defensivo agrícola”. A partir daí algumas consequências desse veneno começaram a ser discutidas e analisadas em ampla escala. Na década de 50, já havia a percepção da inviabilização de recursos indispensáveis à sobrevivência, indicando que a humanidade caminhava para uma crise ecológica (EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 2013).

Na década de 1960, mais precisamente, em 1962, Rachel Carson, publica o livro primavera silenciosa, a qual traz críticas e denúncias aos problemas provocados pelas substâncias tóxicas lançadas indiscriminadamente no meio ambiente, principalmente pela agricultura daquela época, sendo assim, os movimentos ambientalistas começam a aflorar, como símbolos e lutas em meio a um cenário alarmante.

Como parte de um resgate histórico de EA, nas décadas de 60 e 70 várias conferências (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2020), declarações (CZAPSKI, 1998) e documentos (BRASIL, 1999) foram organizadas. Sendo que em março de 1965, na Conferência de Educação da Universidade de Keele, da Inglaterra, colocou-se pela primeira vez a expressão Educação Ambiental, com a recomendação de que ela deveria se tornar uma parte essencial da educação de todos os cidadãos. Porém nessa época, a EA era considerada como uma ecologia aplicada, voltada para a área da biologia e não tinha uma dimensão global em comparação com as conferências que estavam por vir (CZAPSKI, 1998).

Em 1968, criou-se o Conselho para Educação Ambiental, no Reino Unido. Neste mesmo ano, surge o Clube de Roma que, em 1972, produz o relatório “Os Limites do Crescimento Econômico” que estudou ações para se obter no mundo um equilíbrio global

como a redução do consumo tendo em vista determinadas prioridades sociais (EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 2013). Este relatório era um alerta que recomendava o crescimento zero da atividade econômica e da população, como forma de garantir a continuidade da existência da espécie humana do Planeta (CZAPSKI, 1998). O relatório do Clube de Roma concluiu que se as atividades industriais, a poluição desenfreada, a produção de alimentos, a diminuição dos recursos naturais e a tendência ao crescimento populacional continuassem, os limites de crescimento seriam alcançados dentro de cem anos, como resultado, acarretando um declínio súbito da população (BRÜSEKE, 1994).

A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano foi realizada em junho de 1972, contando com delegações de 113 países (inclusive o Brasil), sendo considerada um marco político internacional para o surgimento de políticas de gerenciamento ambiental. Segundo Dias (1991, p. 4), a declaração orientava os governos sobre “a necessidade de estabelecer uma visão global e princípios comuns que servissem de inspiração e orientação à humanidade, para a preservação e melhoria do ambiente humano”. A partir dela a atenção mundial foi voltada para as questões ambientais, constituindo-se assim no dia 05 de junho o Dia Mundial do Meio Ambiente, sendo que um novo plano sobre a visão ambiental era instituído e alianças formadas, alertando a população sobre os riscos de um colapso irreversível no desenvolvimento ambiental (CZAPSKI, 1998).

Após a conferência de Estocolmo, em 1973, e por pressões de várias entidades ambientalistas e também do Banco Mundial, foi criada a Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA) que foi o primeiro órgão governamental que levou em seu título o meio ambiente (DIAS, 1991).

A partir da conferência de Estocolmo, a UNESCO (*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*) decidiu promover em Belgrado (Iugoslávia) um Encontro Internacional em EA onde criou o PIEA (Política Internacional de Educação Ambiental) que formulou alguns princípios, sendo um deles: uma EA continuada e multidisciplinar. Foi deste encontro que saíram as definições, os objetivos, os princípios e as estratégias para a EA, que até hoje são adotados em todo o mundo (EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 2013). Nesse encontro, foram abordadas questões urgentes que precisavam ser discutidas perante a sociedade, a exemplo disso, a carta de Belgrado, de 1975, destaca que:

Governantes e planejadores podem ordenar mudanças e novas abordagens de desenvolvimento que possam melhorar as condições do mundo, mas tudo isto não se constituirá em soluções de curto prazo, se a juventude não receber um novo tipo de educação. Isto vai requerer um novo e produtivo relacionamento entre estudantes e professores, entre escola e comunidade, entre o sistema educacional e a sociedade. É nesse sentido que devem ser lançadas as fundações para um programa mundial de Educação Ambiental que torne possível o desenvolvimento de novos conhecimentos e habilidades, valores e atitudes, visando à melhoria da qualidade ambiental e, efetivamente, à elevação da qualidade de vida para as gerações presentes e futuras. (CZAPSKI, 1998, p. 31).

Nesta carta é possível observar que entre os principais temas propõe-se a erradicação da pobreza e fome, a poluição, o analfabetismo, a exploração, desejo de debates de todo cidadão, trabalhador e professor, visando a qualidade de vida de todos diante da desigualdade instaurada. Além disso, é possível perceber que a carta sinaliza a necessidade de estreitamento na relação aluno, professor, comunidade e escola, tornando a aproximação de EA um subsídio para um currículo mais crítico e emancipador.

Na conferência de Tbilisi, em 1977, alguns pressupostos pedagógicos foram elaborados, estabelecendo que a EA deve considerar não somente a fauna e a flora, mas incluir também os aspectos sociais, econômicos, científicos, tecnológicos, culturais, ecológicos e éticos, configurando assim seu caráter interdisciplinar, crítico, ético e transformador. Considerada um marco da EA e destacando o caráter interdisciplinar, Pelicioni (1998) nos recorda que:

Entre as orientações de Tbilisi destaca-se ainda que a Educação Ambiental deve considerar o meio ambiente em sua totalidade, em seus aspectos naturais e criados pelo homem. Enquanto processo contínuo e permanente a Educação Ambiental, deve atingir todas as fases do ensino formal e não formal; deve examinar as questões ambientais do ponto de vista local, regional, nacional e internacional, analisando suas causas, consequências e complexidade. (PELICIONI, 1998, p. 20).

Estas orientações estão explícitas como uma totalidade de aspectos que a EA deve atingir em seu meio natural, sendo uma área multidisciplinar e interdisciplinar, levando em consideração questões presentes dentro do próprio contexto que o homem está inserido.

Em 1987, a UNESCO promoveu a II Conferência Internacional sobre Educação e Formação Ambiental, em Moscou, na Rússia. Nessa conferência, vários representantes discutiram objetivos e princípios da EA para a década seguinte. O evento serviu também

para avaliar os avanços alcançados e resultados obtidos das ações preconizadas em conferências anteriores. No final da década de 80, pouca coisa havia acontecido e sido estabelecida para EA, em que o clima de preocupação e atraso tomou conta em relação às questões ambientais em muitos países. Na década de 90 algumas discussões começaram a acelerar, principalmente no Brasil, conforme a figura 3.

Figura 3: Trajetória histórica de EA no Brasil



Fonte: Autor (2020).

A Rio-92, e a criação da Política Nacional de Educação Ambiental, foram alguns destaques da década de 90, entre outras. A Declaração Mundial sobre Educação para todos: Satisfação das Necessidades Básicas de Aprendizagem, aprovada na Conferência Mundial sobre Educação para Todos, realizada em Jomtien, Tailândia, de 5 a 9 de março de 1990, reitera: “confere aos membros de uma sociedade a possibilidade e, ao mesmo tempo, a responsabilidade de respeitar e desenvolver a sua herança cultural, linguística e espiritual, de promover a educação de outros, de defender a causa da justiça social, de proteger o meio ambiente [...]” (BRASIL, 2020).

Em decorrência dessa Declaração e por assumir o papel de suprir alguns compromissos como satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem e de desenvolver

uma política contextualizada e fortalecer alguns princípios, em 1991, foi lançada a Portaria 678/91 do MEC, a qual determinou que a educação escolar deveria contemplar a EA permeando todo o currículo dos diferentes níveis e modalidades de ensino. Foi enfatizada a necessidade de investir na formação de professores. Já a Portaria 2421/91 do MEC, institui em caráter permanente um Grupo de Trabalho de EA com o objetivo de definir com as Secretarias Estaduais de Educação, as metas e estratégias para a implantação da EA no país e elaborar proposta de atuação do MEC na área da educação formal e não-formal para a Conferência da ONU sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (BRASIL, 2020).

A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), conhecida como Rio-92 ou Eco-92, chamou a atenção mundial para uma questão nova: a compreensão de que os problemas ambientais estão intimamente ligados às condições econômicas e à justiça social. Reuniu 103 chefes de estado e um total de 182 países e centenas de organizações da sociedade civil cuja ação teve relevante impacto ao demonstrar claramente os limites da exploração dos recursos naturais (BRASIL, 2020).

De acordo com Pelicioni (1998), buscou-se no decorrer do Rio-92, reorientar a educação para o desenvolvimento sustentável, compatibilizando objetivos sociais com as necessidades básicas e a conservação do planeta. A Rio-92 aprovou cinco acordos oficiais internacionais: a Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento; a Declaração de Florestas; a Convenção-Quadro sobre Mudanças Climáticas; a Convenção sobre Diversidade Biológica e a Agenda 21, um documento que propõe novos modelos políticos para o mundo em busca do desenvolvimento sustentável. A Rio-92 objetivou discutir as conclusões e as propostas do Relatório Brundtland – principalmente, o conceito do desenvolvimento sustentável – e comemorar os 20 anos da Conferência de Estocolmo (EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 2013).

O protocolo de Kyoto, criado em 1997, mas entrou em vigor somente em 16 de fevereiro de 2006, constituindo de um tratado complementar à convenção das nações unidas sobre a mudança no clima, definindo metas de redução de emissões para os países desenvolvidos e os que, à época, apresentavam economia em transição para o capitalismo, considerados os responsáveis históricos pela mudança atual do clima. Durante o primeiro período de compromisso, entre 2008-2012, 37 países industrializados e a Comunidade Europeia comprometeram-se a reduzir as emissões de gases de efeito estufa (GEE) para uma média de 5% em relação aos níveis de 1990. No segundo período, entre 2013-2020,

a meta desses países foi reduzir as emissões de GEE pelo menos 18% abaixo dos índices de 1990. Cada país negociou a sua própria meta de redução de emissões em função da sua visão sobre a capacidade de atingi-la no período considerado (BRASIL, 2020).

Em 1999, foi promulgada a Lei nº 9.795, que institui a Política Nacional de EA, na qual, após as discussões na Câmara Técnica Temporária de EA no CONAMA. Seus parâmetros compõem as diretrizes usadas nas demais leis da área ambiental e administrações públicas a nível nacional, servindo de padrão. Por definição, o primeiro artigo preconiza o que se entende por EA. Silva (2016) explica que a EA, conforme definida na Lei Federal n.º 9.795, que instituiu a Política Nacional de EA, caracteriza-se pelos “processos aos quais os indivíduos e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes, bem como competências voltadas para a conservação do meio ambiente, essenciais à sadia qualidade de vida e à sua sustentabilidade” (BRASIL, 1999).

Em 2002, foi realizada na África do Sul, a cúpula mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, também conhecida como Rio+10, essa cúpula servia para discutir planos de implementação que acelerassem e fortalecesse a aplicação dos princípios aprovados no Rio de Janeiro. Johannesburgo demonstrou, também, a relação cada vez mais estreita entre as agendas globais de comércio, financiamento e meio ambiente (LAGO, 2006).

Ainda nesse cenário, foi realizada em junho de 2012, a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável - ou Rio+20. Os estados membros da conferência decidiram lançar um processo para desenvolver um conjunto de objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS), que se baseou nos objetivos de desenvolvimento do milênio e convergirá com a agenda de desenvolvimento pós-2015. A conferência também galvanizou a atenção de milhares de representantes do sistema da ONU e de grandes grupos. Resultou em mais de 700 compromissos voluntários e testemunhou a formação de novas parcerias para promover o desenvolvimento sustentável (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2020).

Ainda em 2012, o Ministério da Educação, pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI/MEC), encaminhou ao Conselho Nacional de Educação (CNE) documento com proposta para o estabelecimento de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (DCNEA) (BRASIL, 2020). As DCNs consideram a transversalidade como uma perspectiva integradora para

se trabalhar em componentes curriculares, nas áreas de conhecimento e nos temas contemporâneos (BRANCO, *et al.* 2018).

De acordo com as DCNs, o Ministério da Educação encaminhou ao Conselho Nacional de Educação (CNE) documento com proposta para o estabelecimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (DCNEA), essa proposta enfatiza que:

A Educação Ambiental envolve o entendimento de uma educação cidadã, responsável, crítica, participativa, em que cada sujeito aprende com conhecimentos científicos e com o reconhecimento dos saberes tradicionais, possibilitando a tomada de decisões transformadoras, a partir do meio ambiente natural ou construído no qual as pessoas se integram. A Educação Ambiental avança na construção de uma cidadania responsável voltada para culturas de sustentabilidade socioambiental. (BRASIL, 2013, p. 535).

Dessa forma, destacamos a importância da EA na perspectiva de uma educação que corrobora com a transversalidade para a integração social, crítica e transformadora, comprometidos com a responsabilidade social e com a prática político-pedagógica capaz de promover um espaço amplo, dialógico e plural para as questões ambientais.

Na assembleia geral das Nações Unidas, em setembro de 2015, são apresentados objetivos e metas, liderados pela ONU. A resolução é um amplo acordo intergovernamental que funciona como a Agenda de Desenvolvimento Pós-2015. Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) baseiam-se nos princípios acordados na Resolução A/RES/66/288, intitulada "O Futuro que Queremos". Este foi um documento divulgado como resultado da Conferência Rio+20 realizada em 2012. No centro estão os 17 ODS, que são um apelo urgente à ação de todos os países - desenvolvidos e em desenvolvimento - em uma parceria global. Eles reconhecem que o fim da pobreza e outras privações devem andar de mãos dadas com estratégias que melhoram a saúde e a educação, reduzem a desigualdade e estimulam o crescimento econômico - enquanto combatem as mudanças climáticas e trabalham para preservar nossos oceanos e florestas (ONU, 2020). Esses objetivos foram adotados por Estados Membros de diversas nações, com a intenção de transformar o mundo para um desenvolvimento mais sustentável em no máximo 15 anos em diferentes áreas cruciais para a humanidade e para o planeta, denominada de Agenda 2030 (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2020).

Apesar das proposições feitas para 2030, os desafios que cercam a relação de sociedade e natureza são muitos, e para a ruptura do modelo econômico atual que é excludente, não basta apenas utilizar-se da possibilidade de um “crescimento econômico sustentável”, visto que, é inviável desenvolver-se no modo de produção capitalista que existe hoje, consideramos a análise de Cavalcante (2020, p. 36) que diz:

[...] Não existe nenhum exemplo de sociedade desenvolvida (Grã-Bretanha, Estados Unidos, Alemanha, Japão, etc.) que chegaram a esse nível há menos de 250 anos. Sustentáveis, podemos dizer, foram as sociedades indígenas no Brasil que tinham 12.000 anos de existência quando os portugueses chegaram aqui. Quem garante que a sociedade americana vai ser como é hoje no ano de 2.250? Ou a chinesa? Ninguém garante, nem mesmo daqui a 20 anos! E daqui a doze mil?

Dito isso, o modelo econômico atual nos leva a refletir que a sustentabilidade está pautada na concentração e exclusão de renda, em que a acumulação de riquezas só gera o aprofundamento das desigualdades sociais e da pobreza. Assim a Agenda 2030 propõe reverter essa situação iminente. Esse modelo afeta de certa forma o meio ambiente e os mais vulneráveis. Logo, é fundamental ultrapassar o que está escrito e ir no caminho da educação e transformação, mas não podemos ignorar o que Leff (2001) discute, reclama e repensa sobre o próprio modelo produtivo atual, cujo motor é o crescimento econômico, cuja muitas contradições não se encontram explícitas na reunião para os ODS.

Alguns problemas assolam diversas áreas que impedem que sejam empregadas tecnologias/investimentos na área ambiental, a realidade mostra que os problemas ambientais ainda são enormes e que o caminho para os solucionar está bem longe. É preciso lembrar que o meio ambiente não se refere apenas às áreas de preservação e lugares paradisíacos, mas sim a tudo que nos cerca: água, ar, solo, flora, fauna, homem, sociedade, etc. Nos dias de hoje lutamos por legislações mais rígidas e por políticas públicas/ambientais que valorizem o espaço que estamos inseridos, além de uma EA totalitária nos currículos escolares, na busca do conhecimento problematizador e crítico-transformador em sala de aula.

Entre os principais problemas ambientais da modernidade está a falta de saneamento básico, segundo dados da ONU (2020), cerca de três em cada dez pessoas — em um total de 2,1 bilhões — não têm acesso a água potável em casa, e seis em cada dez — ou 4,5 bilhões — carecem de saneamento seguro. O desmatamento desenfreado e ocupação do solo leva à extinção em massa de espécies nativas, a cada dia centenas

entram em extinção. Com isso, o interesse econômico das empresas madeireiras, a ocupação por áreas indígenas, a ausente fiscalização das autoridades, levam a uma liberdade imensa pela derrubada das árvores em florestas, sendo que são as mesmas que captam o gás carbônico, ocasionando alívio e refrigeração no ar.

Os altos níveis de consumo e o crescimento populacional desafiam a crise ambiental. A ONU (2020), nos diz que essa expansão populacional e territorial, pode ter implicações em nossa qualidade de vida. Questões estas que dizem respeito à saúde e ao envelhecimento, à migração em massa e à urbanização, à demanda por habitação, ao abastecimento inadequado de alimentos, ao acesso à água potável, entre outras. O rápido aumento da população expõe problemas como o crime transnacional, a interdependência econômica, mudanças climáticas, a disseminação de doenças como HIV/AIDS e outras pandemias, e assuntos sociais como igualdade de gêneros, saúde reprodutiva, maternidade segura, direitos humanos, situações de emergência, e outras.

A população mundial deve crescer em mais de 2,2 bilhões de pessoas até 2050, informa a ONU, e mais da metade deste crescimento (1,3 bilhão) deve acontecer na África subsaariana, onde direitos das mulheres são frequentemente violados por acesso limitado à saúde e à educação, além de uma discriminação de gênero estrutural. Ainda nessa perspectiva, a população mundial está ficando mais velha, com o grupo etário de 65 anos para cima crescendo no ritmo mais rápido, e também nos países pobres, as pessoas estão vivendo sete anos a menos do que a média global (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2020).

A migração tem se tornado um componente principal da mudança populacional em alguns países. Entre 2010 e 2020, 14 países ou áreas terão uma entrada líquida de mais de 1 milhão de migrantes, ao passo que dez países terão uma saída líquida de migrantes de dimensões similares. Algumas das maiores saídas de migrantes são impulsionadas pela demanda por trabalhadores migrantes (Bangladesh, Nepal e Filipinas) ou pela violência, insegurança e conflito armado (Mianmar, Síria e Venezuela). Belarus, Estônia, Alemanha, Hungria, Itália, Japão, Rússia, Sérvia e Ucrânia terão uma entrada líquida de migrantes ao longo da década — o que ajudará a compensar as perdas populacionais causadas por um excesso de mortes em relação aos nascimentos (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2020).

Todas essas questões sobre o crescimento populacional afetam diferentes setores de produção, população e de natureza, seja pela exaustão dos recursos naturais esgotáveis,

seja pela excessiva sobrecarga de poluentes nos sistemas de sustentação da vida, ou também pelo tamanho do desequilíbrio social, trazendo diferentes debates. As soluções para esses paradigmas exigirão compromissos financeiros, mudança institucional, e acima de tudo, uma reorientação dos objetivos de desenvolvimento.

Um dos inúmeros cenários alarmantes para a atualidade, segundo dados da ONU (2020), consiste na emissão sem limites de gases com piora da qualidade do ar pelas inúmeras substâncias tóxicas que são emitidas pelas indústrias, estamos criando um cenário de sufocamento, advindo por diversas partes. O lançamento de gases de enxofre, cada vez mais contribuem para a formação de chuva ácida. As condições do ar em algumas cidades como a China estão se agravando, o CO₂ é considerado um dos maiores vilões. A concentração de gases do efeito estufa tem crescido desde a época da revolução industrial, sendo fruto da queima de combustíveis fósseis, isso tudo implicou no aumento contínuo da temperatura global.

Apesar desse cenário, uma redução temporária das emissões dos principais poluentes, foram sentidas em pequena escala, pois estamos no meio de uma pandemia, ocasionada pela circulação de um vírus, o Coronavírus, caracterizado também como Covid-19, ou seja, é uma doença infecciosa que causa efeitos graves para a saúde e coloca em risco a vida de muitas pessoas. Neste cenário atual, algumas medidas foram tomadas para conter a propagação desse novo vírus, entre essas medidas, encontra-se o isolamento social e a quarentena. Diante da mudança de hábitos populacionais que levou a necessidade do isolamento, reduzindo o fluxo de carros, ao fechamento temporário de algumas indústrias e a desaceleração da economia, contribuíram para a desaceleração dos efeitos nocivos dos gases do efeito estufa no ano de 2020 e 2021, apesar dessa mudança ser pouca perceptível.

Outro desafio não perceptível para muitas pessoas, é o uso de animais para a alimentação, sendo um meio de poluição muito perigoso, até mais que a emissão de poluentes das usinas termelétricas. O cenário é catastrófico diante das mudanças climáticas, uma redução no hábito de consumo de carne, ou seja, a redução na escala pecuária ajudaria a terra a respirar um pouco mais (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA, 2014). A esse respeito a FAO destaca que a indústria pecuária é responsável por 18% das emissões de gases do efeito estufa, considerado o setor mais poluente. Quase dois terços das emissões de gases com efeito estufa provenientes da agricultura vêm do setor pecuário, apesar da dedicação

exclusivamente à questão do dióxido de carbono (CO₂), alguns outros gases, podem ser 23 vezes mais nocivos ao ambiente, como o caso do metano (CH₄), que é produzido a partir da digestão dos ruminantes e liberado para atmosfera.

A exploração e devastação de novos solos para criação de pastos para os gados, leva a utilização excessiva da terra, ocasionando perdas significativas da terra fértil, os biomas são exemplos que sofrem com essa exploração desenfreada, como também a poluição da água, que requer uma enorme quantidade de água para a produção de ração para os gados. Uma das formas de diminuir a concentração desses poluentes seria a recuperação da biomassa vegetal e diminuição do consumo de carne no mundo inteiro, trazendo assim alguns impactos positivos para a atmosfera (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA, 2014).

Nesse sentido, a evolução sobre a EA no mundo é crescente, a procura por discussões e debates na área se fazem necessárias, porém ainda sofremos com diversas questões socio-ambientais-econômicas, faltam políticas públicas, os países não desenvolvidos sofrem com a falta de recursos, países mais ricos estão gastando e desperdiçando mais do que o necessário, a discussão sobre EA é muito mais abrangente. Precisamos estar atentos às nossas escolhas, que possivelmente irão gerar consequências assustadoras no futuro, a evolução sobre EA está aí, através de conferências, reuniões e agendas, mas antes disso tudo precisamos introduzir a cultura da reflexão, do pensar e do agir.

Como foi possível observar a EA surgiu em meio ao contexto de crise ambiental, e moldou-se ao longo de várias décadas, como fruto da demanda de consumo e capital, assim o ser humano teve que adotar uma visão de mundo mais social e prática, visto que os impactos ambientais, se tornavam cada vez mais reais e evidentes. Por muito tempo as pessoas acreditavam que a EA se limitava apenas a uma visão reducionista sobre o que era o meio ambiente, e era restrito apenas a problemas de senso-comum, como aquela velha propaganda de ao “escovar os dentes, fechem as torneiras”, não que assuntos como estes, não sejam essenciais, mas por trás de toda a essência, existe um contexto histórico, social, cultural a ser desenvolvido nessas práticas.

Diante desses fatos, conceitos e práticas, definiu-se EA como um campo de mudança e transformação da/na educação, no sentido da construção coletiva das relações, sejam elas entre a humanidade e a natureza, na busca de justiça social, autonomia, liberdade e de alternativas voltadas ao bem comum. No seu escopo teórico-metodológico,

encontraram-se diferentes tendências e práticas estabelecidas entre a sociedade, a natureza e o indivíduo, que vão desde contextos escolares até os não formais. Dentre as tendências, cabe elencar: a popular; a naturalista; a crítica; a conservacionista; a feminista; a humanista; a pragmática; a reformista; a do desenvolvimento sustentável, entre outras (CARVALHO, 2004).

Pesquisas reforçam que a EA contribui para aquisição de novos conhecimentos, valores, habilidades, experiências e determinação que os tornem aptos a agir e resolver problemas ambientais presentes e futuros” (DIAS, 2003). Outros autores destacam que a EA poderá despertar uma consciência ética que leve o ser humano a construir uma prática social humanizada (TOZONI-REIS, 2002). Amaral (2001) chama a atenção que a EA não pode permanecer no papel, perpetuando-se como teoria, ela deve se tornar uma prática, explorando sua origem em termos filosóficos, epistemológicos e metodológicos.

Na trajetória histórica de EA, e na medida que os movimentos ambientalistas vão se consolidando, percebe-se em um certo momento a busca por uma definição conceitual universal de EA, comum a todos envolvidos conforme Layrargues e Lima (2011), essa busca conduziu uma série de esforços de diferentes universos de conhecimento, práticas, relações pedagógicas, políticas públicas, que interpretavam as relações existentes entre educação, sociedade, ambiente natural construído e sustentabilidade (LAYRARGUES; LIMA, 2011).

Com essa tamanha diversidade, que chega para sustentar e legitimar a abordagem múltipla de EA dentro de diferentes campos, e também da importância das políticas públicas ambientais e dos movimentos ambientalistas dentro da trajetória ambiental, Layrargues e Lima (2011) propuseram três macrotendências dentro do escopo de EA: conservacionista, pragmática e crítica. Estas serão apresentadas de forma detalhada a seguir.

2.2 Educação Ambiental Conservacionista

Sempre existiram muitos caminhos para conceber e denominar a EA, em um conjunto de aportes teóricos e denominações. A abordagem de EA perpassa por muitas visões e realidades, em que muitos dos caminhos encontrados são fragmentados ou fora do contexto de injustiça socioambiental que vivemos, outros caminhos abordam uma totalidade da visão de mundo maior de um sujeito crítico e transformador, são muitas possibilidades e desafios para nos aprofundarmos se quisermos realmente fazer a

diferença. Segundo a pesquisa de Layrargues e Lima (2011) na qual tornou-se nosso arcabouço teórico para trabalharmos essas macrotendências, a conservacionista, denominada por esses autores como também correntes comportamentalistas, da alfabetização ecológica, do autoconhecimento e de atividades de senso-percepção ao ar livre, vincula-se aos princípios da ecologia, na valorização da dimensão afetiva em relação à natureza e na mudança do comportamento individual em relação ao ambiente baseado no pleito por uma mudança cultural que relativize o antropocentrismo.

Quando se inicia o percurso de EA no Brasil, a macrotendência conservacionista começa a se consolidar com suas pautas, baseadas principalmente nos princípios da conservação da natureza, o ser humano e seus interesses sendo externos a natureza, à “pauta verde”, como atividades ao ar livre, que contemplem a biodiversidade, a agroecologia, atividades de ecoturismo, trilhas ambientais, como podemos citar as unidades de conservação e as áreas de preservação dos biomas (LAYRARGUES; LIMA, 2011). Ainda nesse contexto, a EA conservacionista tende a refletir os paradigmas da sociedade moderna, segundo Guimarães (2004) o processo pedagógico fará com que o indivíduo compreenda uma problemática ambiental na qual está inserido e posteriormente vá transformar seu comportamento na sociedade, ou seja, irá mudar percepções frente às dimensões tecnicistas.

Apesar de sua percepção não questionar a estrutura social vigente, essa macrotendência sempre esteve presente nos discursos e falas de “conservação da natureza” e de “conscientização ecológica”, tratando sobretudo de uma preocupação com a “administração do meio ambiente”, sendo de importância histórica para atribuições de EA e se consolidando até hoje ainda em muitas práticas na área (SAUVÉ, 2005; LAYRARGUES; LIMA 2011).

Entendemos que para gerar uma ação que deva transformar e potencializar mudanças, devemos olhar para a intencionalidade que gera o processo educativo, nesse âmbito a EA conservacionista transmite conhecimentos técnicos pautadas na conceitualidade de ambiente e sustentabilidade, não ocasionando muitos aspectos políticos de ação pedagógica, com limitação potencial de transformação social e com respectivos distanciamentos críticos. Esta macrotendência permaneceu dominante até a década de 1990, quando surgiu a macrotendência pragmática, fruto do desdobramento da conservacionista.

2.3 Educação Ambiental Pragmática

Se analisarmos a palavra “pragmática”, ela nos remete a algo mais concreto, objetivo e realista, na qual, defende que os conceitos humanos representam o significado real das coisas, pensando nisso, essa vertente surge da preocupação com a produção crescente de resíduo sólidos e do intenso uso de recursos tecnológicos que decorrem do ecologismo de mercado da hegemonia liberal instituída desde a década de 1980 e no contexto brasileiro desde o governo Collor, sendo assim o cenário pragmático há dominância da lógica do mercado sobre as outras esferas sociais. (LAYRARGUES; LIMA, 2011).

Essa macrotendência se preocupa com o “consumo sustentável”, acreditando que só a força do mercado poderá resolver a crise ambiental institucionalizada e espera a conscientização dos consumidores a fim de um sacrifício que vai além de seu conforto, em favor da preservação do meio ambiente, visto que, como cidadãos, entendemos que os recursos naturais estão em processo de esgotamento, aludindo-se então ao combate, ao desperdício e à revisão do paradigma do lixo que passa a ser concebido como resíduo, ou seja, que pode ser reinserido no metabolismo industrial (LAYRARGUES; LIMA, 2011). Segundo Brügger (2009, p.2):

A educação ambiental tem sido encarada como um conjunto de temas clássicos - como lixo, poluição, extinção de espécies etc. - a partir do qual, supostamente, se discute a questão ambiental e se formam novos valores e atitudes. Mas a EA que se tornou dominante, calcada nesses temas clássicos, tem falhado em sua missão de transformar valores, precisamente porque não vem construindo um ideário verdadeiramente contra hegemônico.

A autora afirma acima, que devemos superar essa visão fragmentada de EA e aprofundar e discutir os paradigmas e visões de mundo que são constituídas nesta macrotendência, porém grande parte das discussões envolvendo estes temas não geram frutos, permanecem superficiais, devido ao atual sistema de fragmentação dos saberes. Além de não questionar o modelo da sociedade de consumo, causado pela crise ambiental. Segundo Brügger (2009) é preciso que os novos currículos movam seus pressupostos filosóficos em direção a uma cultura sustentável, e isso pressupõe questionar exatamente os conceitos que se encontram mais solidamente sedimentados em nossas mentes.

Essa macrotendência traz características complementares que refletem primeiro na compreensão contextual e articulada das causas e consequências dos problemas ambientais e a segunda é a compreensão da busca desenfreada por ações factíveis que

tragam resultados para um futuro mais educado sustentavelmente, tudo isso dentro de um limite que não ultrapasse as fronteiras do realismo político, do economicamente viável. A EA pragmática é considerada uma derivação da conservacionista, no entanto, está adaptada ao atual contexto socioeconômico e tecnológico da sociedade (LAYRARGUES; LIMA, 2014).

Alguns eventos e conferências chegaram a discutir e propor ideias para substituir a EA por Educação para o Desenvolvimento Sustentável. Esse debate, que se iniciara no contexto da Rio-92, se aprofundou após a Conferência de Johannesburgo em 2002, quando a Unesco propôs a Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável para o período 2005-2014 (LAYRARGUES; LIMA, 2014). Algumas críticas e contradições foram estabelecidas a partir dessa Declaração, era inegável a insatisfação por alguns educadores ambientais, visto dos aspectos históricos e identitários que a EA carregava, promovendo sempre a liberdade e autonomia dos indivíduos.

Consideramos que a macrotendência pragmática representa uma evolução da macrotendência conservacionista, porém com algumas adaptações ao novo contexto social, ambiental, econômico e tecnológico, em que aponta para “transformações nos modos de produção e consumo, mas isenta-se, por um lado, da reflexão sobre os verdadeiros causadores da poluição, e por outro lado, da noção de ações coletivas” (OLIVEIRA, 2020, p. 30). Segundo Layrargues e Lima (2011):

Ambas são comportamentalistas e individualistas, mas a forma conservacionista é uma versão mais ingênua e enviesada de grupos mais ligados às ciências naturais que entendem a crise ambiental e a Educação Ambiental dessa maneira, ora porque não têm uma reflexão sociológica da questão ambiental ora porque entendem que politicamente é melhor não misturar ecologia e política, e neste caso, nos referimos a atores ideologicamente interessados em evitar uma perspectiva de conflito na abordagem da questão. (LAYRARGUES; LIMA, 2011, p. 32).

Dito isso, é comum nesta vertente termos como: “consumo sustentável”, “consumo verde”, “tecnologias limpas” e “problemáticas do lixo urbano-industrial”. Assim, o contexto que delimita a EA pragmática é definido atualmente como hegemônica dentro do campo da EA (LAYRARGUES; LIMA, 2014), incapaz de realizar um potencial emancipatório e transformador, que não são orientadas para as relações sociais vigentes e que são contraditórias ao modelo orientado pela EA crítica, assunto da próxima seção.

2.4 Educação Ambiental Crítica

A macrotendência crítica é considerada uma evolução da práxis educativa de algo que era anteriormente conservador e pragmático, trazendo a complexidade para a compreensão e intervenção na realidade socioambiental, segundo Guimarães (2004), essa perspectiva crítica, subsidia uma leitura de mundo mais complexa e instrumentaliza para uma intervenção de transformação da realidade socioambiental vivida.

Ao contrário da EA conservacionista, a crítica questiona e problematiza as contradições dos modelos de desenvolvimento e sociedade, considerando o ser humano parte integrante da natureza. Com isso, essa vertente ainda está no processo de consolidação no campo de EA, mas já é vista com grande entusiasmo nas mudanças de condição contra hegemônica que vivemos, contribuindo para o processo de transformação da realidade.

A EA crítica, muitas vezes, é vista como uma série de fenômenos e correntes de diversas vertentes, algumas delas são: EA transformadora, popular, emancipatória e dialógica, segundo Layrargues e Lima (2011) isso origina-se na revisão crítica da busca por enfrentamentos político de desigualdades e injustiças socioambientais, isso se origina de ideias democráticas, emancipatórias e transformadoras da educação popular, contrária à educação tecnicista, que visa à simples transmissão de conhecimento (CARVALHO, 2004).

Essa concepção é ampla, e atualmente é muito discutida por diversos autores, por se tratar de uma EA que contempla um posicionamento filosófico, epistemológico e pedagógico na perspectiva de uma transformação social e cultural, diferente da macrotendência conservacionista e pragmática, que emergem questões mais individualistas e sem perspectiva no campo social. Segundo Guimarães (2004) o objetivo da EA crítica:

É promover ambientes educativos de mobilização desses processos de intervenção sobre a realidade e seus problemas socioambientais, para que possamos nestes ambientes superar as armadilhas paradigmáticas e propiciar um processo educativo em que nesse exercício, estejamos, educandos e educadores, nos formando e contribuindo, pelo exercício de uma cidadania ativa, na transformação da grave crise socioambiental que vivenciamos todos. (GUIMARÃES, 2004, p. 30-31).

Por essas razões, constatamos que a EA crítica cresceu significativamente na última década, superando o modelo de organização social, político, econômico e cultural hegemônico que se encontra focado na manutenção do *status quo*. Devemos romper com essas armadilhas paradigmáticas, conforme cita o autor acima, devemos romper a perspectiva de uma EA tradicional, para uma EA crítica, que auxilie no processo de um caminho autônomo, emancipador e transformador.

Dentro dos conceitos e evidências de uma EA mais crítica, Tozoni-Reis (2004), defende que enquanto prática social construída historicamente, a educação se torna um espaço de diferentes concepções de mundo, de homem, da sociedade e da natureza, assim:

[...] a educação e a educação ambiental instrumentalizam o sujeito para a prática social, inclusive em sua dimensão ambiental; instrumentalização que poderá ser tão democrática quanto for democrática a sociedade que a constrói e que é construída pelas relações sociais. O princípio educativo não é a ideologia da harmonia, nem o fetiche do conhecimento científico, mas as efetivas necessidades histórico-concretas da sociedade, expressas pela atividade essencial, o trabalho – compreendido em sua amplitude filosófica – tomando como síntese da produção da vida individual e coletiva. (TOZONI-REIS, 2004, p. 145).

A crítica social possui uma postura necessariamente política para a transformação de realidades e, que, delas, emergem projetos de ação em uma perspectiva de emancipação e libertação das alienações. A esse respeito Carvalho e Sato (2009) afirmam que é necessário haver o exercício de ampliar as concepções do aprendizado em panoramas maiores em prol da superação dos saberes do senso comum, sendo importante uma educação que possibilite uma compreensão crítica da totalidade, para mudar realidades pré-estabelecidas.

De acordo com Guimarães (2004), a EA crítica tem a teoria crítica como aporte teórico para a consolidação do conhecimento, que subsidia uma leitura de mundo complexa e instrumentalizada contribuindo para o processo de transformação da realidade socioambiental que é complexa e decorrente de um movimento dialético/dialógico (OLIVEIRA, 2020). De acordo com Loureiro (2005, p. 325), a Teoria Crítica, tem como características:

(1) a análise dos processos de legitimação do Estado na sociedade de consumo; (2) a crítica ao uso ideológico da ciência e da tecnologia na reprodução da sociedade; (3) a negação da neutralidade do conhecimento científico; (4) o exame minucioso da “indústria cultural” que, no capitalismo, fábrica necessidades materiais e simbólicas favoráveis ao individualismo, à

competitividade desigual e ao consumismo; (5) a argumentação em favor da racionalidade emancipatória e da liberdade; (6) a crítica à racionalidade instrumental, por favorecer processos inerentes à acumulação capitalista (eficiência produtiva, quantificação da realidade e dicotomia sociedade-natureza).

Para o autor, essas características são fundamentais na oposição face às tradicionais, que por sua vez, não objetivam uma vinculação com a realidade concreta, em que a neutralidade e a objetividade se fazem presentes. Deste modo, a EA deve ser banalizada no diálogo e na construção do conhecimento acerca dos debates socioambientais, que contextualizem a realidade concreta de cada indivíduo inserido na sociedade.

Nesse sentido, Loureiro (2005) aborda que a adjetivação “crítica”, para a teoria e prática da EA, no que se refere à fundamentação teórica, não está necessariamente vinculada aos autores da Escola de Frankfurt e no referencial marxista, e os que estão afinados pelo uso do método dialético, mas que serve de pressupostos e premissas para qualquer vertente de EA, que divergisse da prática educativa tradicional, “recusando as formas de aceitação passiva da realidade” (LOUREIRO, 2005, p. 326). Ainda neste contexto, muitos autores afirmam que essa adjetivação “crítica”, que Loureiro conota como algo mais abrangente, conduz a um risco, conforme Oliveira (2020) cita abaixo:

[...] conduz ao risco da (re)significação ou (de)significação da “Crítica”, podendo gerar um obscurecimento dos princípios e objetivos da Teoria Crítica, em seu sentido original, ou mesmo à exclusão parcial ou completa da reflexão ou da ação, na relação reflexão/ação, teoria/prática, que é a práxis. (OLIVEIRA, 2020, p. 31-32).

Diante do contexto histórico e social, quando dicotomizados a reflexão da ação, a teoria da prática, a vivência da experiência, podemos excluir uma ou outra dimensão da práxis, logo Oliveira (2020, p. 32) chama a atenção para o risco de se “torná-la acrítica”. Ou seja, correr o risco de uma dimensão que afasta-se da práxis pautada na solidariedade, emancipação, autonomia e transformação.

As teorias críticas tornam o ensino como elemento principal de transformação social, com isso, nos debruçamos a conhecer mais sobre à EA crítica e como ela vem desempenhando um papel fundamental, visto que, no Brasil essas vertentes denominadas críticas tiveram suas consolidações em dois aportes: o primeiro, chamado de Pedagogia Histórico-Crítica, inspirada em Karl Marx no materialismo dialético, que compreende a história a partir do desenvolvimento material, de determinações das condições materiais

da existência humana. Loureiro (2005) apresenta o método dialético, que é o método da Teoria Crítica, como sendo:

[...] um caminho de pensar e agir relacional e integrador voltado para o entendimento das múltiplas determinações e contradições que definem a história, num contínuo movimento, e para a transformação social, pensando esta como sendo a vinculação entre mudanças objetivas, subjetivas, culturais e da estrutura econômica. (LOUREIRO, 2005, p. 327).

Na obra citada, o autor afirma que o método dialético fundamentado na Teoria Crítica, se manifestou nas tendências pedagógicas denominadas de “pedagogia crítica”, “pedagogia freireana” e de “cunho libertário”, destacando Paulo Freire, Moacir Gadotti, Carlos Rodrigues Brandão, Miguel Arroyo, entre muitos outros educadores (LOUREIRO, 2005). No contraponto a esse argumento, a pedagogia de Paulo Freire, possui caráter libertador e emancipador, intitulada “pedagogia libertadora” ou “pedagogia freireana”, diferenciando-se das demais pedagogias críticas marxistas e considerada o segundo aporte da teoria crítica (OLIVEIRA; TORRES, 2020, 2014).

De acordo com Torres (2010), a vertente crítica de EA tem como objetivo a “construção de conhecimentos e práticas que conduzam à emancipação e à transformação cultural e social” (TORRES, 2010, p. 27). Assim nesse âmbito, a autora em sua tese, aplicada ao contexto escolar e na perspectiva freireana, busca em sua visão por:

[...] abordagens teórico-metodológicas que garantam o desenvolvimento da EA como processo educativo permanente por meio de processos formativos, práticas curriculares e didático-pedagógicas transformadoras, tendo em vista à formação de cidadãos críticos que sejam atuantes no processo de transformação das sociedades às quais pertencem. (TORRES, 2010, p. 28).

Ao compreendermos essas abordagens, consideramos a não-neutralidade do sujeito/aluno no processo de ensino-aprendizagem, propiciando uma intervenção crítica da realidade, assim Torres (2010) ressalta a importância da não dicotomização da teoria e prática, ao mesmo tempo em que pressupõe a atuação de cidadãos críticos na transformação das sociedades, sendo um pressuposto da teoria crítica.

Existem diversas concepções e teorias que caracterizam a EA crítica, conforme abordamos, e visto essa tendência no contexto escolar e também para os contextos não-escolares, alguns autores acabam utilizando a EA crítica como transformadora, por ser também de uma base marxista e estar presente em diversos discursos, além de propiciar

a construção de concepções de mundo que estejam abertas a diálogos e compartilhamentos que convidem a pensar, discutir e transformar o sujeito dito como “neutro”.

Segundo Torres (2010) a perspectiva crítica de EA está sendo, gradativamente, assimilada no contexto da elaboração e implementação das políticas públicas brasileiras voltadas à EA, cuja concepção educacional de Paulo Freire mostrou ser uma das possibilidades de fundamentação teórico-metodológica no âmbito desta vertente, de modo a efetivar a EA em uma perspectiva Crítico-Transformadora. No campo da educação e suas abordagens metodológicas, a influência de Paulo Freire e sua pedagogia libertadora e emancipadora, contribuem para o desenvolvimento de uma EA Crítico-Transformadora (EACT). Neste contexto, a contribuição efetiva da educação escolar, voltada à EACT:

[...] compreende-se por *cidadão crítico e transformador*, o sujeito escolar formado para atuar em sua realidade no sentido de transformá-la, ou seja, o sujeito consciente das relações existentes entre *sociedade/cultura e natureza*, entre *homens-mundo*, entre *sujeito-objeto*, porque se reconhece como parte de uma totalidade e como sujeito ativo do processo de transformações sócio-histórico-culturais. (TORRES, 2010, p. 28, grifos da autora).

Por esse motivo, a perspectiva educacional freireana é fundamental como base teórico-metodológica da EACT, por estar engajado com as transformações das situações vividas de opressão e desumanização, visando assim a problematização da sua própria realidade. No próximo item, vamos aprofundar nossa discussão acerca das reflexões que norteiam e permeiam as relações entre natureza, sociedade e cultura, e a relação com a práxis transformadora.

A EA advém de uma bagagem histórica relevante para o nosso contexto e cenário atual, desde os movimentos sociais, grandes conferências e teorias críticas e pedagógicas, por isso, ela é vista como um processo de politização na qual os princípios de cidadania e democratização necessitam adequar-se para só assim termos o estabelecimento de novos patamares de relações entre sociedade/natureza.

A crise ambiental emerge de um processo histórico produzido pelos próprios seres humanos, é fruto do esgotamento dos recursos naturais e da construção material, econômica e política que desestrutura a nossa sociedade, sendo assim, concordamos com Oliveira (2020) que para compreender a teórica crítica, devemos olhar para essa realidade

que não pode ser explicada como resultado de um processo natural, e sim de um processo de construção histórica. Em síntese, em nossa discussão, apresentamos e refletimos a respeito das três principais macrotendências de EA, a figura 3 traz um resumo das macrotendências:

Figura 4: Resumo das macrotendências abordadas



Fonte: Adaptado de Layrargues e Lima (2014).

A conservacionista está vinculada na sensibilização das pessoas, quanto aos cuidados com o meio ambiente, ou seja, a reflexão de como devemos cuidar e amar o espaço/natureza que ocupamos. Na pragmática a visão é mudar alguns setores da sociedade, mas o consumo e o capitalismo são impostos, não se tornando uma EA emancipatória, destacamos ainda que ambas as vertentes ambas são comportamentalistas e individualistas (LAYRARGUES; LIMA, 2011). Consolidando as três macrotendências, destacamos a EA crítica tem como objetivo principal a criação de uma sociedade libertadora, democrática e emancipatória, assim, sendo contra o atual sistema capitalista e opressor.

Sendo assim, buscamos aportes que subsidiem uma EA em transição da pragmática para uma crítico-transformadora. Ao longo dos anos observamos debates, MS

e políticas que caracterizam a fala desta corrente, com isso, consideramos a urgência de ponderar as questões socioambientais, as problemáticas locais e propor ações baseadas na transformação social, tendo em foco, que a realidade posta exige um enfoque emancipatório.

2.5 Possíveis articulações com a práxis transformadora em Educação Ambiental

Neste item será apresentado as possíveis concepções e articulações teórico-metodológicas a partir dos pressupostos da Teoria Crítica que contribuem para a construção da EA crítica à luz da práxis transformadora, e como a EACT se desenvolve a partir dessas perspectivas. A EA como campo de mudança e transformação, tem sido marcada por visíveis e sensíveis pensamentos na sua fundamentação teórico-metodológica, que se caracteriza por diferentes tendências, aprofundamentos e práticas estabelecidas entre a sociedade, natureza e indivíduo. Sendo assim, a EA crítica tem despertado uma consciência ética aos problemas socioambientais locais e globais, que tem se nutrido dos pensamentos freireanos e dos princípios da educação popular e teoria crítica dos autores marxistas, para contrapor a visão reducionista, fragmentada e redundante que se tem reproduzido na sociedade (LAYRARGUES; LIMA, 2014).

Uma sociedade moldada pelo individualismo não objetiva a transformação de uma realidade existente, pois busca a neutralidade, abstraindo-se das questões sociais e emancipadoras, para a teoria crítica se faz necessário o uso da práxis transformadora, visto que o modelo político-econômico-social é desestruturante, e nos debruçamos a conhecer sobre a EA crítica e como ela vem desempenhando um papel fundamental da práxis.

As variáveis e abordagens de cada indivíduo diz muito sobre o entendimento e luta que determinará cada ação. Para tornar concreta uma investigação de um determinado objeto de estudo, significa que devemos analisar as qualidades e fenômenos estudados, Oliveira (2020) nos diz que sem essa possibilidade qualitativa, não vamos promover nenhuma transformação da realidade concreta que estamos estudando, sendo assim:

Investigar rigorosamente a realidade concreta, em busca das potencialidades melhores que se apresentam como forças contra hegemônicas. Após a identificação das potencialidades, torna-se necessário investigar quais são os fatores que atrasam ou impedem a materialização dessas potencialidades. Tais fatores são os obstáculos a serem transpostos na busca pela superação das contradições do sistema capitalista. (OLIVEIRA, 2020, p. 44).

Diante de uma realidade que necessite de uma ação e investigação, em busca de contradições sociais vividas, que acabam impedindo a superação de obstáculos que são impostos e transpostos por esse sistema capitalista, se faz necessário que o **diagnóstico**, o **prognóstico** e **ação transformadora** da realidade concreta estejam evidenciados na práxis.

É importante notar, que a práxis torna-se como um movimento que se volta às relações sociais, para sociedade, e também para outros âmbitos, como político, econômico e ambiental. Na sua dissertação Oliveira (2020) nos diz que a práxis é um movimento que busca superar as contradições, já nas obras de Freire (2017, p. 52), “a práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido”.

Nesta práxis que possibilita a ação e reflexão do homem no seu mundo, alterando o modo histórico e complexo que as relações entre indivíduos e grupos tem se estruturado até hoje, Freire tem destacado em suas obras, a relevância da práxis sobre a realidade sócio-histórico-cultural vivida a ser transformada e o posicionamento crítico do sujeito, vinculadas por exemplo a uma educação libertadora e emancipadora.

Neste sentido, Freire tem colaborado no campo Marxista, a partir da unidade entre reflexão e ação, ou seja, da não-dicotomização entre teoria e prática, pressuposto da Teoria Crítica, herdado do pensamento marxiano (OLIVEIRA, 2020). Assim, Freire reconhece que a realidade é resultado da construção histórica do trabalho humano e da natureza, em que para transformar a realidade e construir novas ideias e concepções, devemos estar abertos a diálogos e compartilhamentos que convidem a pensar, discutir e transformar o sujeito dito como “neutro”.

A Teoria Crítica preconiza uma série de aspectos importantes em torno de uma realidade concreta e existencial, com isso, um diagnóstico do problema presente, permite mostrar possíveis obstáculos, superações e potencialidades. Este diagnóstico prevê que façamos uma pesquisa sociocultural da realidade concreta por meio de diálogos, interações e narrativas com nossos sujeitos de pesquisa, problematizando suas falas, o que pensam, e como se percebem no mundo e na sua realidade, para que dessa interação, se obtenha os Temas Geradores (FREIRE, 1987).

Já o prognóstico, mostra as ações capazes de superar os obstáculos e a realidade levantada no diagnóstico, que busque olhar para as diferentes áreas do conhecimento,

para se pensar o que será realizado para superar essa realidade. Os temas geradores levantados anteriormente, se deparam com o prognóstico crítico da realidade concreta, que acaba refletindo sobre Freire e os temas socioambientais. Tendo em vista esse prognóstico, os Temas Geradores, procuram estabelecer “quais são os conhecimentos científicos necessários para a superação da visão ingênua da realidade concreta, por parte dos(das) educandos(as), que será a teoria necessária para a superação da contradição socioambiental” Oliveira (2020, p. 69). Sendo assim, esta etapa irá se culminar no processo de elaboração de programas e ações críticas.

Por último, a ideia de ação transformadora que pode ser relacionada a efetivação das ações críticas, voltadas a buscar a transformação da realidade. Nesta etapa começa-se a problematizar as visões do mundo, em torno do tema gerador, para levantar os conhecimentos universais sistematizados, para em um último momento possa se pensar nas contradições socioambientais. Vale destacar que muitas vezes a ação de transformação não chega a ser realizada, mediante a situação da realidade que se busca transformar.

Ressaltamos que ao explicitar os 3 momentos importantes que a Teoria Crítica carrega em seu escopo: diagnóstico, prognóstico e ação transformadora, encontramos na dissertação de Oliveira (2020) algumas compreensões que perpassam pelas obras de Paulo Freire, que explicita na sua obra pedagogia do oprimido, cinco momentos para o que denomina de investigação temática. Diante desse processo, Oliveira (2020, p. 56) destaca que:

Os três primeiros momentos da investigação temática pode ser compreendido como diagnóstico do tempo presente, ou seja, a realização de uma pesquisa sociocultural na comunidade investigada para o levantamento das contradições sociais vividas/percebidas (1º momento), seguida de sua posterior análise, codificação (representação via códigos) e problematização junto aos educandos e educandas (2º momento), para em um 3º momento realizar um círculo de investigação temática via diálogos descodificadores, para a legitimação ou não das contradições sociais como temas geradores e sua posterior articulação aos temas opostos (os quais acenam para possibilidades de superação das contradições sociais).

Estes momentos de investigação, nos leva a compreender que podemos levantar um diagnóstico da realidade vivida e das contradições sociais de um grupo ou movimento social pertencente, em que posteriormente, analisamos e problematizamos junto com esse movimento codificações que será transformado em diálogos descodificadores e articular com possíveis temas ou possibilidades de superação das contradições encontradas

naquele local. Com relação à ideia de prognóstico da Teoria Crítica corresponderia ao que Freire denomina Redução Temática, compreendendo:

[...] a sistematização de uma rede de relações parte-todo-parte no que tange à relação entre conhecimentos fatalistas de educandos(as) e conhecimentos sistematizados das diferentes áreas (de domínio de educadores(as)), bem como à relação entre microestrutura (local) e macroestrutura social (global), tendo em vista a elaboração de conteúdos programáticos interdisciplinares (4º momento). Por fim, a ideia de ação transformadora pode ser relacionada à posterior efetivação de práticas educativas contextualizadas e críticas voltadas à transformação da realidade (5º momento) – ao que Freire denomina círculo de cultura. (OLIVEIRA, 2020, p. 56).

Na redução temática, o prognóstico vai estar voltado ao 4º momento, que visa as relações e sistematizações geradas a partir da conversa com os sujeitos da pesquisa, isso se dá a partir das elaborações de atividades. E por último, a efetivação dessas atividades através de círculos de cultura, que visem a emancipação e transformação da realidade estudada.

Considerando a EA crítica como uma vertente voltada à formação de sujeitos críticos e transformadores, e da importância das práticas e contribuições que propiciem uma intervenção da realidade social, destaca-se a Educação Ambiental Crítico-Transformadora (EACT) (TORRES, 2010; TORRES; FERRARI; MAESTRELLI, 2014), que fundamenta-se na concepção educacional freireana via fundamentos da abordagem temática freireana (ATF) (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2002; SILVA, 2004), que, por sua vez, emergem das categorias de dialogicidade, problematização e conscientização.

A pesquisa de Torres (2010) mostra a dinâmica da abordagem temática freireana a partir do trabalho pedagógico que é realizado com temas geradores, com vistas a uma possível articulação teórico-metodológica para uma dimensão de uma EA crítica no campo escolar. Os temas geradores (FREIRE, 1987) são instrumentos que sintetizam as contradições/situações existenciais vivenciadas numa determinada realidade social. Para Oliveira (2020, p. 69), eles “procuram estabelecer quais são os conhecimentos científicos necessários para a superação da visão ingênua da realidade concreta, por parte dos(das) educandos(as), que será a teoria necessária para a superação da contradição socioambiental”.

Nesse contexto, as práticas da ATF, que poderá vir a contribuir para os temas geradores, têm se consolidado na construção das relações entre o homem e a natureza,

com o objetivo de transformar a sua realidade concreta. Com isso, o desenvolvimento desse processo pode estar alicerçado a uma EACT por possuir elementos que corroboram a ação-reflexão de sujeitos críticos e transformadores, propiciando a ação e reflexão, além da construção de concepções pautadas nas relações homem-mundo.

A ATF que pode ser balizada por temas geradores, a partir da estruturação de conteúdos condizentes com as situações e contradições existenciais e vividas de uma realidade concreta, assume dimensões epistemológicas, educativas e didáticas dentro da dinâmica escolar, que também poderá ser adotado em outros contextos não-formais. A ruptura que está pautada na dialogicidade e problematização em torno dos temas geradores, requer uma investigação do problema apresentado, em que as situações-limites existenciais dessa realidade concreta, pode ser compreendida e possa vir a se tornar uma ação transformadora, que possibilite uma educação mais crítica, dialógica e emancipadora.

Assim, podemos orientar a EACT nos três momentos discutidos até agora: “o diagnóstico crítico da realidade concreta, prognóstico crítico da realidade concreta e ação transformadora na realidade concreta”. O sujeito dentro de sua realidade concreta consegue se reconhecer como próximo das ações de transformações que acabam ocorrendo na sua comunidade, a partir de uma construção sócio-histórica e cultural, podemos dizer então, que esses momentos buscam reconhecer as contradições socioambientais, os espaços de limitação, opressão e categorização, tudo isso atrelado a ação e reflexão para com o outro. Na figura a seguir, destacamos a síntese da Teoria Crítica discutida até aqui, abordando as premissas e fundamentos teóricos que foram culminando no processo praxiológico transformador.

Figura 5: Síntese da teoria crítica



Fonte: Autor (2021).

A práxis transformadora se faz presente em várias perspectivas, ações e práticas teórico-metodológicas da EA, sendo estruturante e necessário em diversas ações para reconhecer uma totalidade, não se apropriando apenas do processo teórico/prático. Abordamos a urgência de usar essa práxis nos MS e políticas que caracterizam problemáticas locais e propor ações baseadas na transformação social, tendo em foco, que a realidade posta exige um enfoque emancipatório e crítico. Destacamos no item a seguir o histórico e contexto político-social dos MS, e as possíveis relações com a EACT.

2.6 Aproximações com os Movimentos Sociais e o Ambientalismo

A história do Brasil e do Mundo é marcada por lutas e revoltas populares, que se constituem de um marco de grandes conflitos e debates, em busca da liberdade, igualdade, equidade e democracia. No cenário atual moderno e dito como globalizado, o conflito social mudou, em virtude da realidade político-social-econômica, do objeto de exploração, da produção industrial, das contradições sociais vivenciadas na modernidade, da diversidade e das diferentes identidades culturais.

Apesar das mudanças nos últimos anos, com a chegada de novos meios de comunicação, e de novas leis implementadas, a sociedade ainda insiste em repetir as mesmas histórias do passado, com discursos incoerentes, segregação e exclusão, tornando

o mundo hegemônico e com uma imensa desigualdade, a seguir vamos abordar uma breve trajetória dos MS e autores que fundamentam esse campo, com ênfase nos movimentos que se autodenominam ambientalistas.

Os MS no Brasil têm se caracterizado por incessantes lutas contra a exploração econômica e principalmente pela exclusão social. Em nossa memória desde o Brasil Colônia, os pertencentes as classes menos favorecidas, escutadas e discriminadas, como os negros, índios, mestiços, pobres, imigrantes, comunidade LGBTQI+, mulheres, lutam contra o patriarcado e o sistema que oprime (GOHN, 2000).

Uma lista das lutas mais famosas no Brasil, desde o século XVI que acabam percorrendo a fase do Brasil Colônia, império, marcando todo País e que são comentadas até os dias atuais, principalmente nas aulas de histórias: Zumbi dos Palmares (1630-1695), Inconfidência Mineira (1789), Revolta dos Malés (Bahia, 1835), Revolução Praieira (Pernambuco, 1847-1849), Revolta de Vassouras (Estado do Rio, 1858), Guerra de Canudos (1896), estes são alguns exemplos mais conhecidos de MS que vamos nos deter e que marcaram o País até o século XX (GOHN, 2000).

Nas primeiras décadas do século XX, ocorreram revoltas que reivindicavam serviços básicos à população, como urbanização e políticas públicas locais, tal como a Revolta da Vacina (1905), Revolta da Chibata (Rio de Janeiro, 1910), Revolta do Contestado (Paraná, 1912), ligas contra o analfabetismo (1915), na década seguinte surgem várias lutas e movimentos das camadas médias da população e revoltas de militares, bem como movimentos messiânicos e de cangaceiros no sertão nordestino do país, liderado pelo padre Cícero no Ceará (1926) e por Lampião na Bahia (1925-1938) (GOHN, 2000).

Manifestos a favor da educação eclodiram na década de 30, como o movimento dos pioneiros da educação (1932) que tinha como objetivo reivindicar novos ideais de educação e a luta contra o empirismo dominante na época. O golpe do Estado Novo em 1937, liderado pelo ex-presidente Getúlio Vargas, amorteceu os conflitos sociais pelo controle via repressão, centralizado no poder, nacionalismo e autoritarismo, na década de 40 são criadas várias sociedades, fruto da expansão da urbanização do período (GOHN, 2000).

Nos anos 60, sucederam algumas greves que culminaram em dois movimentos que são considerados segundo Gohn (2000) como os antecessores dos atuais sem-terra: as Ligas Camponesas do Nordeste e o Movimento dos Agricultores Sem-Terra

(MASTER), no sul do País. Em 1964, o golpe militar pôs fim a um ciclo de mobilização e organização popular. Apesar da opressão estabelecida na época, foi no período militar a efervescência dos MS no país todo.

Com o governo militar no poder, muitas manifestações eram reprimidas com violência e tortura, no sentido de impedir a luta de muitas pessoas por direitos básicos, como saúde, moradia, alimentação, reconhecimento de seus valores, cultura e tradição. Sendo assim, cada movimento ao longo dos anos foi forjando sua identidade, formas de atuação, discursos, reivindicações, pensando uma nova forma de fazer política e ganhando espaços na mídia em busca de uma nova sociedade.

Na década de 70, o movimento ecológico se consolida, em plena ditadura militar, que junto com os movimentos estudantis e sindicais, trazem a denúncia sobre a degradação ambiental, principalmente pela preocupação do excessivo uso de agrotóxicos e todos os problemas emergentes causados pelo próprio ser humano. No capítulo anterior abordamos um pouco a trajetória da EA e dos movimentos ambientalistas.

No período das diretas já, considerado marco na história sociopolítica do Brasil, foi declarado o fim do regime militar instaurado por anos, o país se mobiliza por uma nova constituição, assim os MS começaram a ganhar força nas políticas públicas e na mídia. A reivindicação de novos direitos e leis, ganham força, e as conquistas sociais dos trabalhadores, estudantes, mulheres, índios, e dos LGBTQI+ começam a ganhar notoriedade (GOHN, 2000).

Apesar dos avanços, a crise internacional já havia se espalhado no mundo inteiro nos anos 90, os sindicatos passavam a lutar contra as políticas de exclusão social do governo, reivindicando pautas importantes para os trabalhadores, que lutavam por condições de trabalho e melhores salários. Neste cenário, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), criado nos anos 80, ganha as manchetes da mídia e torna-se o agente principal do conflito social do país e da resistência contra as reformas constitucionais (GOHN, 2000).

Na década de 1990, os fóruns de ONGs e os movimentos ambientalistas se preparavam para a conferência mundial da Rio-92. Neste mesmo período vale destacar também o movimento popular conhecido como os “caras pintadas” em torno do impeachment (1992) do ex-presidente da República Fernando Collor de Melo. Sendo assim esse período foi também:

[...] de crescimento e consolidação de vários movimentos sociais rurais, com o Movimento dos Sem-Terra (MST), o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), Movimento das Mulheres Agricultoras (MMA), Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), dentre outros, e do aumento das articulações interorganizacionais desses atores entre si e com outros movimentos sociais urbanos, latino-americanos e globalizados. (SCHERER-WARREN, 2008, p. 13).

O século XXI é marcado pela reorganização de novos movimentos à cena da política nacional, em defesa da autonomia e do fortalecimento da articulação social. Os movimentos Indígenas realizam várias marchas em defesa da demarcação de suas terras, os estudantes voltam às ruas em defesa da educação. As greves dos professores acontecem em diversos graus do ensino, os caminhoneiros contra as altas taxas de diesel, as mulheres na luta incessante por direitos iguais, o movimento negro e LGBTQI+ lutam por um país sem discriminação, o mundo acabou mudando, mas algumas questões acabam sempre se repetindo, assim isso tudo resulta:

[...] em um cenário contraditório em que convivem entidades que buscam a mera integração dos excluídos, por meio da participação comunitária em políticas sociais exclusivamente compensatórias, com entidades, redes e fóruns sociais que buscam a transformação social por meio da mudança do modelo de desenvolvimento que impera no país, inspirados em um novo modelo civilizatório no qual a cidadania, a ética, a justiça e a igualdade social sejam imperativos, prioritários e inegociáveis. (GOHN, 2011, p. 356).

Tudo isso compõe o universo dos MS, que realizam diagnósticos sobre a realidade social, atuando em redes e construindo ações que agem como resistência à exclusão e luta pela inclusão social. Tanto os movimentos atuais, quanto os de antigamente têm construído representações fortes e simbólicas, por meio de discursos e práticas (GOHN, 2011). Caracterizados pela luta incessante de buscar conquistas que evidenciam a práxis humana, pela luta do bem comum, da igualdade, rompendo com as formas tradicionais, e abrindo novos espaços para o confronto e a negociação, os movimentos ambientalistas acabam aparecendo entre os principais conflitos sociais que articulam a tomada de decisão e a teoria crítica relativa à apropriação da natureza e à participação social no gerenciamento ambiental e territorial (TRES, 2006).

Um olhar mais atento ao campo social, propõe segundo Tres (2006) uma ruptura com as formas tradicionais de organização, abrindo novos espaços para informações, confrontos e negociações, sendo assim, Jacobi (2003, p. 01) diz que “o ambientalismo brasileiro tem assumido uma crescente influência na formulação e implementação de

políticas públicas e na promoção de estratégias para um novo estilo sustentável de desenvolvimento”.

Algumas lutas e conferências, começaram a se destacar dentro dos movimentos ambientalistas, como a conferência de Estocolmo, em 1972, sendo um marco para o ambientalismo mundial, a conferência das Nações Unidas denominada de “Eco-92” ou também conhecida como “Rio-92”, realizada na cidade do Rio de Janeiro. Com a formação de diferentes movimentos ecológicos, ainda ocorreram lutas e reivindicações contra o industrialismo, poluição, armas, e debates importantes que questionam o modo de vida que a sociedade tem levado. No capítulo anterior conseguimos explorar um pouco desses movimentos, que são considerados um marco na EA.

No estado do Rio Grande do Sul, o ambientalismo gaúcho tem se preocupado com diferentes setores, a exemplo da luta dos pequenos agricultores, dos movimentos indígenas e pela exploração da biodiversidade local por meio da instalação de mineradoras e hidrelétricas em determinadas regiões. Um fator salientado é a quantidade de associações/organizações ambientais existentes, conforme a listagem de algumas instituições: a Secretaria Estadual do Meio Ambiente do Rio Grande do Sul (SEMA/RS), Cadastro Nacional das Entidades Ambientistas (CNEA) e a Assembleia Permanente de Entidades em Defesa do Meio Ambiente do Rio Grande do Sul (APEDEMA/RS).

A partir dos dados disponíveis em tais listagens, estima-se segundo dados da Sema (2021) que o RS conta com 23 unidades de conservação estaduais e 36 municipais sob administração pública, além de reservas particulares do patrimônio natural e estadual que abrangem o bioma pampa e mata atlântica. Em relação ao CNEA (2021) há 49 organizações cadastradas e segundo dados da Apadema/RS (2021) há 39 organizações (entidades, associações, grupos, fundações, etc.). Com base nessas informações é possível perceber que há apenas uma entidade cadastrada na região da campanha, a União Pedritense de Proteção ao Meio Ambiente (UPPAN).

Vale destacar que, em 1955, foi fundada a UPAN (União Protetora do Ambiente Natural) pelo naturalista Henrique Roessler em São Leopoldo – RS. Atuante na defesa do ambientalismo gaúcho por anos, tendo o objetivo de defender a natureza, com um legado de militância pelas suas iniciativas pioneiras. Após 8 anos de seu falecimento um grupo de ativistas influenciados pelos pensamentos de Roessler, fundaram, no dia 27 de abril de 1971, a AGAPAN (Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural em Porto Alegre/RS). Sendo assim, de acordo com Pereira (2011, p. 131):

Em seu Programa de Luta (AGAPAN, 27/04/1971), constava que a entidade defenderia a natureza ameaçada, nas formas de fauna, vegetação, solo, atmosfera, águas, lutaria pela salvação da humanidade da destruição, e pela promoção da ecologia como ciência da sobrevivência. Além disso, a AGAPAN promoveria o combate ao massacre de animais e à caça indiscriminada, às devastações das vegetações e às queimadas, ao uso exagerado dos meios mecânicos contra o solo e à toda erosão provocada ou facilitada, à poluição do ar causada pelas indústrias e veículos, à poluição dos cursos d'água pelos resíduos industriais e esgotos não tratados, do uso indiscriminado de inseticidas, fungicidas, herbicidas, raios ionizantes, sem a devida proteção às destruições desnecessárias de belezas paisagísticas. Pregava também a luta por uma nova moral ecológica.

A ecologia da AGAPAN configurou-se como uma novidade na qual atraíu milhares de militantes de diversos MS e membros da UPN de Roessler, sendo assim, até hoje novas delegacias têm sido abertas no estado, se configurando como um movimento em defesa das causas ambientais no estado e no país, sendo um dos primeiros movimentos ambientalistas a fazer manifestações e lutar pela defesa da natureza (ASSOCIAÇÃO GAÚCHA DE PROTEÇÃO AO AMBIENTE NATURAL, 2020).

Os movimentos ambientalistas carregam consigo marcos importantes na consolidação de novas práticas e perspectivas inovadoras em defesa do ambiente natural, com isso, a importância de olharmos para os movimentos presentes em nossa região, principalmente compreender as histórias, as paisagens, os sujeitos, e a biodiversidade local que impacta a todos dentro do nosso Bioma Pampa que tem sido tão ameaçado.

As relações, interesses e construções estabelecidas entre os seres humanos é uma forma de assumir como os MS podem se perpetuar, a partir das práticas e papéis sociais que cada pessoa assume na sua constituição. Diante disso, muitas pessoas confundem ações coletivas com MS, Gohn (2000. p. 12) nos diz essa diferença, “por exemplo, rebeliões, invasões, reuniões, são modos de estruturação de ações coletivas; poderão ser estratégias de ação de um movimento social, mas sozinhos não são movimentos sociais”.

Democracia, liberdade, equidade, igualdade e justiça social como resistência na luta por espaços democráticos como direito constitucional de qualquer indivíduo, porém devemos tratar estes espaços como não-institucionalizados. Os espaços coletivos, voltados às ações sociais, se encontram na esfera pública não-governamental, ou não estatal, possibilitando uma maior visibilidade dos movimentos (GOHN, 2000).

Os MS por carregar na sua trajetória histórica e social, ações coletivas e problematizadoras, que correlacionam com o enfoque emancipador e transformador apresentado até agora, conseguimos através da Teoria Crítica, evidenciar que os MS estão

alinhados com o diagnóstico, prognóstico e ação transformadora. Cabe salientar, que os MS também podem se constituírem de espaços conservadores que não buscam a transformação social e a criticidade necessária para investigar e diagnosticar uma realidade.

Efetivar o coletivo, para que se possa contextualizar e pensar a relação escola/comunidade/MS, torna-se um processo de busca da dimensão dos problemas socioambientais locais e globais. Através dos diagnósticos sobre uma realidade social, investiga-se as possíveis contradições e obstáculos para superar o bloqueio para a emancipação. No prognóstico, é possível identificar esse bloqueio, e construir propostas a partir dos conhecimentos adquiridos no primeiro momento, e por último, a ação transformadora que irá desencadear na aplicação dos conhecimentos adquiridos, e nas mobilizações sociais que irão agir como resistência à exclusão social.

Dito isso, somente a práxis, que parte das relações sociais, e que fundamentam as ações, é que poderão desencadear as mobilizações à luz da categoria práxis transformadora da realidade concreta, que está em consonância com os atributos dos MS, a partir da realidade pré-existente, derivada de muitas injustiças sociais na sociedade, seja ela cultural, ambiental, econômico, de classe, gênero, entre outras. Somente o esforço teórico, prático e coletivo, poderão superar as contradições internas do sistema capitalista, em busca de igualdade, respeito, equidade, e liberdade para todos e todas.

A partir das articulações apresentadas no capítulo 2, acreditamos que a EACT, fundamenta-se na pedagogia freireana, que por sua vez está alicerçada na Teoria Crítica, para a construção de uma prática que oriente para a emancipação e libertação do sujeito. Além disso, os MS tornam-se uma possibilidade de efetivação da práxis transformadora, como maneira de compreender e agir no mundo para superar as contradições socioambientais. Portanto, no capítulo a seguir, iniciamos o percurso que nos leva até o encontro com nosso objeto de pesquisa, para isso, tecemos nosso percurso teórico-metodológico, como forma de compreender e comprovar a relevância do desenvolvimento de tal dissertação.

CAPÍTULO 3 - OS CAMINHOS METODOLÓGICOS

Este capítulo está organizado para apresentar o percurso metodológico desta dissertação da seguinte forma: 3.1 Etapas para o encontro com o objeto da pesquisa e 3.2. O método empregado e os procedimentos de coleta e análise de dados. Ainda assim, foi feita uma amostragem por “Bola de Neve” (ALBUQUERQUE, 2009), no momento da coleta de dados, diante das falas dos sujeitos da pesquisa. A partir das narrativas e das observações e interações com o espaço de investigação e do contato com os sujeitos e a natureza do estudo, construímos os sentidos e significados atribuídos em cada experiência na metodologia, nos próximos itens atribuímos as etapas enunciadas.

3.1 Etapas para o encontro com o objeto da pesquisa

Iniciamos nossa investigação com o propósito de conhecer e aprofundar nossos saberes sobre EA e MS no Rio Grande do Sul, e as lacunas presentes entre essas temáticas e como a mídia é capaz de atribuir informações em diversos setores sociais e ambientais. Com isso, foi realizado um estudo documental entre dois jornais da região da Campanha do RS de forma online, no período de 2015 a julho de 2020.

Neste estudo documental, consideramos que a pesquisa teve uma abordagem qualitativa e de natureza descritiva. Segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 32), “[...] essa pesquisa se preocupa com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”. As contribuições da pesquisa qualitativa e documental para possíveis inovações e/ou mudanças fortalecem o estudo, assim, o pesquisador procura identificar aportes importantes do campo teórico de uma área de conhecimento para consolidar sua pesquisa (GIL, 2002).

No que se refere aos procedimentos técnicos, caracteriza-se como pesquisa documental, pois foi desenvolvida a partir de consulta a jornais, o que permitiu a cobertura de uma gama de fenômenos amplos e diversos (GIL, 2002). A pesquisa documental pode ser ampla principalmente por se constituir de uma fonte rica e estável de dados, como os documentos que se constituem ao longo do tempo, caracterizando-se pela rapidez, profundidade de informações e boa elaboração.

A partir do estudo, atribuímos os seguintes descritores no campo de busca dos jornais: “Educação Ambiental” e “Movimentos Sociais”. Neste percurso, coube-nos

perguntar, quais movimentos sociais são considerados nessas notícias? Quais relações entre EA e MS são estabelecidas na região? E ainda, quais relações entre EA e MS são possíveis perceber?

Os jornais que buscamos identificar para subsidiar essa pesquisa, foram o “Jornal Minuano” e o “Jornal Folha do Sul”, ambos publicados na cidade de Bagé no Estado do Rio Grande do Sul, na região da Campanha Gaúcha. Município que de acordo com a última estimativa do IBGE em 2018, tem aproximadamente 120 mil habitantes, possuindo grande diversidade de campos sulinos e faunas próprias entremeados por capões de matas ciliares e banhados.

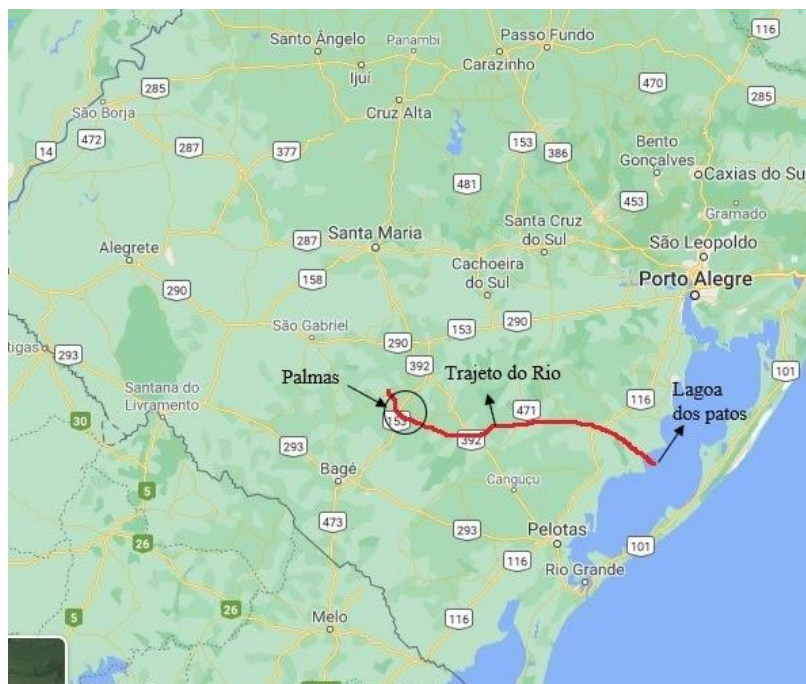
Ainda neste caminho, identificamos e exploramos a rede social “facebook”, como uma possibilidade de pesquisa. Nesse percurso, buscamos grupos ou páginas que integrassem características EA que estivesse atualizada e vinculada a notícias ou ações da região do Pampa Gaúcho no ano de 2020, principalmente na luta e combate das problemáticas locais, assim encontramos alguns grupos que fazem parte dessa inserção, e como podemos debater em nossos resultados.

3.1.1 Cenário e sujeitos da pesquisa

Como cenário da Pesquisa, a região de Palmas, que buscamos conhecer e discutir através das narrativas dos sujeitos, dentro do contexto da pesquisa. O distrito rural situa-se na parte norte do Município de Bagé, conforme ilustramos na figura 1 deste trabalho, onde predominam pequenas propriedades de caráter familiar, que se dedicam, basicamente, à pecuária e a agricultura, possuindo limites com diversos municípios da região pela sua ampla área, rica de uma biodiversidade natural do bioma pampa.

Assim, Palmas é constituída de muitas histórias, pedras e um Rio que cruza a sua existência. Uma área feita de muitas canhadas e matas, uma região com muitas dobradas onde se localiza muitos herdeiros e um povo de coração puro, que se abraça ao Rio Camaquã. Um Rio com muitos mistérios, servindo como esconderijo e cenário para muitas aventuras ao ar livre, mas que se constitui importante na vida de pessoas e produtores que vivem na região, como também no desenvolvimento do bioma pampa, sendo essencial para a manutenção da vida no campo. A seguir um pequeno esboço que mostra o caminho que o Rio percorre, desaguando na Lagoa dos Patos.

Figura 6: Trajeto do Rio - Camaquã



Fonte: Google Maps (2021).

Segundo a SEMA (2020) A Bacia Hidrográfica do Camaquã localiza-se na região central do Estado do Rio Grande do Sul. É uma das cinco bacias que compõem a região hidrográfica do Litoral. Possui uma área de 21.657 km², abrangendo 28 municípios, entre os quais: Camaquã, Canguçu, Bagé, Pelotas e São Lourenço. Estes cinco municípios representam cerca de 2/3 da população da bacia, estimada em 356 mil habitantes. Os principais usos da água na bacia se destinam à irrigação e ao abastecimento público.

Nesta trajetória, encontramos dois MS presentes na região de Palmas: Agrupa e UPP - Camaquã. A UPP - Camaquã é um grupo não-formal, que surgiu em 2016 na comunidade de Palmas, em razão dos projetos de mineração, e da vontade dos moradores na luta pela não instalação de empreendimentos deste porte no Rio Camaquã, risco esse, que afetaria todos os moradores que vivem e utilizam o rio como forma de renda, manutenção da vida e preservação. A mobilização começou quando um grande empreendimento, especificamente o projeto de Caçapava do sul, pretendia se instalar nas margens do Rio, na localidade de Guaritas, em divisa com Palmas.

A AGRUPA (Associação para a Grandeza e União de Palmas), é uma associação formal, registrada na receita federal, considerando seus associados e dependentes já são mais ou menos 350 pessoas que fazem parte, sendo formalizada em 2017. Com o passar

dos anos e a chegada das atividades mineradoras em solo Palmeense, muitas pessoas, além das que moram na região, foram apoiando o grupo e se associando, assim, o estatuto do grupo foi mudado, para que qualquer pessoa do Estado ou do Brasil, pudesse se associar, com todos os direitos, inclusive participando de assembleias e reuniões. Existem muitos associados, que têm contribuído, como pesquisadores, professores, técnicos, veterinários e biólogos, como outros movimentos no enfrentamento das questões de mineração e hidrelétricas.

Ambos os grupos, UPP - Camaquã e a AGRUPA, se interligam na ação histórica e social de movimentos que estão à frente na luta e defesa das questões socioambientais em nosso pampa gaúcho, mais especificamente em Palmas. O encontro com nosso objeto de pesquisa, contribuiu de certa forma para acessarmos as ideias e práticas das narrativas individuais e coletivas dos sujeitos da Agrupa e UPP - Camaquã, em que o espaço de investigação, que é a comunidade de Palmas, com suas histórias, paisagens e realidade local, favoreceram a aquisição dos fatos e evidenciaram as relações do outro com a natureza, em que indivíduos críticos foram capazes de se posicionar frente aos desafios impostos pela sociedade contemporânea atual. Após uma breve caracterização do nosso cenário da pesquisa, o método empregado desta dissertação será discutido no próximo item.

3.2 O método empregado: possibilidades metodológicas

A presente pesquisa possui uma abordagem qualitativa. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009) esse tipo de abordagem, possui uma compressão e aprofundamento interligado a um contexto ou grupo social, buscando explicar o porquê das coisas, em que o pesquisador é ao mesmo tempo sujeito e objeto de suas pesquisas e escolhas. Dessa forma os objetivos são de caráter exploratório e descritivo, visando o encontro com o objeto de pesquisa, e tornando uma maior familiaridade com o problema identificado, exigindo do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar a partir de uma realidade existente (GIL, 2002).

A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da dinâmica social que não podem ser quantificados, possuindo um universo de relações de significados, desta forma:

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. A pesquisa qualitativa consiste em um conjunto de práticas materiais

interpretativas que tornam o mundo visível. Essas práticas transformam o mundo. Elas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo, notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias, registros e lembretes para a pessoa. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa e naturalista do mundo. Isso significa que os pesquisadores qualitativos estudam coisas dentro dos seus contextos naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas lhe atribuem. (DENZIN; LINCOLN, 2011, p.3).

Sendo assim, algumas características aparecem na pesquisa qualitativa, como o modo de objetivar um determinado fenômeno e as ações para descrevê-lo e compreendê-lo, situados em um determinado local, a preocupação com o processo todo e não somente com os resultados, a busca pelo significado das situações e não somente das ações. Entretanto, o pesquisador deve atentar para alguns limites e riscos, como a falta de observância, domínio e envolvimento com os sujeitos pesquisados (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

A pesquisa qualitativa tornou-se um modo atraente e produtivo de fazer pesquisa, em muitas áreas acadêmicas e profissionais, compondo uma diversidade de elementos que se esforça em estudar o significado das vidas das pessoas nas condições em que realmente vivem (YIN, 2016). Desta forma, procurar coletar, integrar e apresentar dados de diversas fontes de evidência, ajudam a compreender o ambiente de campo e a diversidade dos sujeitos que participam do estudo. Seguindo a definição de pesquisa qualitativa de Robert Yin, são listadas algumas características importantes na tabela a seguir:

Quadro 1: Características da pesquisa qualitativa

1. Estudar o significado da vida das pessoas, nas condições da vida real;
2. Representar as opiniões e perspectivas das pessoas de um estudo;
3. Abranger as condições contextuais em que as pessoas vivem;
4. Contribuir com revelações sobre conceitos existentes ou emergentes que podem ajudar a explicar o comportamento social humano;
5. Esforçar-se por usar múltiplas fontes de evidência em vez de se basear em uma única fonte.

Fonte: Yin (2016, p.29).

As interações sociais propiciam condições para o desenvolvimento da pesquisa, em que os sujeitos são protagonistas da própria ação, em que a capacidade de argumentação e de representação de opiniões e posicionamentos é que vão dar significado para a investigação qualitativa. Com isso, reforça o contexto sócio-histórico que as pessoas estão inseridas, podendo influenciar o desenrolar da aplicação do trabalho, diante da produção de dados que irá caracterizar uma série de fenômenos a serem entendidos e explicados.

Um estudo qualitativo não é algo estático e sim algo em movimento, que está em constante transformação, como novos conceitos e ideias, Yin (2016, p. 30) reforça que “a pesquisa qualitativa não é apenas um diário ou uma narrativa cronológica da vida cotidiana. Ao contrário, a pesquisa qualitativa é guiada por um desejo de explicar esses acontecimentos, por meio de conceitos existentes ou emergentes”. A variedade de concepções teórico-metodológicas da pesquisa qualitativa nos faz entender o universo de objetivos, significados, valores e sentimentos que carrega em seu escopo. Assim, nesta abordagem a intenção é que se produza informações aprofundadas, gerando novas relações e avanços nas contribuições para a área estudada. Com vista a atingir os objetivos propostos, vamos caracterizar e descrever o método de pesquisa empregada e como vamos produzir e analisar novos dados para o campo.

Caracterizando a pesquisa como de caráter qualitativo, em que buscamos identificar e compreender as práticas de EACT que emergem dos MS na região e no sentido de construir narrativas de sujeitos de determinado grupo, e também das investigações e reflexões de saberes disseminados de EA, utilizaremos como procedimento a pesquisa narrativa.

As narrativas estão situadas na abordagem qualitativa, pois este processo está alicerçado no compreender da experiência e qualidade de vida dos sujeitos da pesquisa. Construir sentidos, criar enredos, trabalhar em tempos e espaços, buscar informações a partir de uma experiência, são subsídios que o investigador irá encontrar para entender um determinado fenômeno dentro da sua pesquisa. Desta forma (Clandinin e Connelly, 2015, p. 97) abordam que uma verdadeira pesquisa narrativa, consiste “em um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores”.

Para o trabalho com a metodologia de pesquisa narrativa, alguns termos são destacados por Clandinin e Connelly (2015), como o lugar, tempo, o pessoal e social, e a

interação com o passado, presente e futuro para entender uma experiência. Este conjunto de termos que estão em interação formam um espaço tridimensional para a investigação narrativa. Esse espaço constitui-se como essencial dentro da pesquisa narrativa, pois ocorre em dimensões que abordam diferentes assuntos temporais, focando no pessoal e no social em lugares específicos ou sequência de lugares dependendo do objeto a ser estudado, assim, a temporalidade acaba acontecendo dentro de um percurso retrospectivo do passado e prospectivo ao momento da pesquisa atual, assim concordamos com os autores que:

Enquanto trabalhamos no espaço tridimensional da pesquisa narrativa, aprendemos a olhar para nós mesmos como sempre no entremeio - localizado em algum lugar ao longo das dimensões do tempo, do espaço, do pessoal e do social. Mas nos encontramos no entremeio também em outro sentido, isto é, encontramos-nos no meio de um conjunto de histórias - as nossas e as de outras pessoas. (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p.99).

Clandinin e Connelly (2015) nos diz que um dos pontos de partida da pesquisa narrativa é a própria narrativa do pesquisador, com suas diferentes experiências, objetividades e subjetividades, sua autobiografia. O pesquisador advindo da mesma realidade que os sujeitos a serem pesquisados, encontra-se no meio de um conjunto de histórias, ajudando a se reconhecer dentro do campo, compondo suas próprias narrativas introdutórias, acerca da experiência num dado contexto.

Deste modo, na pesquisa narrativa é importante considerar o contexto sócio-histórico dos sujeitos, promovendo a transformação na realidade local e cultural dos personagens, que vivem, contam e experienciam suas próprias trajetórias. Jacinto (2019), em pesquisa anterior, junto ao Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE) da Unipampa – Bagé, utilizou a pesquisa narrativa, considerando as narrativas dos participantes de uma comunidade quilombola da região, tendo como resultado: o processo de constituição de identidade quilombola a partir da necessidade de auto-reconhecimento e auto-definição aos saberes inerentes para a resistências assumida, como também o pertencimento que caracterizam a identidade com o contexto social e cultural da região (JACINTO, 2019).

A pesquisa narrativa, pressupõe a participação, reflexão e ação transformadora da realidade concreta. Essa dimensão configura-se uma integração entre pesquisador e participante orientada para emancipação de tal metodologia dentro do campo da EACT.

Os procedimentos para coleta e análise de dados, foram construídos a partir de conceitos que embasaram nosso referencial e também dos autores que discutem a entrevista narrativa. A metodologia de análise, apesar de estar alicerçada nas premissas da pesquisa narrativa, está também balizada pelos momentos da Teoria Crítica, que orientam para a EACT, como o diagnóstico, prognóstico e ação transformadora da realidade concreta. Consideramos, nesta análise, importante assumir tais momentos para possíveis potencialidades na elaboração de processos educativos formais balizados no âmbito dos MS.

3.2.1 Coleta e Análise de dados

Há muitas técnicas utilizadas para a coleta de dados na pesquisa qualitativa, que abordam perspectivas fenomenológicas e interpretativas, até a coleta de dados mais crítica ou dialética, passando por entrevistas, observações, diários, análise documental, entre outras (TEIXEIRA, 2003). Na pesquisa científica busca-se traçar um caminho eficaz que conduza o processo, e traga resultados para atingir um determinado objetivo e para que se possa concluir o trabalho, tanto do ponto de vista teórico e prático, quanto epistemológico e metodológico.

O caminho ou ciclo de pesquisa qualitativa, segundo Minayo (2001, p. 26), “começa com um problema ou uma pergunta e termina com um produto provisório capaz de dar origem a novas interrogações”. Sendo um processo composto por três momentos, que se inicia pela fase exploratória da pesquisa, que consiste nos procedimentos necessários para entrar a campo, como definir e delimitar o objeto, e pensar nas ações de trabalho.

Na terceira etapa, segundo Minayo (2001, p. 26) é estabelecido o trabalho de campo, que “consiste em levar para a prática empírica a construção teórica elaborada na primeira etapa”. Nesta fase, é combinada várias técnicas e instrumentos de coleta de dados, servindo de comunicação e interlocução com os pesquisados e o pesquisador. Por fim, é análise do tratamento e material empírico, recolhido no campo, que pode ser subdividido em: ordenação, classificação e análise propriamente dita.

Assim, pesquisar qualitativamente, requer uma busca lógica do pesquisar, quando está a campo, na descoberta de novos códigos, interpretações e compreensões. Concordamos com Minayo (2001), em que o ciclo da pesquisa nunca se fecha, sempre está aberto a novas ideias e possibilidades. Desta forma, criamos novos sentidos no

processo de investigar e instigar dados confiáveis e fidedignos para a pesquisa, mas para que isso aconteça, a coleta de dados deve ser dinâmica e flexível, além de mutável.

Para as estratégias da produção de dados que constituirão o corpus de análise, optou-se pela entrevista narrativa dos participantes, que foram todas gravadas, ouvidas, lidas e transcritas, para que então alguns excertos fossem selecionados e categorizados para nossa análise, além disso, utilizamos os meios tecnológicos e digitais para a coleta como a plataforma meet e os meios de comunicação digitais, como o *WhatsApp* e *Facebook*. Deste modo, Clandinin e Connelly (2015) nos dizem que devemos considerar que os textos de campo como instrumento de coleta de dados, são amplos pela gama de fenômenos que podem oferecer para a análise, como histórias, memórias, fotografias, conversas, documentos, além das entrevistas, com isso:

[...] os textos de campo são modelados pelos interesses ou desinteresses do pesquisador ou do participante (ou de ambos). O que pode parecer uma gravação objetiva de uma entrevista estruturada já é um texto interpretado e contextualizado: ele é interpretado porque é modelado pelo processo interpretativo do pesquisador, do participante e de sua relação, e é contextualizado pelas circunstâncias particulares das origens e do cenário da entrevista. (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 135).

Muitas vezes tentamos encontrar o nosso lugar no espaço da pesquisa, dentro das primeiras experiências, se posicionando entre o entremeio das histórias e das próprias narrativas, culminando em um processo de relação, pelas circunstâncias do cenário a ser explorado, ou pelo grupo a ser investigado. Esta relação pode criar um espaço tridimensional que possibilita a execução do projeto de campo, pois envolve o pessoal e social, e a temporalidade que se encontram os fatos e lugares.

Com a finalidade de identificar possíveis aproximações e percepções sobre EACT através de suas narrativas, identidades, e pertencimentos no grupo que tomamos como análise, a entrevista narrativa como ferramenta metodológica é amplamente utilizada, possibilitando uma intersecção entre os sujeitos da pesquisa e o pesquisador, de forma a conhecer uma determinada realidade e propiciar experiências individuais e coletivas.

O contexto se torna importante para que o pesquisador mantenha um ambiente de confiança e para que possa extrair informações, trazer fatos e evidenciar acontecimentos, que fazem parte da constituição de um movimento, partindo assim de uma abordagem não estruturada e qualitativa, em que o pesquisador narrativo deve ser sensível a todos os tipos de mudanças temporais e estar suscetível a modificar suas práticas dentro do campo da pesquisa. Dessa forma, as narrativas são construídas por lembranças, tempos, lugares,

que o tempo não apagou, (re) significando a história de luta do passado, como uma nova história no presente, se inter-relacionando com o seu espaço tridimensional.

Jovchelovitch e Bauer (2002) salientam que a entrevista narrativa (EN) é uma técnica de coleta de dados utilizada na pesquisa científica. A técnica recebe um nome de “*narrare*”, derivada do latim, relatar ou contar uma história. Segundo os autores, alicerçados também por Schütze (1977), sugerem que a ideia central da EN, é de construir/reconstruir acontecimentos sociais, e narrar episódios importantes da vida dos sujeitos, relatando seus pensamentos, opiniões, em um método para atingir seus objetivos.

Deste modo, a EN, permite ao narrador contar a história sobre algum acontecimento relevante da própria experiência e também do contexto que ele faz parte, existindo uma dualidade das narrativas, facilitando as discussões e as reescritas. Com isso, esta técnica de cunho qualitativo, contrapõe-se ao atual modelo tradicional de perguntas e respostas, que muitas vezes são definidas as entrevistas, assim faz-se necessário a construção de uma estrutura narrativa, que compreenda o fenômeno que o pesquisador quer investigar, fortalecendo as subjetividades, histórias e concepções.

Jovchelovitch e Bauer (2002) defendem uma estrutura para a EN, que eles chamam de paradoxo da narração, a qual estabelece regras implícitas que permitem o contar de histórias. Deste modo, a técnica consiste em uma série de regras claras e objetivas, sobre: “como ativar o esquema da história; como incitar as narrações dos entrevistados; e depois de iniciada a narrativa, conservar a narração, seguindo a mobilização do esquema autogerador” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 96). A seguir, uma tabela que sintetiza as principais fases da entrevista narrativa, que usamos como guia para elaboração das entrevistas:

Quadro 2: Fases principais da entrevista narrativa

(continua)

Fases	Regras
Preparação	→ Exploração do campo (Investigações preliminares, leitura de documentos, notas, relatos, etc.); → Formulação de questões exmanentes (aquelas que refletem os interesses do pesquisador, suas formulações e linguagens. As questões

	exmanentes distinguem-se das imanentes (temas, tópicos e relatos de acontecimentos que surgem durante a narração).
1. Iniciação	→ Formulação do tópico inicial para a narração; → Emprego de auxílios visuais (ex: objetos, imagens, dispositivos móveis e fotográfico, plataformas digitais, etc.)
2. Narração central	→ Não interromper; → Somente encorajamento não verbal para continuar a narração; Esperar para os sinais de finalização (coda).
3. Fase de perguntas	→ Somente "O que aconteceu então?"; → Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes; → Não discutir sobre contradições; → Não fazer perguntas do tipo "por quê?"; → Ir de perguntas exmanentes para imanentes.
4. Fala conclusiva	→ Parar de gravar; → São permitidas perguntas do tipo "por quê?"; → Fazer anotações imediatamente depois da entrevista.

Fonte: Jovchelovitch; Bauer (2002, p. 97).

Lembrando que as fases principais, elaboradas pelos autores no quadro 2, seguem um paradoxo de narração, em que algumas etapas não conseguimos seguir, adequando posteriormente a nossa realidade. As entrevistas não aconteceram apenas com o emprego do auxílio visual, sendo assim, utilizamos também outros meios de comunicação, como o de mensagens instantâneas, o *WhatsApp* e a Plataforma *Facebook*, para uma melhor coleta de dados dos sujeitos, visto que, o sinal muitas vezes não colaborou para a realização das entrevistas em plataformas instantâneas, em virtude da internet e presencialmente, em virtude da pandemia da Covid-19.

Compreendemos que no trabalho com as EN, principalmente quando estamos no campo de pesquisa, sempre emergirão questões que não são previstas pelo pesquisador, como a forma que o entrevistado irá agir, como irá ocorrer as dimensões e condições em que a entrevista acontece, por exemplo, o local, a hora, o contexto sócio-histórico, até as características paralinguísticas (tom de voz, entonações, pausas, entre outras expressões)

o grau de formalidade estabelecida, e outros elementos (CLANDININ; CONNELLY, 2015).

Deste modo, as fases da entrevista narrativa, conforme o quadro 2, referem-se a questões e técnicas para gerar histórias que podem ser coletadas de diferentes formas e particularidades, dependendo da situação da pesquisa. Na preparação, é fundamental a aproximação e conhecimento do campo da pesquisa empírica, seguida da elaboração das questões exmanentes que se referem às questões da pesquisa ou interesses do pesquisador que surgem da aproximação com o objeto ou sujeito da pesquisa. A seguir um quadro que elucida esse nosso momento inicial em nosso percurso da EN.

Quadro 3. Encontro inicial com as questões exmanentes e imanentes

Questões Exmanentes	Questões Imanentes
<ul style="list-style-type: none"> - Tornar a linguagem e a comunicação acessíveis com os entrevistados; - Roteiro com questões que aproximam o pesquisador do pesquisado. - Criação de um ambiente harmonioso e de confiança; - Elaboração de perguntas, que sejam transformadas em conversas, para melhor coleta de dados e aproximação; 	<ul style="list-style-type: none"> - Tópicos e temas relevantes que acabam por surgir durante as entrevistas; - A trajetória de vida e relação dos sujeitos com Palmas; - As experiências e vivências enquanto comunidade; - Saberes mobilizados dos sujeitos sobre a EACT; - Contradições e problemáticas socioambientais levantadas; - O levantamento do diagnóstico da realidade concreta; - Indícios para o prognóstico e ação transformadora.

Fonte: Autor (2021).

No quadro 3, conseguimos observar essa diferença entre o momento inicial das EN, que acabam por emergir, questões iniciais exmanentes sobre o ambiente do pesquisador com os entrevistados e os temas, os tópicos, as histórias e as questões

iminentes que acabam por aparecer durante o processo, e que será explicitado com mais detalhes em nossos resultados.

Na fase da iniciação, o pesquisador começa as discussões com os sujeitos, apresentando uma questão clara e específica, que estimule o início das narrativas, elucidando as notas introdutórias da pesquisa, podendo fazer uso de algum dispositivo visual para orientação. Na narração central, recomenda-se não interromper o fluxo das narrativas, e nem dificultar o processo com mais perguntas, ou intervenções, restringindo-se à escuta ou visualização ativa dos entrevistados, apenas anotando as falas ou gravando, para que, só no final da narrativa, o pesquisador possa acrescentar alguma fala.

Na fase seguinte, é o momento das perguntas e questionamentos, em que se transforma as questões exmanentes em iminentes, ou seja, é o processo de socialização com os entrevistados, a partir dos temas e tópicos trazidos pelos sujeitos, a fim de completar as lacunas e fragmentos. A fala conclusiva, é o final da gravação, ou término da entrevista e coleta, em que perguntas do tipo “por quê?” Podem complementar algumas questões, seguidas de anotações imediatas após a finalização da entrevista.

O roteiro da entrevista (Apêndice B) foi estruturado com perguntas, que buscava promover a interação e mediação com os sujeitos da pesquisa, para possíveis resultados das nossas aproximações com a EACT, partindo assim de uma abordagem qualitativa e narrativa, em que o pesquisador narrativo deve ser sensível a todos os tipos de mudanças temporais e estar suscetível a modificar suas práticas dentro do campo da pesquisa.

Lembrando que ao adentrarmos no campo da pesquisa, algumas alterações foram feitas, em virtude do momento atual que estamos vivendo da pandemia da Covid-19, então as entrevistas narrativas se constituíram de forma totalmente remota e adaptada diante das fases das entrevistas narrativas de Jovchelovitch e Bauer (2002). Sabemos que a pesquisa narrativa não é estática, está sempre se moldando com novas formas de coletar dados empíricos.

As entrevistas narrativas foram realizadas nos meses de maio e junho de 2021, em que foram gravadas, observadas e transcritas pelo pesquisador, lembrando que algumas delas, acabaram por acontecer apenas em momentos da conversa, pelos meios de comunicação. Os sujeitos participantes da coleta de dados foram sendo investigados à medida que as entrevistas aconteciam. Como a intenção da investigação era aproximar-se dos moradores da comunidade de Palmas, que fazem parte da Agrupa e da UPP - Camaquã, era-nos importante iniciar a entrevista com as pessoas que estavam à frente

desses movimentos já citados, e que tinham aproximação e conhecimento maior sobre os moradores da comunidade. Desta forma, iniciamos a entrevista, e posteriormente novas pessoas foram indicadas, para que pudessem também participar, constituindo assim a metodologia da “bola de neve”.

O trabalho de campo exige uma forma de investigação sociocultural, principalmente em ambientes que envolvem comunidades e grandes grupos. Uma via para execução do trabalho de campo, e que possibilita a organização e produção do conhecimento, é chamada de técnica “Snowball” (BIERNACKI; WALDORF, 1981), conhecida no Brasil como “Amostragem em Bola de Neve” ou “Bola de Neve” (ALBUQUERQUE, 2009). Essa técnica é uma forma de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais em que os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto (BALDIN, 2011). Desta forma, na figura a seguir mostramos como sucedeu-se as entrevistas com os sujeitos.

Figura 7: As entrevistas desenvolvidas com os sujeitos



Fonte: Autor (2021).

Na figura anterior, conseguimos observar a trajetória das entrevistas narrativas que foram culminando no processo bola de neve, e que estão interligadas, em que o entrevistado 1, indicou o entrevistado 2, até chegarmos no entrevistado 5, finalizando quando os objetivos foram alcançados na coleta de dados. Os entrevistados, receberam nomes fictícios ou pseudônimos, quando adentramos os resultados. No ensino remoto nos adaptamos à necessidade do sujeito, em que as entrevistas acabaram ocorrendo em diferentes plataformas digitais de comunicação, como o *Meet*, *WhatsApp* e o *Facebook*, como explicitado anteriormente.

Todas as entrevistas ocorreram com sujeitos membros da Agrupa e da UPP - Camaquã, as duas entrevistas realizadas pela plataforma *Meet*, ocorreram em um tempo hábil de 40 minutos. Já nas entrevistas realizadas na plataforma *WhatsApp* e *Facebook*, o tempo não foi determinado, considerando a conexão na região de Palmas, duraram algumas horas as entrevistas, em alguns casos chegando a um dia.

Uma vez que foram identificados, esses sujeitos (os atores sociais do processo) foram contatados para orientações e esclarecimentos quanto à pesquisa e para o preenchimento e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), respeitando-se, assim, as especificações da ética em pesquisa, o termo encontra-se no apêndice 2 da dissertação. A partir dessa ação, os sujeitos foram convidados a participar das entrevistas narrativas.

Na entrevista narrativa, são os sujeitos que contam suas histórias com características específicas, rompendo com o esquema de pergunta e resposta. Assim, as narrativas a serem analisadas, acabam por utilizar métodos e técnicas, que possam ajudar na captação e transcrição de dados, em que não há intenção de esgotar as possibilidades de análises, mas sim de realizar uma análise no sentido de construir novos caminhos para as narrativas. A seguir, delineamos a forma que as análises se sucederam para obter os dados narrativos.

Na análise de dados se faz necessário utilizar várias técnicas bem elaboradas para a coleta de dados, como a observação, pesquisa documental ou bibliográfica, entrevistas, dentre outras. Sendo assim, faz-se necessário elaborar um tratamento do material recolhido no campo, em nosso caso, as entrevistas narrativas, em que nos resultados vamos dialogar com os dados obtidos com o referencial teórico e uma possível interpretação para alcançar os objetivos propostos e responder à questão de pesquisa levantada.

Os procedimentos para análise e interpretação das entrevistas narrativas, foram construídos a partir dos estudos realizados, exigindo conceitos e técnicas que embasaram a elaboração desta dissertação, com isso, adotamos Schütze (1977; 1983), citado por Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 106) que propõe seis passos para analisar as narrativas:

Quadro 4: Passos para análise das narrativas

<i>1. Transcrição detalhada de alta qualidade do material verbal.</i>
<i>2. Divisão do texto em material indexado (expressam referência concreta a ‘quem fez o quê, quando, onde e por quê’) e proposições não-indexadas, que podem ser de dois tipos: descritivas e argumentativas (em que as descrições se referem a como os acontecimentos são sentidos e experienciados, aos valores e opiniões ligadas a eles, e as coisas usuais e corriqueiras e a argumentação se refere à legitimação do que não é aceito pacificamente na história e as reflexões em termos de teorias e conceitos gerais sobre os acontecimentos.</i>
<i>3. Uso de todos os componentes indexados para analisar o ordenamento dos acontecimentos para cada indivíduo, denominada de ‘trajetórias’.</i>
<i>4. As dimensões não-indexadas são investigativas como ‘análise do conhecimento’ (opiniões, conceitos e teorias gerais, reflexões e divisões entre o comum e o incomum, que permitem reconstruir teorias operativas sobre o objeto de estudo).</i>
<i>5. Agrupamento e comparação das trajetórias individuais.</i>
<i>6. Trajetórias individuais colocadas dentro do contexto e semelhanças são estabelecidas permitindo a identificação de trajetórias coletivas.</i>

Fonte: Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 106)

Cuidar do processo da pesquisa, é estar no entremeio das etapas que vão se relacionando e se correlacionando, assim, ao compilar, decompor e recompor os dados obtidos, chegamos à interpretação, em que novas categorias emergiram das entrevistas dos sujeitos da pesquisa, e que ajudaram a entender que suas narrativas são permeadas de sentidos, histórias e significados. Diante dos procedimentos adotados por Schütze, a partir dos seis passos descritos, e da compreensão do fenômeno que está sendo investigado, permitiram ao pesquisador analisar as narrativas estabelecidas e iniciar as interpretações,

reflexões e por último a conclusão, deste modo, concordamos com Muylaert *et al* (2014, p. 196) que para analisar o material, no caso as entrevistas narrativas, recomenda-se:

reduzir o texto gradativamente, operando-se com condensação de sentido e generalização, divide-se o conteúdo em três colunas, na primeira fica a transcrição, na segunda coluna a primeira redução e na terceira apenas as palavras-chave. Então, desenvolvem-se categorias, primeiramente para cada uma das entrevistas narrativas, posteriormente são ordenadas em um sistema coerente para todas as entrevistas realizadas na pesquisa, sendo o produto final a interpretação conjunta dos aspectos relevantes tanto aos informantes como ao pesquisador.

Deste modo, devemos retirar dos dados, aquilo que eles significam e representam de fato, cabendo ao pesquisador organizar as narrativas entre si, na fala em análise. Assim, as narrativas são ferramentas bastante apropriadas para o estudo qualitativo, em que se objetiva investigar uma realidade existente, desta forma, as entrevistas possibilitaram, o anunciar de uma construção de significados, em que a cada pergunta, emergia uma história e uma vivência, que se entrelaçam entre si e com o pesquisador.

Conforme o quadro 3, utilizamos alguns passos para a análise das EN dos sujeitos, em que no primeiro momento realizamos uma transcrição detalhada dos 5 entrevistados. A seguir dividimos o material coletado com algumas informações que foram importantes para compreender a história, relação, vivência e experiências dessas pessoas com Palmas, onde identificamos suas trajetórias individuais e depois coletivas.

As narrativas, possibilitam romper com o método tradicional, permitindo ir além da transmissão de informações ou conteúdos de forma tecnicista e individualista, fazendo com que a experiência seja revelada, e os indivíduos se tornem os atores sociais que, a partir dos seus contextos sócio-histórico, de luta, resistência e mobilização, possam construir sentidos e mudanças em suas ações, permitindo novas aprendizagens e reflexões.

Diante dos dados produzidos na interlocução entre pesquisador e sujeitos da pesquisa, a partir de suas narrativas, e significados que foram construídos, as categorias emergentes na pesquisa se encontram nos próximos capítulos, em que a partir dos instrumentos adotados, registros e do momento de construção e reconstrução dos dados, são constituídos nossos resultados.

CAPÍTULO 4 - O ENCONTRO COM AS MÍDIAS LOCAIS DA REGIÃO DA CAMPANHA

Neste capítulo, nos encontramos preocupados com falas, discursos, informações e possíveis respostas a partir do corpus documental, utilizando como descritores as palavras “movimentos sociais” e “educação ambiental” como termos de busca nos jornais da região da Campanha, e que estão de acordo com nosso primeiro objetivo específico de identificar na mídia da região os MS, que estão envolvidos com as questões ambientais. O levantamento inicial desses termos foi realizado separadamente, ou seja, em cada jornal *on-line*, como modo de facilitar as buscas. Encontraram-se os resultados apresentados na Figura 8, a seguir:

Figura 8: Resultados da busca de EA e MS nos jornais.



Fonte: Autor (2020).

O Jornal Minuano surgiu por volta de 1994, pertencente à Fundação Attila Taborda, mantenedora da Universidade da Região da Campanha (URCAMP). O compromisso do jornal é manter a cidade e a região da campanha, com notícias e acontecimentos da comunidade, sendo referência no estado, com material impresso e online (MINUANO, 2020). De acordo com Minuano (2020), o jornal está na forma online desde 2005, atingindo a média de 20 mil acessos diários e nas redes sociais possuindo uma fanpage atualidade de informações e manchetes, com mais de 60 mil seguidores, sendo a preferência de muitos Bageenses quando o assunto é informação e publicidade.

Já o Jornal Folha do Sul, surgiu em novembro de 2009, como jornal impresso na cidade de Bagé-RS, com o passar dos anos a equipe foi transformada, e o jornal continuou a crescer na região da campanha, sendo um dos importantes periódicos de Bagé e da região sul do estado do Rio Grande do Sul, com ampla informação do desenvolvimento

regional e com notícias atualizadas, funcionando como jornal digital também (FOLHA DO SUL, 2020).

Inicialmente, procedeu-se a uma leitura flutuante dos resultados em ambos os jornais. Percebeu-se que muitos deles apenas faziam referência aos termos, sem apresentar indícios de discussão das temáticas de EA e MS, sendo desconsiderados para análise posterior. Observou-se a recorrência de citações de cunho religioso, da área da saúde e da música, questões que, na leitura flutuante, não estabelecem nenhuma conexão com os referidos descritores. Sendo assim, identificaram-se 472 notícias selecionadas na primeira busca, sendo excluídas 440 notícias da análise. Desse modo, o *corpus* de análise documental foi constituído por 32 reportagens.

Na Tabela 1, a seguir, apresentam-se os resultados desta busca a partir dos descritores EA e MS. Esses resultados foram organizados por códigos que indicam sua fonte e o teor principal da reportagem (FS_EA_20xx_#), (M_EA_20xx_#), (FS_MS_20xx_#), (M_MS_20xx_#), sendo que: FS corresponde à fonte Jornal Folha do Sul; M corresponde à fonte Jornal Minuano; EA corresponde à temática central da pesquisa: Educação Ambiental; MS corresponde a Movimentos Sociais; xx corresponde ao ano de publicação; e #, corresponde ao código da notícia. Todas as buscas foram feitas com base nas notícias de janeiro de 2015 a julho de 2020, em ambos os jornais, conforme mencionado. Destaca-se, ainda, que a coluna denominada macrotendência, à direita da Tabela 1, refere-se à categoria estabelecida entre o referencial já exposto e a notícia veiculada.

Tabela 1: Título da reportagem na mídia pesquisada e macrotendências de EA relacionada

(continua)

Documento	Reportagem	Macrotendência
FS_EA_2019_1	Protagonismo: ação visa transformar Candiota e região.	Pragmática
FS_EA_2018_2	Escola de assentamento ganha segundo lugar em Mostra Pedagógica do RS.	Crítica

FS_EA_2018_3	Prefeitura promove coleta de lixo eletrônico.	Pragmática
FS_EA_2018_4	Vigilância Ambiental destaca ações contra o mosquito <i>Aedes Aegypti</i> .	Conservadora
FS_EA_2018_5	Prefeitura promove palestra de educação ambiental.	Conservadora
FS_EA_2017_6	Educação Ambiental: escolas municipais são contempladas com a coleta seletiva.	Pragmática
FS_EA_2016_7	Inscrições abertas para o curso de formação de educadores ambientais.	Crítica
FS_EA_2017_8	Prefeitura estuda a consolidação de novas unidades de conservação ambiental.	Crítica
FS_EA_2017_9	Novo secretário trata como prioridade recuperação do aterro sanitário.	Crítica
M_EA_2019_10	Programa de Arborização Urbana instalará QR Codes na Praça do Coreto.	Crítica
M_EA_2019_11	Edson Brum avalia iniciativa que inclui cidades da região na Rota dos Butiazais.	Conservadora
M_EA_2019_12	Projeto de Candiota é o primeiro adaptado à Base Nacional Comum Curricular no Estado.	Pragmática

M_EA_2019_13	UTE Pampa Sul desenvolve campanha de Educação Ambiental.	Crítica
M_EA_2018_14	Evento irá debater mineração no Distrito de Palmas.	Crítica
M_EA_2018_15	Palestra para professores municipais aborda a educação ambiental.	Conservadora
M_EA_2017_16	Prefeitura realiza mutirão de limpeza no Arroio Bagé.	Pragmática
M_EA_2017_17	Câmara aprova projeto que proíbe fornecimento de canudos plásticos em Bagé.	Pragmática

Fonte: Autor (2020).

Na Tabela 1, elencaram-se as reportagens que apresentam a EA no contexto da região. Numa primeira análise, encontrou-se um total de 17 ações. Ao longo dos anos, a distribuição evidencia uma maior série de ações nos anos de 2017 (5), 2018 (6) e 2019 (5). Nesse período, aparenta-se maior concentração de iniciativas que promoveram a consolidação do campo ambiental, estando relacionadas a diferentes macrotendências, conforme indicado na tabela.

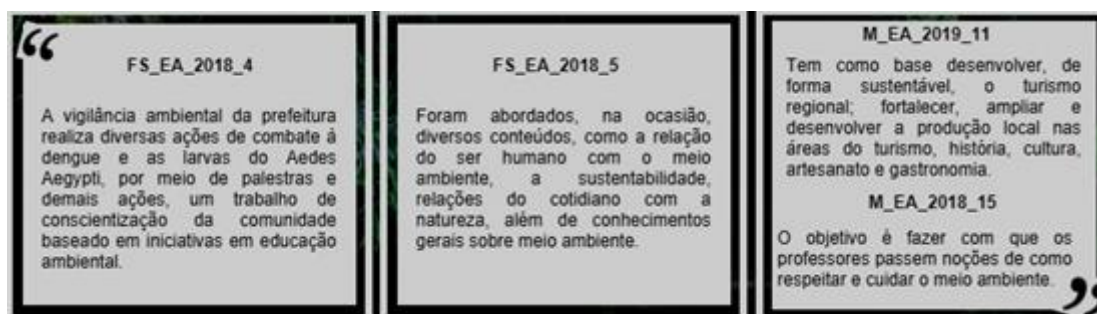
Nos anos de 2015 e 2020, não foram encontradas ações ou indícios que promovam e publicizem a EA na região. Em 2020, acredita-se que, diante da pandemia da covid-19, não ocorreu o desenvolvimento de muitas atividades, geralmente realizadas em espaços escolares ou com a população em geral, em lugares públicos. Assim, a coleta de informações limitou-se até julho do mesmo ano.

Sabe-se da multiplicidade de concepções e posições político-pedagógicas nas quais a EA está inserida. Com isso, há similaridade com as macrotendências a partir do alinhamento conceitual e epistemológico que se constitui a EA, visto que, ao longo dos anos, ocorreu um amadurecimento do seu próprio conceito, com um espectro de possibilidades de se conceber a relação entre educação, sociedade e meio ambiente

(SAUVÉ, 2005). Nesse contexto, identificou-se uma variedade de aspectos relevantes para esta pesquisa a partir do vislumbre das ações destacadas nos jornais durante o estudo documental. Com isso, relacionam-se possíveis articulações com as macrotendências adotadas como escopo teórico, que dão visibilidade a uma possível construção de diálogos à EA e aos MS locais.

Entre as principais palavras-chave que caracterizam uma EA conservadora, estão: “*Ecologia básica*”, “*Transmissão*”, “*Tecnicista*”. Na exploração do material, após leitura, interpretação e sistematização, encontraram-se ações dentro da região que estão alicerçadas apenas no viés comportamentalista e na transmissão de conhecimentos. Nos excertos a seguir, expostos pela Figura 9, apresentam-se algumas informações que reforçam as ideias apresentadas anteriormente, encontradas nos jornais.

Figura 9: Excertos com viés comportamentalista e conservadorista.



Fonte: Autor (2020).

Entende-se que, para gerar uma ação que transforme e potencialize mudanças, deve-se olhar para a intencionalidade que gera o processo educativo. Nesse âmbito, essas ações transmitem conhecimentos técnicos, pautadas na transmissão conceitual de ambiente e sustentabilidade, com o objetivo de reforçar o conhecimento neutro, sem provocar aspectos políticos de ação pedagógica, configurando-se como EA conservadora, com limitação potencial de transformação social e com respectivos distanciamentos críticos (LAYRARGUES; LIMA, 2011). Notou-se que, para gerar uma ruptura no gêrem conservador da sociedade, deve-se olhar para a dialogicidade e a problematização em torno dos temas geradores, requerendo uma investigação do problema apresentado, em que as situações-limites existenciais dessa realidade concreta possam ser compreendidas e vir a se tornar uma ação transformadora que possibilite uma educação mais crítica, dialógica e emancipadora, diferente das ações conservadoras

encontradas nas reportagens anteriores. A seguir, apresenta-se a Figura 10 e discutem-se algumas notícias que se caracterizaram como pragmática e que ajudam a entender a evolução das macrotendências dentro do campo de EA.

Figura 10: Excertos com viés pragmático

<p>“</p> <p>FS_EA_2019_1</p> <p>O projeto SSM Candiota sustentável visa universalizar a EA no Município, utilizando o que tem de mais moderno em termos de técnicas educacionais.</p>	<p>FS_EA_2018_3</p> <p>A Secretaria do Meio Ambiente e proteção ao Bioma Pampa (Semapa) realizou, ontem, coleta de eletrônicos na praça Silveira Martins (coreto). Foram coletados cerca de seis toneladas de descarte - a maioria televisores e computadores.</p>	<p>FS_EA_2018_6</p> <p>Todo resíduo selecionado pelas escolas será periodicamente recolhido pela equipe da usina de reciclagem, e, após ser pesado, será contabilizado em valores e a venda retornará para as escolas.</p>
<p>M_EA_2019_12</p> <p>O projeto SSM Candiota sustentável, funciona como uma extensão da sala de aula, para vivências relacionadas à temática da sustentabilidade.</p>	<p>M_EA_2017_17</p> <p>Decreto autoriza a utilização de produtos em material reciclável ou biodegradável, estabelecendo penalidades para casos de descumprimento e sanções que variam de advertência à multa no valor de R\$ 4 mil.</p>	<p>M_EA_2017_16</p> <p>No início da semana, a pasta realizou um mutirão de limpeza na área da panela do candal, retirando carcaça de móveis, eletrônicos, pneus, garrafas PET, entre outras coisas despejadas no local.</p> <p>”</p>

Fonte: Autor (2020).

A macrotendência pragmática é uma vertente bastante discutida no contexto industrial, e traz, no seu escopo, conceitos fundamentais do “*desenvolvimento sustentável*”, “*tecnologias limpas*” e da “*problemática do lixo urbano-industrial*”. A partir dessa prática, identificaram-se FS_EA_2018_3, FS_EA_2017_6, M_EA_2017_16, e M_EA_2017_17, que emergem de discursos e ações desenvolvidas pelas prefeituras das cidades de Bagé e Candiota, na região da campanha, e em escolas, como o descarte inadequado de entulhos e lixos, a recuperação de arroios, a coleta de lixo eletrônico e mutirões em torno de áreas poluídas. Isso se apoia nas teorias pragmáticas, em que se aborda a educação para sustentabilidade, as tecnologias limpas e que se nutre da problemática do lixo urbano-industrial nas cidades como eixo principal de discussão (LAYRARGUES; LIMA, 2011).

Os pesquisadores reconhecem que, para culminar um processo que vise refletir e transformar uma realidade concreta, deve-se reconhecer os temas geradores socioambientais e deparar-se com um diagnóstico de uma realidade existente. Nesse

sentido, Oliveira (2020, p. 69) menciona que esses temas geradores “procuram estabelecer quais são os conhecimentos científicos necessários para a superação da visão ingênua da realidade concreta, por parte dos(das) educandos(as), que será a teoria necessária para a superação da contradição socioambiental”. Sendo assim, uma visão pragmática poderá afastar a práxis de transformação de uma realidade que se está querendo conhecer, apesar dessa macrotendência estar presente em muitos processos de EA.

Sabe-se que grande parte das pesquisas educativas ambientais emergem da prática pedagógica em sala de aula (REIGOTA, 2002). Assim, FS_EA_2019_1 e M_EA_2019_12 discutem a universalização de EA em uma escola da cidade de Candiota, RS, como uma ferramenta que pode potencializar a prática de discussões desse cunho pedagógico. Essas ações visam trabalhar as questões ambientais dentro das escolas da região, de forma a debater a mineração e os benefícios e malefícios do uso do carvão mineral. Contudo, essa prática pode causar uma visão fragmentada sobre o tema em questão, visto que outros assuntos poderão aparecer e tornar a discussão mais ampla. Com isso, a prática só irá tornar-se crítica se outras opiniões forem consideradas, além da empresa em questão.

Assim, é dentro da escola que ocorre a maioria das discussões, debates e contextualizações em torno da EA. Segundo Reigota (2002), as ações desenvolvidas dentro da sala de aula estão fundadas na perspectiva de transmissão e construção de conhecimentos na base da ciência pós-moderna e que esteja baseada pedagogicamente em princípios que contemplem uns aos outros. Assim, a EA deve ser um processo contínuo que se configura na formação de valores e de cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade moderna. Desse modo, FS_EA_2018_2, FS_EA_2016_7, FS_EA_2017_8, FS_EA_2017_9, M_EA_2019_10, M_EA_2019_13 e M_EA_2018_14, conforme demonstra a Figura 11, abordam práticas ambientais locais que corroboram a prática social e os interesses da população na disseminação da justiça ambiental e que se contrapõe à teoria tradicional que não objetiva a transformação de uma realidade existente.

Figura 11: Excertos com viés crítico.

<p>“</p> <p>FS_EA_2018_2</p> <p>O projeto "protegendo as águas do pampa" foi o ganhador da mostra pedagógica que visa a proteção de fontes e nascentes de água e a educação ambiental voltada à preservação do pampa.</p>	<p>M_EA_2019_13</p> <p>Por meio de rodas de conversas que irão propor reflexões sobre as experiências vividas e aplicação crítica no cotidiano para melhorar a qualidade de vida das comunidades e a sustentabilidade ambiental.</p>	<p>FS_EA_2017_8</p> <p>Visa a consolidação do Parque Natural Municipal do Pampa como uma "sala de aula na natureza" para que as novas gerações tenham um olhar sobre a importância do nosso bioma.</p>
<p>FS_EA_2017_9</p> <p>Todos os projetos elencados no planejamento do titular da pasta estão relacionados aos reparos do local, que também passam pela recuperação de parcerias com a sociedade civil.</p>	<p>M_EA_2019_10</p> <p>O acesso também disponibilizará vídeos em libras para a acessibilidade de surdos. Para que o visitante se guie, haverá um totem central, com um mapa de localização de todas as árvores identificadas, com a lista também em braille.</p>	<p>M_EA_2018_14</p> <p>A mineração é uma das atividades que mais impacta e representa riscos constantes de desastres ao meio ambiente.</p> <p>FS_EA_2016_7</p> <p>Sensibilização dos moradores dos Municípios integrantes da Bacia Hidrográfica do Rio Camaquã quanto às questões ambientais e seu reflexo na disponibilidade hídrica.</p> <p>”</p>

Fonte: Autor (2020).

Nas reportagens, observa-se que essas ações podem abranger aspectos da EA crítica por despertarem a consciência ética e sensível dos problemas ambientais, que visa a mudanças sociais. É possível identificar, a partir de temas de interesse, rodas de conversas, desenvolvimento de projetos ou ações de uma determinada realidade, que elucidam as contradições sociais ambientais vividas, situações a serem compreendidas e discutidas no âmbito da EACT.

Para Torres (2014, p. 15), o sujeito considerado crítico e transformador é “formado para atuar em sua realidade no sentido de transformá-la, ou seja, é o sujeito consciente das relações existentes entre sociedade, cultura e natureza, entre homens e mundo, entre sujeito e objeto”. Com isso, concorda-se que, para ocorrer uma EACT dentro de uma realidade a ser observada e estudada, tomou-se em conta a dimensão educativa e epistemológica, propiciando a ruptura com conhecimentos do senso comum e apreensão de novos conhecimentos. Na Tabela 2, a seguir, apresenta-se quais são os MS, as principais ações e o título da reportagem.

Tabela 2: Títulos, principais ações, MS na mídia pesquisada

(continua)

Documento	Título da reportagem	MS	Principais Ações dos MS
FS_MS_2019_1	Painelistas debatem violência contra a mulher.	Feminista/ direito das mulheres.	Debate público sobre o direito das mulheres.
FS_MS_2019_2	Bagé registra manifestação em defesa da Educação e contra a reforma da Previdência.	Estudantil, Trabalhadores e Sindicalistas.	Mobilização nacional em defesa da educação e contra a reforma da previdência.
FS_MS_2019_3	Curso abordará a história e cultura afro-brasileira.	Negro.	Curso de formação sobre a história e cultura afro-brasileira.
FS_MS_2018_4	Empreendimento é confirmado como conflito mundial no Atlas Global de Justiça Ambiental.	Ambientalista.	Mapeamento de conflitos ambientais.
FS_MS_2018_5	Manifestação de movimentos sociais bloqueia acessos e trânsito em Candiota.	Trabalhadores sem terra (MST).	Mobilização social de ato político.
FS_MS_2017_6	Bagé terá representantes no movimento "Ocupa Brasília".	Trabalhadores	Reforma da Previdência.
FS_MS_2017_7	Jornada em defesa do Rio Camaquã ocorre hoje.	Ambientalista.	Defesa do Rio Camaquã, contra a exploração de terras pela instalação de mineradoras.

(conclusão)

FS_MS_2016_8	Militante do movimento negro cria projeto de conscientização.	Negro.	Debates e lutas do movimento negro nas escolas e órgãos públicos.
FS_MS_2015_9	Movimentos sociais e universidade.	Estudantil.	Curso de extensão em movimentos sociais e educação.
M_MS_2020_10	A insurreição afro-americana: um bravo exemplo para a Diáspora Africana.	Negro.	Justiça pela morte de George Floyd.
M_MS_2019_11	Um bar em Greenwich Village.	LGBTQI.	Quebra do silêncio LGBTQI.
M_MS_2019_12	Jovens realizam manifestação contrária às celebrações do 31 de março 1964.	Estudantil.	Uma narrativa contra a ditadura.
M_MS_2018_13	Fórum debate igualdade de gênero hoje.	Feminista.	Ações de combate à violência contra as mulheres e o empoderamento feminino.
M_MS_2018_14	Movimento de trabalhadores rurais bloqueia BR-293 e cobra soluções para estiagem.	Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e dos Pequenos Agricultores (MPA).	Mobilização regional pela retomada da Reforma Agrária, a continuidade da execução do Programa Camponês e a realização de eleição direta.
M_MS_2018_15	Movimentos sociais protestam contra a morte de Marielle Franco.	Negro, MST, Estudantil, Feminista.	Justiça pela morte de uma vereadora covardemente assassinada.

Fonte: Autor (2020).

É importante destacar, a partir da Tabela 2, que os MS estão presentes na região pesquisada com o propósito de construir representações fortes e simbólicas, por meio de discursos e práticas (GOHN, 2011). Nessa análise, encontraram-se 15 ações que elucidam os MS existentes. Ressalta-se o ano de 2018 e 2019 com o maior número de notícias representadas pelos jornais, e acredita-se que esse maior número de ações tenha acontecido diante da transição do governo federal, ocorrendo muitas mobilizações políticas e manifestos contra os cortes na educação e a reforma da previdência, que geraram grandes protestos no ano de 2019. A seguir, conhecem-se alguns movimentos presentes na região, e, por fim, os movimentos considerados neste estudo.

Quais MS presentes na região da campanha?

Considerando que as notícias publicadas em jornais se configuram muitas vezes difusas devido ao vasto número de reportagens e à inserção de novas, tornam-se necessárias a identificação e a padronização das informações e dos dados considerados relevantes ao estudo. Antes de focar nas relações estabelecidas, cabe salientar que os MS considerados militantes no campo de EA constituem-se como grupos que se organizam para lutar por certos objetivos e interesses, tanto de transformação quanto de preservação da ordem estabelecida na sociedade ou por direitos básicos à vida. Concorda-se com Gohn (2011), que refere que os movimentos estão constantemente em sintonia com a realidade social, construindo ações coletivas e propostas que agem como resistência à exclusão.

Entre as reportagens selecionadas, ressaltam-se alguns assuntos que carregam, no seu arcabouço, o debate sobre uma realidade existente de luta e indignação, em busca de um lugar de fala para um mundo mais justo, igualitário e com equidade. Entre esses movimentos, encontra-se o movimento estudantil e dos trabalhadores, conforme FS_MS_2019_2, FS_MS_2017_6, FS_MS_2015_9 e M_MS_2019_12 e M_MS_2018_15, demonstrados na Tabela 2.

Esses movimentos se fazem necessários no cenário atual, que insiste em desestruturar as leis trabalhistas e causar prejuízos significativos à previdência social, e também o desmantelamento da educação pública, gratuita e de qualidade. Cabe destacar que o movimento estudantil sempre se faz presente em falas importantíssimas na constituição dos direitos humanos e da preservação ambiental, mostrando que os jovens se importam com essas questões.

Ainda nessa discussão dos MS, observam-se outros debates que fazem jus aos MS e que se configuram na discussão, como o Movimento Negro (FS_MS_2016_8, FS_MS_2019_3 e M_MS_2020_10), conforme os desafios e lutas para a conscientização e ampliação de debates da história afro-brasileira na região, em que o racismo muitas vezes se encontra enraizado na esfera política e social; o Movimento Feminista (FS_MS_2019_1, M_MS_2018_13), que trata as estruturas da sociedade e as narrativas para o debate da violência de gênero contra o sistema opressor; o Movimento LGBTQI+ (M_MS_2019_11), que luta pelo direito à união estável, à saúde e à liberdade; e a união dos movimentos, em atos como da morte da vereadora assassinada, Marielle Franco (M_MS_2018_15).

Apesar de esses movimentos constituírem-se importantes na busca da transformação social através de um modelo civilizatório, no qual a cidadania, a ética, a justiça e a igualdade social sejam imperativos, prioritários e inegociáveis, na participação nas políticas públicas e sociais (GOHN, 2011), encontram-se poucas ações de EA que possam estabelecer vínculos com as macrotendências já discutidas, todavia, esses movimentos também são importantes para se entender a história de nosso país, bem como para compreender este local denominado campanha gaúcha.

Diante disso, serão trazidos quais movimentos foram considerados nesta análise e quais relações eles possuem com EA, bem como se foi identificada a presença da macrotendência crítica e da práxis de transformação. Evidenciaram-se, ainda, na Tabela 2, alguns movimentos que são considerados ambientalistas e que ajudam a explorar quais macrotendências estão presentes. Nesse contexto, apontaram-se quatro reportagens com um viés crítico, que serão consideradas e discutidas a seguir.

O que os MS da região da campanha têm disseminado sobre EA?

Após a prática inicial dos pesquisadores, de olhar os MS, evidenciar se existem indícios de discussões sobre EA e observar o que os jornais dizem sobre EA na região e como pode ser feita essa articulação com as macrotendências, discutir-se-ão os movimentos que foram tomados como análise neste artigo. Localizaram-se discursos apenas no Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e nos Ambientalistas que estão de frente na luta pela preservação da biodiversidade do Pampa gaúcho.

O movimento MST surgiu em decorrência da luta pela democracia, a partir da implementação de uma nova política de desenvolvimento agropecuário. Na época da ditadura, a classe de trabalhadoras e trabalhadores rurais reuniu-se em movimentos pelos direitos de suas terras. Com isso, FS_MS_2018_5 e M_MS_2018_14 são exemplos que abordam o MST. Observou-se que, no ano de 2018, eclodiram algumas ações na região, na busca por melhores condições de vida no campo (trabalho) e pela luta do ativismo político e social (trabalho). Segundo Acselrad (2010):

Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), questionam noção corrente de produtividade, sustentando que não é “produtiva” a terra que produz qualquer coisa a qualquer custo, acusando a grande agricultura químico-mecanizada de destruir recursos em fertilidade e biodiversidade, e, assim, descumprir a função social da propriedade. (ACSELRAD, 2010, p. 106).

O MST ultrapassa o conceito de apenas um MS. Ele busca a formação de “novos seres humanos”, uma busca coletiva na formação de seu sujeito. Ainda, propõem “a reflexão e elaboração teórica de princípios político-pedagógicos articulados às práticas educativas desenvolvidas no interior das lutas sociais levadas a efeito pelos povos do campo” (SAVIANI, 2008, p. 172).

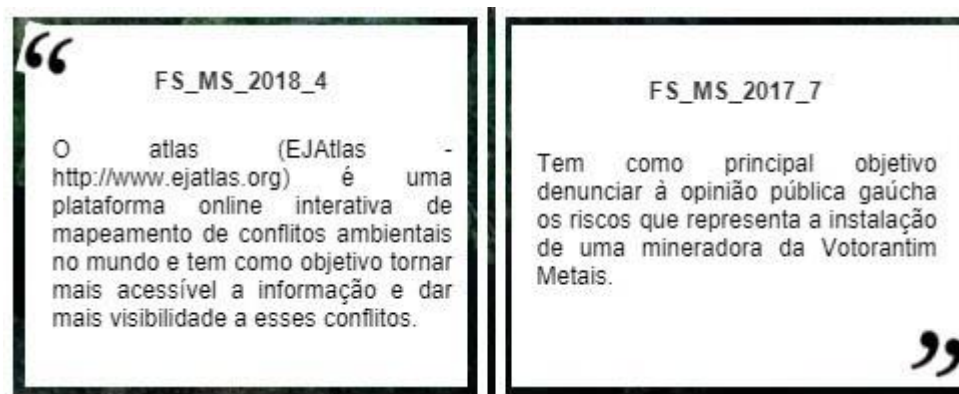
Os conflitos de luta pela terra e os MS, como viés ambiental, acabam recaindo também na reforma agrária. A exemplo disso, têm-se os MPA, que constroem estratégias de lutas diante das expropriações sofridas ao longo do tempo, com o intuito de promover os princípios de justiça social contra a produção capitalista e o uso intensivo de agrotóxicos. Constrói-se, assim, uma relação com a terra e uma aproximação com a educação do campo, formando diálogos de mobilização política e social, constituindo-se de EA crítica.

Entende-se que, para desenvolver uma EA crítica, no âmbito dos MS, a práxis transformadora deve ser pautada e orientada para a transformação da realidade presente, que perpassa por alguns momentos de diagnóstico, prognóstico e ação transformadora da realidade observada e investigada dentro de um determinado contexto, além de objetivos da educação freireana e da teoria crítica. Sendo assim, muitos desses movimentos são pautados nessas teorias, visto que toda a luta do MST é resultado de um processo de construção histórica e não natural, em que transformar sua realidade torna-se um dos objetivos principais para superar as contradições sociais existentes.

Destaca-se, ainda, que não foram encontrados, nas reportagens, os Movimentos Indígenas e o Movimento dos Atingidos por Barragens, que também trazem correntes ambientalistas. A não localização de reportagens acerca desses movimentos sinalizados anteriormente está relacionada à natureza da região da campanha, que não possui barragens que categorizam riscos, e também, há pouca ocupação dos povos indígenas. Observa-se que esses movimentos, junto com o MST, não se autodenominam ambientalistas, apesar do diálogo presente, mas sim, como uma ecologia popular denominada por Alier (2015) como a ecologia dos pobres, que têm seus eixos na discussão dos conflitos e das justiça ambientais.

A seguir, evidenciam-se alguns conflitos que refletem em ações de transformação da realidade e que são considerados críticas dentro de um MS. Os conflitos ambientais emergem da injustiça dos grupos sociais discriminados ou em vulnerabilidade social. Observa-se, a seguir, na Figura 12, duas reportagens que recaem sobre uma problemática local na região, que reúne diversas pessoas, comunidades e políticos que são contra a instalação de uma mineradora na bacia do Rio Camaquã, que se constitui importante na vida de pessoas e de produtores que vivem na região, como também no desenvolvimento do bioma pampa como necessário na manutenção da vida no campo.

Figura 12: Excertos considerados críticos dentro dos MS



Fonte: Autor (2020).

Como ilustrado, a mineração é um desafio para a população local e para moradores que estão presentes e fazem parte da história, cultura e preservação do Rio Camaquã. Com isso, a preocupação com os impactos socioambientais de megaprojetos previstos e em andamento no RS é recorrente na vida desses indivíduos. O estudo dos movimentos ambientalistas contribui para o acesso a ideias e práticas de indivíduos e

grupos em prol da transformação, com o intuito de requalificar sempre as relações de sociedade, meio ambiente e natureza, em que a justiça ambiental só existe se houver democracia e intervenções sociais e econômicas do estado para promover o bem-estar social.

A coletividade mostra-se como uma possibilidade de intervenção da realidade concreta, tratando da visão do sujeito transformador e emancipador. As falas, narrativas e reflexões, enquanto movimento, conforme FS_MS_2017_7, vão criando representações e diálogos para a construção de propostas que irão desencadear mobilizações sociais.

Atualmente, é possível traçarem-se relações entre a EA crítica, a práxis transformadora e os movimentos sociais, vista a importância de investigar os impactos ambientais, econômicos e sociais que se constituem na região da campanha, que abrange o Bioma Pampa, em que indivíduos críticos são capazes de se posicionar frente aos desafios perante a preservação ambiental.

É importante notar que a práxis se torna um movimento que se volta às relações sociais, tanto para a sociedade quanto para outros âmbitos, como político, econômico e ambiental. Na sua dissertação, Oliveira (2020) salienta que a práxis é um movimento que busca superar as contradições. Já para Freire (1987, p. 52), “a práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido”. Nessa práxis que possibilita a ação e reflexão do homem no seu mundo, alterando o modo histórico e complexo em que as relações entre indivíduos e grupos têm se estruturado até hoje, Freire destaca a relevância da práxis sobre a realidade sócio-histórico-cultural vivida a ser transformada e o posicionamento crítico do sujeito, vinculadas, por exemplo, a uma educação libertadora e emancipadora.

Diante dessa práxis de transformação que se buscou indicar anteriormente, Gohn (2000) refere que os MS podem ser de diferentes classes e camadas sociais e que o tipo de ação social é que irá indicar o caráter do movimento. Existem movimentos reformistas que perpassam pelos alternativos e vão até os transformadores. São várias possibilidades e fontes de inovação que devem ser tratadas como de caráter político-social, e não isoladamente. Sendo assim, a macrotendência crítica é considerada uma evolução da práxis educativa de algo que era anteriormente conservador. A macrotendência crítica traz a complexidade para a compreensão e intervenção na realidade socioambiental. No geral, pode-se considerar que, na região de estudo, existem preocupações em elucidar-se as proximidades com os MS por parte das notícias que

constituem o *corpus* documental desta pesquisa, mesmo havendo alguns afastamentos e silenciamentos das perspectivas críticas, como, no caso, as pragmáticas e comportamentalistas, tendo em vista que alguns movimentos não se constituíram necessariamente falas de EA nas suas práticas. Cabe ressaltar, ainda, que:

A noção de “justiça ambiental” exprime um movimento de ressignificação da questão ambiental. Ela resulta de uma apropriação singular da temática do meio ambiente por dinâmicas sociopolíticas tradicionalmente envolvidas com a construção da justiça social. Esse processo de ressignificação está associado a uma reconstituição das arenas onde se dão os embates sociais pela construção dos futuros possíveis. E nessas arenas, a questão ambiental se mostra cada vez mais central e vista crescentemente como entrelaçada às tradicionais questões sociais do emprego e da renda. (ACSELRAD, 2010, p. 108).

Ao se falar dessa ressignificação ambiental, diz-se que, em seu percurso histórico de constituição e de justiça ambiental, a macrotendência conservacionista deixou de ser a mais recorrente, ao menos entre os educadores ambientais, surgindo outros dois caminhos: a macrotendência crítica, despontando como uma alternativa capaz de realizar o contraponto à macrotendência conservacionista; e a macrotendência pragmática, derivação da problemática ambiental urbano-industrial (LAYRARGUES; LIMA, 2011). É importante destacar que a EA crítica não é uma evolução da EA conservadora, pelo contrário, a macrotendência crítica nasceu em resposta e oposição às concepções e práticas da EA conservadora. Portanto, para avançar nesse diálogo, é preciso estar atento às mudanças e entendimento de que o ser humano é parte integrante e indissociável da evolução da práxis transformadora (FERREIRA, 2016).

Identificaram-se as macrotendências como uma multiplicidade de concepções, posições políticas, práticas pedagógicas e possibilidades dentro do campo da EA juntamente com a práxis de transformação. Essa pluralidade ainda está sendo construída, em conjunto com os MS, principalmente na vertente crítica. Entende-se que o que define a perspectiva de EA não é a ação em si, mas a intencionalidade do processo educativo. Assim, os meios de comunicação são capazes de agir nesses processos em diversos setores sociais e ambientais, com o intuito de sensibilizar a sociedade com os problemas socioambientais presentes na região e de discutir a atuação dos setores político e econômico, que afetam o meio em que se vive.

Através da plataforma social “Facebook”, buscamos considerar o amplo acesso à informação, e o número expressivo de pessoas conectadas na rede mundialmente, em que podemos encontrar: páginas, comunidades, pessoas, grupos, e outras interações que

nos ligam com as notícias e informações relevantes para o processo de consolidação do que se pretendeu investigar nesta dissertação.

Atualmente as tecnologias digitais nos auxiliam em novas compreensões e modos de construção de opinião e posicionamento sobre determinado fato ou questão, que consequentemente geram o compartilhamento de novas formas de informações, através de *links*, fotos, vídeos, etc. Em nossa busca utilizamos o descritor “Movimentos Sociais”, nesse percurso, buscamos grupos ou páginas que integrassem características EA que estivesse atualizada e vinculada a notícias ou ações da região do Pampa Gaúcho no ano de 2020, principalmente na luta e combate das problemáticas socioambientais locais, assim encontramos alguns grupos que fazem parte dessa inserção e que estão de acordo com nosso primeiro objetivo específico de identificar na mídia na região os MS, que estão envolvidos com as questões ambientais. Todas as buscas foram feitas com base nos resultados da rede social explicitada. Na figura a seguir, a primeira página que obtivemos como resultado.

Figura 13: Comitê de Combate à megamineração no RS



Fonte: Comitê de combate à megamineração no RS (2020).

A página conta com 3226 curtidas e se preocupa com os megaprojetos de mineração instalados no RS, o comitê é formado por diversas associações e MS, comprometidos com a defesa da vida e contra esses projetos que afetam a diversidade e biodiversidade de áreas de preservação.

Os impactos causados pela mineração, provoca um conjunto de efeitos e conflitos socioambientais que acabam ocasionando em várias regiões uma expansão desordenada

e sem controle principalmente do uso do solo, onde esse processo culmina também na poluição do ar, água e sonora. Segundo Bitar (1997), alguns dos conflitos que geram externalidades são: alterações ambientais, conflitos de uso do solo, depreciação de imóveis circunvizinhos, geração de áreas degradadas e transtornos ao tráfego urbano. Estas externalidades geram conflitos com a comunidade, pois o empreendedor não se informa sobre as expectativas, anseios e preocupações da comunidade que vive nas proximidades da empresa de mineração que muitas vezes se caracteriza na história e sentimento pelo ambiente que possui inúmeras riquezas ambientais e de preservação.

A responsabilidade social e ambiental torna-se uma das condições essenciais na luta pela preservação com as diferentes normas e condições impostas pela sociedade e por entidades governamentais, buscando assim o convívio entre o homem e meio ambiente, apesar de muitas destas práticas serem insustentáveis diante do cenário ambiental, industrial e político atual.

As ações de transformação da natureza, mediante a interferência humana tem causado vários efeitos negativos em decorrência de várias práticas destrutivas instauradas a séculos em nossa sociedade. A sociedade capitalista que gera em sua bagagem elementos que culminam na alteração natural, como a crescente demanda por energia, o alto consumo de alimentos, o lançamento de poluentes, a capacidade absurda de gerar resíduos e o intensivo curso migratório, são exemplos significativos, conforme Viola (1987, p.1):

[...] destruição do solo através de seu uso abusivo, provocando erosão, inundações e alterações do clima; ameaça à vida biológica nos oceanos, lagos e rios, devido à poluição de suas águas; envenenamento da atmosfera com vapores prejudiciais; criação e produção de armas com poderes absolutos de destruição de qualquer forma de vida; concentração de atividades industriais e comerciais em áreas superlotadas, até o ponto em que as deseconomias externas do congestionamento, da poluição e da alienação da moderna vida industrial e urbana anulam os ganhos em qualidade de vida obtidos através do aumento do consumo material.

Diante dessas relações e comportamentos humanos que sempre geraram múltiplas crises ambientais ao longo dos anos, trago no escopo uma associação gaúcha que sempre defendeu o ambiente natural do RS desde 1971, conforme a página da associação a seguir, sendo a primeira entidade ecológica que irá comemorar 50 anos no País. A luta pelo ambientalismo brasileiro sempre presente nos discursos, com o intuito de defender ações de cunho ambiental, como a defesa dos biomas, pela vida da biodiversidade e o fim dos agrotóxicos e energia nuclear.

Figura 14: Página da Agapan



Fonte: Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (2020).

Este movimento ecológico impulsionou no Estado a luta dos movimentos ambientalistas que até a década de 70 não tinham um espaço de voz e democrático, na época o movimento atraiu diferentes ativistas e militantes que começavam a lutar pelas questões ambientais, a luta sempre foi pela busca do novo e de novas reconfigurações, para abandonar o paradigma do crescimento econômico que vêm destruindo os ecossistemas e a sociobiodiversidade local e planetária (AGAPAN, 2020).

A página conta com aproximadamente 7550 curtidas, e traz a crítica ambiental como práticas educativas e denunciáveis pelo que vem ocorrendo, isso tudo voltada para o questionamento crítico dos aspectos predatórios do atual modelo de desenvolvimento econômico e social, sempre buscando a opinião pública e o levantamento de informações junto a comunidades e movimentos que ecoam a prática ambiental.

Com base nos resultados encontrados, selecionamos alguns grupos com características marcantes na luta por espaços democráticos e ações que promovam o diálogo e o desenvolvimento sustentável e que carreguem em seu arcabouço momentos de reflexão que possam nos auxiliar no pensamento de uma EACT. Na figura a seguir, a primeira página que obtivemos como referência para nossa pesquisa.

Figura 15: Página da UPP - Camaquã



Fonte: União pela preservação do Rio-Camaquã (2020).

A página Rio Camaquã – União pela preservação (UPP - Camaquã), tem como objetivo a luta e mobilização social pela preservação do Rio Camaquã, visto da instalação de uma mineradora de chumbo, assim a mobilização torna-se visível em toda região, com forte apoio da comunidade e de entidades locais, a página conta com quase dez mil curtidas, formada por diferentes pessoas, que foram se moldando ao grupo, através da sua história de vida, luta e trajetória. Como já mencionamos anteriormente, a mineração é um desafio para a população local e moradores que estão presentes e fazem parte da história, cultura e preservação do Rio Camaquã.

A UPP - Camaquã é um grupo não-formal, que surgiu em 2016 na comunidade de Palmas, em razão dos projetos de mineração, e da vontade dos moradores na luta pela não instalação de empreendimentos deste porte no Rio Camaquã, risco esse, que afetaria todos os moradores que vivem e utilizam o rio como forma de renda, manutenção da vida e preservação. A mobilização começou quando um grande empreendimento, especificamente o projeto de Caçapava do sul, pretendia se instalar nas margens do Rio, na localidade de Guaritas, em divisa com Palmas.

No início, a UPP - Camaquã, foi idealizada por duas moradoras de Palmas, que são irmãs, então, logo outras pessoas começaram a se mobilizar, primeiro os moradores da própria comunidade, os moradores da cidade de Bagé e logo por todos os Municípios que fazem divisa com a bacia do Rio já estavam fazendo parte, além do grande apoio das Universidades e algumas entidades locais. Com isso, os sujeitos que compõem esse

grande grupo, são de diferentes esferas sociais. A seguir, identificamos a AGRUPA, que nos auxiliou neste percurso e que se interliga com a UPP - Camaquã.

Figura 16: Página da Agrupa



Fonte: Associação para grandeza e união de Palmas (2020).

Identificou-se neste processo de pesquisa algumas vozes presentes no grupo, que foi formalizado em 2017 e conta com aproximadamente 452 curtidas em sua página, observou-se contribuições de alguns integrantes que estão sempre compartilhando informações pertinentes e se engajando em causas da região de Palmas que abordam a cultura e questões ambientais.

A AGRUPA (Associação para a Grandeza e União de Palmas), tem como objetivo principal promover o desenvolvimento sustentável no distrito de Palmas, comunidade rural que se localiza aproximadamente a 70 km da cidade de Bagé – RS. O que fundamenta a AGRUPA é o posicionamento frente a implementação de mineradoras e hidrelétricas no alto do rio Camaquã, que ameaçam a preservação e biodiversidade da região, como também a divulgação de eventos que a comunidade oferece, como artesanato, produtos agrícolas e alimentos do próprio cultivo que celebram a união como associação. Neste percurso, encontra-se o Rio - Camaquã, em que a irrigação se constitui como uma das atividades que mais consome água da bacia hidrográfica, vinculada principalmente à irrigação do arroz. O rio ainda conta com o abastecimento de água a um pequeno público, cerca de 1% das águas subterrâneas e superficiais, utilizado também na

produção pecuária e outros recursos que não utilizam a retirada da água, como alguns espaços de lazer e turismo, para pesca e até mesmo para geração de energia hidrelétrica em alguns lugares. A seguir um pequeno esboço, que nos mostra onde a bacia do Rio - Camaquã se localiza.

Figura 17: A bacia do Rio - Camaquã



Fonte: Secretaria Estadual do Meio Ambiente (2020).

Dentro desse espaço a bacia do rio Camaquã se divide em várias unidades que são denominadas: UPGRH Alto Camaquã, UPGRH Médio Camaquã, UPGRH Baixo Camaquã-Duro, UPGRH Arroio Velhaco e UPGRH Turuçu. Nossa região da Campanha, é banhada pelo Alto Camaquã e tem como atividade principal a agropecuária extensiva e a silvicultura, porém também apresenta vocação para o turismo e mineração.

O encontro com a Agrupa e a UPP - Camaquã, contribuiu de certa forma para acessarmos as ideias e práticas das narrativas individuais e coletivas dos sujeitos, em que o espaço de investigação, que é a comunidade de Palmas, com suas histórias, paisagens e realidade local, favoreceram a aquisição dos fatos e evidenciaram as relações do outro com a natureza, em que indivíduos críticos foram capazes de se posicionar frente aos desafios impostos pela sociedade contemporânea atual. Após uma breve caracterização dos nossos fenômenos encontrados até aqui, nos próximos capítulos, construímos as narrativas individuais e coletivas, de acordo com nossos métodos empregados.

CAPÍTULO 5 - SABERES DE EACT DOS INTEGRANTES DO MS AGRUPA E UPP - CAMAQUÃ

“O amor à querência é espontâneo no homem. Dele não se despega nunca, por mais que o tempo e a distância o afastem do lugar em que viveu os seus primeiros anos. Quero que a querência aqui tenha o sentido forte do primeiro vagido, do espaço de um berço, do primeiro ângulo que os olhos nascentes vislumbraram. Minha querência é todo um bairro, curioso bairro que se confunde com um distrito”. (Guido Mondin).

Figura 18: Estrada de chão nas Traíras



Fonte: Autor (2021).

Somos movidos pela pressa e pelo pragmatismo das coisas, que soltamos a mão do tempo e das belas lembranças, narrativas, momentos e histórias que acabam nos constituindo nesta caminhada da vida. Um passado tão longe, mas que se encontra com acontecimentos atuais. É assim que nossa visão de Palmas constitui, de muitas emoções e significados. Na imagem, o caminho que representa as terras da minha família, mas que representa também toda a família Palmeense.

Nisto, reside a razão do registro da fotografia, voltada para a memória da região de Palmas, que possui muitos nomes e significados. Neste capítulo o leitor poderá

vislumbrar as narrativas dos sujeitos Palmenses e poderá pensar no significado deste distrito, que muitos chamam de localidade, mas que também poderia ser caracterizada como comunidade.

Minha família, por exemplo, é residente de Palmas, na comunidade das Traíras como chamamos, trazida na introdução desta dissertação. São muitas pessoas presentes na região, em uma terra de gente amiga, hospedeira, que se unem no sentido de ser e estar como comunidade, dentre elas existem: Arroio das Torrinhas, Arroio do Tigre, Arroio da Lixiguana, Passo do Cassão, Passo dos Enforcados, Cerro do Malcriado, Cerro da Cruz, Cerro da Figueira, Coxilha das Flores, Rincão dos Mouros, Rincão dos Valérios, Rincão do Inferno, Pedra Grande, Pavilhão, Várzea, Corredor dos Brasil, Corredor dos Collares, entre outros nomes. As localidades apontadas aqui são utilizadas como referência para a comunicação entre os moradores por exemplo, quando falta luz em Palmas - o que ocorre com frequência - os grupos sempre se comunicam dizendo: "Faltou luz aqui na Pedra Grande", "Faltou luz aqui no Passo dos Enforcados", etc.

Ao pensarmos nas histórias dessa região e das pessoas que o habitam, devemos pensar em um espaço tridimensional, que situamos as experiências e vivências enquanto localidade, mas sempre olhando para o retrospectivo, introspectivo e extrospectivo, que acabam por moldar as dimensões sociais-pessoais, que observamos nestes muitos lugares, mas com um único sentido, o de "comunidade".

Para início, Palmas sendo o maior distrito rural do Município de Bagé, traz consigo características marcantes na sua paisagem, como o Rio – Camaquã, o céu azul e estrelado ao entardecer, o cruzeiro do sul que vai ao seu encontro, além de muitas estradas com dobradas e pedras, em que o vento minuano arrepia até os mais corajosos destes campos sulinos, além de esconderijos e lendas que acompanham sua história. Segundo Pires (1992, p. 17) "Palmas se relaciona com a existência, nas cercanias, de uma ou mais espécies de Palmeira, de quatro mil que constituem a família das palmáceas, entre as quais o nosso popular coqueiro e buriti". Há quem diga, que o nome de Palmas, está relacionada ao arroio das Palmas que é um grande divisor na região, sendo um dos principais arroios.

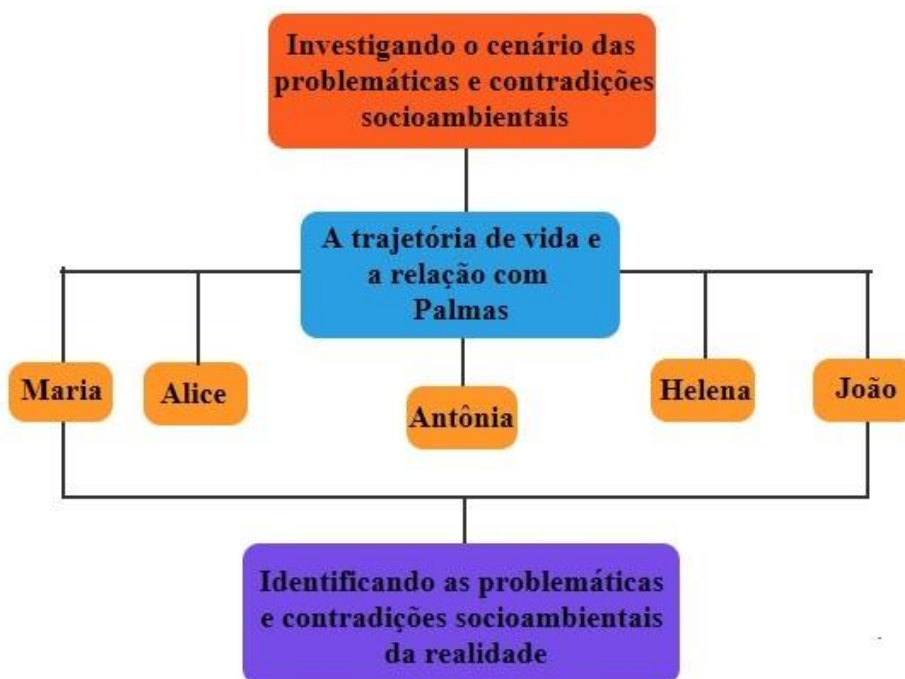
Os fatos e acontecimentos acabam alterando todo o curso de uma história, em que à medida que os pequenos fatos vão aparecendo, novas contribuições e experiências acabam se moldando, especialmente nas comunidades interioranas, que possuem uma forte ligação de sentimento e pertencimento. Não podemos falar de Palmas, sem falar dos

sujeitos que habitam e que tornam a comunidade um lugar de histórias e de narrativas que enriquecem o cenário de uma pesquisa.

Os sujeitos que são mencionados nos próximos itens, revelam histórias e experiências sobre Palmas, que discorre sobre narrativas repletas de subjetividades e objetividades, que nos aproximaram da EACT, através da Agrupa e da UPP - Camaquã, e dos moradores, com isso, à medida que conhecemos suas trajetórias individuais, alcançamos uma dimensão maior como coletivo e movimento.

As cinco entrevistas realizadas no capítulo, norteiam o momento de investigação do cenário das problemáticas e contradições socioambientais encontradas em Palmas, assumindo que quando se observa a realidade, observa-se o processo histórico que é modificado pelas ações humanas na realidade (OLIVEIRA, 2020). A seguir, um fluxograma, que mostra como os próximos itens estão interligados e como as narrativas estão divididas.

Figura 19: Fluxograma dos próximos itens



Fonte: Autor (2021).

5.1 A trajetória de vida e a relação com Palmas

Apresentamos as narrativas dos sujeitos da pesquisa, no que se refere às suas histórias individuais, buscando compreender suas percepções que resgatam lembranças

deste lugar chamado Palmas. Para tanto, narrativas enriqueceram o presente estudo, dialogando com as referências já apresentadas. É com base nessas narrativas e dos espaços e relações estabelecidas, desde a infância até a idade adulta, que construímos os significados iniciais desta dissertação. Nas próximas páginas, as transcrições das entrevistas narrativas encontraram-se em itálico e também adotamos pseudônimos aos entrevistados, em que chamamos de Maria, Alice, Antônia, Helena e João, para preservar suas identidades.

5.1.1 Maria, os primeiros moradores de Palmas, e 200 anos de história.

Muitas famílias, possuem uma história de longos anos em Palmas, em que à medida que o tempo foi passando, foram adquirindo terras, e novos herdeiros tomando posse. Um lugar de muitas fascinações, em que é fortalecida pela atividade econômica que hoje se sustenta a pecuária e a agricultura de subsistência. Iniciamos com a narrativa de Maria, que nos mobiliza a compreender e refletir sua existência e experiência com essa comunidade:

“Eu nasci em Bagé, mas eu fui criada e sou de Palmas. Meus pais são de lá, minha mãe vinha até Bagé naquela época para a gente nascer, em busca de recursos, como: hospitais e alimentos. Então morei até meus 11 anos em Palmas. Depois eu vim estudar em Bagé. Nós somos moradores itinerantes de Palmas, trabalho em Bagé, em outros dias vou á Palmas. Na semana a gente vai uma ou duas vezes. Mas continuo com casa lá em Palmas e também aqui em Bagé por causa dos compromissos.”

A família de Maria habita as terras de Palmas há muitos anos, lugar que nunca deixou de existir na sua vida e memória, tendo um significado direto para muitas famílias que possuem no sangue, uma história de vida, luta e persistência. Em sua narrativa, ela reforça: *“Ainda assim, temos mais de 200 anos ali em Palmas de histórias, fomos os primeiros moradores. Entre os Collares, os Simões Pires.”*

Em seu livro Palmas da gente: guardados da memória, Pires (1992), aborda a riqueza, cultura e experiência de fazer parte deste chão, recheado de memórias, acontecimentos e fatos, trazendo também as questões ambientais que circundam esta comunidade desde os habitantes que atravessavam o Rio – Camaquã a nado e por barcos durante as enchentes, até momentos de seca e situações de perigo como a instalação das mineradoras, se fazendo presente o estudo documental nesta dissertação também.

A árvore genealógica dos Simões Pires está presente nas mais diversas famílias do Rio Grande do Sul. Antônio Simões Pires, filho de Matheus Simões Pires, é o tronco dos Simões Pires no Estado, em que a leitura de um passado, nos remete a descobertas do futuro, em que o mesmo é tataravô do autor desta dissertação. Dito isso, Antônio recebeu sesmarias em diversos pontos do estado e, inclusive, no Uruguai. Uma delas situava-se nas Palmas e foi concedida por carta de confirmação de sesmaria, dada na cidade de Lisboa em 30.10.1799 e assinada pelo príncipe D. João VI (PIRES, 1992).

O fato interessante é que para a concessão destas terras, o príncipe impôs duas condições: a conservação e o replantio de espécies arbóreas e a obrigação da construção de pontes e caminhos onde fosse necessário, dizendo:

[...] e serão obrigados a conservarem os Tapinhaens, e Parobas, que se acharem nesta data, deixando de os cortar, para outro algum uso, que não seja do da construção das naus da mesma senhora, e a cuidar da plantação destas árvores, naquelles mesmos lugares em que já as houverão, ou forem mais próprios, para a produção das mesmas, como também a fazer os caminhos de sua testada, como Pontes, e estivas onde necessário for. (PIRES, 1992, p. 52).

Em um enredo de histórias, os Simões Pires se entrelaçam com os Collares, se constituindo de muitas famílias que se distribuem ao longo da BR-153 que dá acesso ao distrito rural de Palmas. Maria, que faz parte da família dos Collares, afirma:

“Nossa comunidade de Palmas é muito especial. Hoje em dia é uma região bastante povoada, é o distrito mais povoado de Bagé. Lá existe um sentido de comunidade, eu me orgulho disso. Se eu precisar de ajuda, eu procuro vizinhos, sempre eles ajudam. Então, eu e a minha irmã e toda família, nós ajudamos também, não tem um dia que eu não esteja fazendo alguma coisa em prol de alguém ajudando alguém em algum documento, em uma escritura, conselho, em qualquer situação.”

Segundo Clandinin e Connelly (2015, p. 58), “os comportamentos, são expressões narrativas também”, assim, os sujeitos são os personagens que contam e recontam as histórias de suas vidas, o local no qual essas histórias acontecem, e em que momento foi despertado essas diferentes concepções, objetividades e subjetividades, que acabam por identificar o contexto histórico e social, como comunidade.

É importante considerar a existência deste sentido de comunidade, para compreendermos a natureza do estudo para possíveis potencialidades que condicionem a vida dos sujeitos dentro do contexto social. A partir disso é que as ações coletivas acabam

acontecendo, permitindo estratégias e ações concretas, para produzir novas informações e assim, a realidade investigada seja superada.

Desta forma, a narrativa de Maria, permite identificar: a participação, a coletividade e a união como um grupo, contribuindo para o desenvolvimento e conhecimento das suas histórias e trajetórias de vida, de forma que esse processo pudesse crescer e avançar na busca de novos conhecimentos a respeito do diagnóstico da sua realidade, tornando a localidade de Palmas, em uma transformação constante até os dias atuais, em comunidade, em nossa leitura de Brandão (2005, p. 28):

Um contexto humano de vida e de partilha da vida que nós construímos através do nosso trabalho partilhado. Um modo humano de vivermos juntos ao qual damos o nome de sociedade humana. Um vivermos juntos em comunidades em que compartilhamos conhecimentos e valores, princípios de vida e visões de mundo, regras de convivência, poemas e preces, cantos e culinárias. E as teias e tramas em que entretecem tudo isto para criarmos uma cultura: a nossa maneira de vivermos no nosso Mundo.

Com isso, na realidade pensada, investigada e vivida em Palmas, as pessoas que estão presentes, sentem-se corresponsáveis pelas ações coletivas que contribuem na constituição e desenvolvimento de sua comunidade. Segundo Brandão (2005), essas interações de vida em redes e entre as pessoas, acabam por despertar o coletivo, o comunitário e o solidário. Assim, em Palmas não é diferente, a comunidade partilha seus conhecimentos e visões de mundo. a Agrupa e a UPP - Camaquã, em nossa visão constituem-se como um espaço não-formal de educação, que tem suas premissas e saberes mobilizados pelo compromisso de seus membros. Isso constitui-se, em nossa compreensão, como uma comunidade aprendente. Essas, para Brandão (2005) estão presentes no cotidiano em espaços escolares e não-escolares, com a participação e o ensino-aprendizagem mútuo, fazendo parte da convivência e fortalecendo o movimento em torno de uma ação social.

Esta dimensão educadora existe e é essencial em um movimento de ação social, ela existe também e se multiplica nas redes de trocas de saberes e de experiências que os vários grupos e as várias comunidades de ação social geram e fortalecem dentro de um bairro, de uma cidade, de um município. (BRANDÃO, 2005, p. 78).

Deste modo, consideramos Palmas uma grande comunidade de partilhas de: sentimentos, sentidos, significados, diálogos e visões de mundo que nos ajudam a

identificar o diagnóstico da realidade ali presente (BRANDÃO, 2005). É inevitável considerar que os atores sociais, são importantes para este caminho de união e construção para uma sociedade mais justa e igualitária, e que os caminhos de percepção do mundo com a natureza sejam contemplados nessa troca de relação entre as pessoas.

Encontramos no entremeio das narrativas de Maria, o Rio - Camaquã, que é essência de Palmas e não poderia deixar de aparecer no entremeio das nossas narrativas, que orientam a entender e compreender as aproximações com a EACT. Na língua tupi-guarani, significa rio com força, veloz, forte, possuindo também o significado de Cabaquã, que é corrente, e pode ser traduzido por “vadear o rio” (PIRES, 1992). Sua existência, sempre foi de muitas histórias, dramas, perigos, poluição, mistérios e armadilhas, que acabam por revelar a sua importância para todos que vivem ao redor deste rio.

Atualmente muitas pessoas moram no entorno deste rio que faz fronteira com muitos Municípios, inclusive no distrito rural de Palmas, que é pertencente a cidade de Bagé, diga-se de passagem, que o rio contém muitos ministérios, além de vários acontecimentos, como o desaparecimento de muitas pessoas que costumam se banhar em seu leito, visto que, muitos lugares são perigosos, por ser um rio de correntes fortes, dependendo da época do ano. Conforme a narrativa de Maria:

“Tem muita gente que mora na beira do rio. Tem pessoas que moram quase em cima do rio. O Rio Camaquã é um pouco estranho, quando chove, ele sai da caixa. Lá na casa do meu marido mesmo, fica mais ou menos 2km de distância do rio, ele chega e cerca a casa, é uma exceção, mas às vezes acontece.”

Palmas faz parte de um processo histórico de existência e superação, que foi sendo modificado pelo homem ao longo do tempo, para Maria, estar e ser presente enquanto comunidade é não quantificar uma paisagem, um rio, uma cultura, ou um patrimônio em valores, mas sim, estabelecer relações e superar as contradições existentes. Tudo isso em grupo, para que se possa estabelecer algo coletivo e transformador. Assim, para Maria a importância de fazer parte de um MS é trabalhar junto com/para as pessoas deste lugar que, com persistência têm assistido e resistido à chegada da exploração da mineração perto de suas terras; fortalecendo seu propósito enquanto membro/liderança de um MS e moradora de Palmas.

5.1.2 Alice, e o sentimento de ser e pertencer.

Era uma noite fria de quarta-feira aqui na região da campanha gaúcha, em que o vento minuano soprava nos corredores das casas dos moradores deste rincão. No início desta noite gelada, característica do inverno no sul, entrevistamos Alice, que é moradora de Palmas, que traz consigo coragem e força, na qual defende o pampa com muita garra. Está à frente da Agrupa e mantém uma relação sólida com os Palmeenses e com os produtores rurais da região, a seguir alguns trechos da narrativa de Alice, que foi se moldando com suas vivências, experiências, e trajetória de vida.

Nasci em Bagé, mas com 3 dias de vida já fui embora para Palmas, praticamente já nasci lá. O meu jeito de ser, minha personalidade, tudo tem a ver com Palmas. Outro dia eu estava até conversando com outras meninas, quando eu estudava na cidade, quando eu ia para Palmas nas férias, parecia que eu evoluí como pessoa, toda vez que eu ficava um tempo lá, eu acabava mudando, porque é muito interessante aquele lugar, as relações com os animais e com a natureza. Os meus pais também que moraram a vida inteira lá, me faziam mudar e evoluir, e eu sempre me senti muito ligada. Outro dia eu estava pensando e tive muita oportunidade né..

Desta forma, sua trajetória situa-se entre a cidade de Bagé e o distrito rural de Palmas, atualmente ela é aposentada, em que trabalhou por muito tempo na cidade e que agora aproveita o tempo ao lado de sua mãe e no cuidado com o campo e com os MS da região. A narrativa foi mostrando que Palmas é o seu lugar, em um trecho da entrevista ela nos indaga:

“Tu conheces a história da Águia? Que se criou no galinheiro, pensando que era uma galinha, então um dia, percebeu que era uma águia e podia voar.. Então assim, eu saí, morei fora, e no final descobri que é ali o meu lugar, não fiquei em Palmas por falta de opção, fiquei ali por escolha”.

É neste voo que reconhecemos o lugar de pertencimento de Alice e nos perguntamos, que lugar é esse chamado Palmas? O que ele nos mostra e representa? O que encontramos em Palmas? O que percebemos de preocupação na região? São tantas perguntas a serem respondidas, que vamos desvendando ao longo da escrita. A amizade em comunidade é harmoniosa, em que a união se faz pelo DNA, apesar de muitos não se conhecerem, é pela história que a aproximação vai se fazendo presente entre todos.

Palmas é um distrito de muitas histórias e lendas como podemos citar: a toca das corujas, a lenda que corre um curso d'água sem que se conheça o fundo e também onde se formam várias figuras de santo sobre as águas. Palmas em sua infinita riqueza possui a casa de pedras, casa com uma grande e magnífica aba de pedras, que serviu de acampamento para vários revolucionários em séculos passados.

O Rio – Camaquã, por exemplo, é um convite para o homem pensar alto, e se aventurar, com suas formações rochosas que encantam paisagens, onde o Camaquã brinca de se esconder, seguido por debaixo das pedras. Quando chove, suas águas trazem preocupação para uma população inteira, em que muitas vezes em que a água invade propriedades sem pedir permissão, em outras épocas, como na estiagem, a água some, em que até a busca de poços fica inalcançável nessas terras, fazendo que muitos dos moradores que não tem esse recurso, peçam água para a prefeitura da cidade local. Alice afirma:

“Até nessas estiagens, no ano passado, tivemos que pedir água para a prefeitura, levar água daqui para Palmas, e tinham alguns moradores que carregavam água do Rio Camaquã para tomar, porque era a única água que tinha. Quando está tempo úmido, a gente faz qualquer buraco no chão e acha água, mas na época das secas, essas águas somem né, totalmente.”

Em tempos não muito distantes, até então 1974, não existia uma ponte sobre o Rio – Camaquã, na BR – 153, divisa de Palmas com o Município de Caçapava do Sul, por muito tempo as pessoas utilizavam botes, canoas, para atravessá-lo para ir até Bagé, ou até mesmo a Caçapava e Lavras. O rio era travesso, quando estava cheio, era um problema e tanto para os moradores, muitas pessoas tinham medo do Rio, que por muitos dias não baixa o curso d'água. Conforme os guardados da memória de Pires (1992, p. 69):

Assim era a existência naquele rincão abraçado pelo Camaquã, farto de peixe, com lindas praias, mato denso e alto de que as carvoeiras se abasteciam, predatoriamente; não avaliando os estragos que a erosão provocaria e cujos efeitos lá estão, desolados e acabrunhantes. O Camaquã, sempre o Ibacuã com suas virtudes e suas armadilhas.

Desde a construção da ponte sobre o Rio – Camaquã, na BR 153 em 1974, muitas coisas mudaram, novos acessos foram adquiridos, ônibus para todos, em uma viagem que duraria dias antes, hoje não chega nem uma hora, a velocidade de transformação e adaptação foi enorme e ao mesmo tempo preocupante, as coisas começam a se agitar nas Palmas da gente. Conforme Pires (1992, p. 72):

“A vida ali e como era antes de chegar o progresso tinha lá os seus encantos e sua tranquilidade. Tempos diferentes, valores diferentes! Nem melhores, nem piores. Diversos. Que os atuais não apaguem, com o tacão de um falso avanço, os passados, até para que não sejam apagados pelos futuros tempos.”

A realidade de um passado recente, em que a rapidez das mudanças acabou por constituir a comunidade de Palmas, despertam a partir do diálogo com os entrevistados, a imersão na realidade vivida.

Estas riquezas estão presentes na região e possuem um significado enorme para muitas pessoas, como Maria e Alice, que habitam em Palmas. Quem já visitou essas belezas, com certeza se descobre um sujeito amante pela natureza e pelas maravilhas deste rincão. Muito se tem lutado para que essas terras não se transformem em solidão, carvão e chumbo, em que mineradoras têm insistido em ocupar, na promessa de consolidar a atividade econômica na região, o quão vale essas terras, para um povo que sempre esteve presente e a cuidou?

Alice é considerada por muitos, um exemplo de garra e superação, principalmente na defesa de Palmas, do Rio - Camaquã e dos pequenos produtores rurais da região. Ela considera que muitas das nossas escolhas influenciam em uma vida próspera e sustentável, principalmente quando essas escolhas estão alinhadas no âmbito político. Em suma palavras, Alice é destemida, forte e está à frente da Agrupa como ninguém, sempre defendendo seu povo e principalmente seus ideais de luta.

5.1.3 Antônia: a lida do campo sempre esteve presente na minha trajetória

Palmas é um lugar tranquilo, para se pensar alto, desestressar do dia-a-dia corrido, sendo motivo de orgulho para aqueles trabalham desde cedo no campo e lazer para muitos da cidade grande, para Antônia que sempre trabalhou e correu atrás dos seus sonhos e objetivos, essa terra é o seu lugar:

“Eu me criei aqui nas Palmas, amo esse lugar, eu me criei em uma fazenda que meu pai trabalhou por 23 anos, nessa fazenda eu e minhas irmãs o ajudávamos em toda a lida, no campo, na lavoura, e nas horas de folga ajudávamos a nossa mãe nas lidas de casa, fazendo queijos e doces caseiros. Palmas representa tudo que vivi até hoje.”

Desde a existência da comunidade há muitos anos atrás, sempre existiram muitos serviços gerais, além do trabalho do campo, é claro, como fonte de sustento para muitos moradores, alguns desses serviços eram públicos, outros particulares, mas todos tinham suas peculiaridades. Alguns desses serviços constituíam os moinhos, as ferrarias, as

olarias, as caieiras e correio particular. Além disso, existiam muitas casas de alvenaria e de barro, como narra Pires (1992, p. 124) em um trecho do seu livro:

As casas eram construídas em alvenaria, com torrão de pau-a-pique barreado e, raramente, em madeira, tendo a cobertura de capim santa fé, de zinco ou telha de barro; como, aliás, era a usança na campanha toda. As de alvenaria, tinham o tijolo feito na proximidade. O proprietário contratava um oleiro prático, que amassava o barro a prata de cavalo, como se fosse uma eira. Mais tarde, surgiu o equipamento de madeira, movido a tração animal.

Muito da história de Palmas se fez na construção dessas casas, que perpassa por muitos momentos de existência, hoje em dia ainda se encontra muito dessas propriedades na região, conforme a figura abaixo:

Figura 20: Casa de barro e torrão



Fonte: Magro Borin (2012).

Nos dias atuais, existem muitos serviços que a comunidade oferece, como: oficinas de cerâmica, artesanato e lã, além de feiras orgânicas no centro da cidade de Bagé, com mostra e vendas de produtos dos pequenos agricultores de Palmas. Conforme mencionado por Antônia, por muito tempo ela acompanhava seu pai na lida do campo, como também nos produtos coloniais, que eram oferecidos para as famílias vizinhas, e no Município mais próximo da região. Assim, todo o desenvolvimento social e econômico desses moradores foi se consolidando ao longo das últimas décadas, mostrando que a região é rica e próspera para as atividades do campo, como a produção de grãos, lavoura, e a pecuária de fronteira.

5.1.4 Helena: sempre observei os impactos do chumbo na mineração aqui na região

Nascida em Bagé e neta de pecuarista familiar nas Palmas, sua narrativa revela a grandeza e união da região. Possuindo uma propriedade que fica na estrada de Pedra Grande, um dos muitos lugares que constituem Palmas como comunidade, Helena é sócia-fundadora e parceira da AGRUPA e da UPP – Camaquã, em que realizou um parecer médico identificando os impactos do chumbo na saúde humana dos moradores da região, caso a mineração fosse consolidada, entregando a Fepam e ao Ministério Público, documentos que comprovam a atividade nociva da mineração a saúde e bem estar para o povo que a habita, além das consequências para a fauna e flora, extinguindo cada vez mais a biodiversidade local do Pampa Gaúcho.

Os projetos de mineração sempre perseguiram Palmas e o entorno do Rio – Camaquã, assim a luta sucedeu-se desde cedo, em que a população, os moradores, os pequenos agricultores e os MS, sempre estiveram presentes com ações coletivas em prol da não instalação das megas empresas nestas terras, que apesar da constante invasão da monocultura, dos agrotóxicos, da caça ilegal e das próprias mineradoras.

Helena reforça que faz parte de um grupo de médicos independentes que se preocupam com as questões de saúde locais e globais, fazendo parte também do Comitê de Combate à Megamineração no Rio Grande do Sul. Estes médicos e o comitê, juntamente com os MS, estão preocupados com esses grandes projetos de mineração, como exemplo tomamos com base o projeto da Mina Guaíba, se aprovado, será a maior mina a céu aberto de extração de carvão mineral do Brasil. Em fase de licenciamento ambiental, o projeto poderá vir a ser instalado a uma distância de apenas 16 km de Porto Alegre/RS, gerando impacto em toda a Região Metropolitana da capital gaúcha, causando impactos na saúde pública, além do impacto nas mudanças climáticas.

Em sua história, muito campo e mato foi transformado em carvão nas Palmas, se constituindo da atividade econômica principal, em que o carvão era levado à cidade em carretas puxadas por bois, muitas pessoas desconhecem essa atividade aqui na região em um passado não muito longe, Pires (1992, p. 77) afirma que “Os carvoeiros⁶ fizeram muitas roças e acabaram com expressivas porções de mato ao longo do Camaquã, implantando a erosão”.

Hoje em dia, até o peixe deixou de existir no Rio – Camaquã, não se vê atividades que antes eram frutos da alimentação, água potável e turismo para a comunidade,

provocando assoreamento e mudanças neste rio que atravessa toda uma comunidade. Realidade de um passado recente, em que a rapidez e fluxo do bem material e imaterial idealizaram um período de muitas transições e transformações, principalmente em nosso ambiente natural.

5.1.5 João: a natureza exerce algum poder sobre mim, talvez ela saiba que eu posso defendê-la

João inicia sua narrativa elucidando sua profissão de Enfermeiro, em que escolheu para vida, tendo plena consciência da sua missão aqui na terra em ajudar e transformar a vida de muitas pessoas. Nascido em Bagé, mas criado na zona rural, a ligação com Palmas sucedeu-se através das quarteadas que existiam na região, na qual prestava seus serviços de saúde, após isso, namorou uma moradora da comunidade e começou a participar dos pequenos eventos que aconteciam na região, como a clássica descida de caiaque no Rio – Camaquã e o Ciclismo como paixão, desbravando e conhecendo toda a nossa região de Bike, nos seus lugares mais remotos e suas lindas estradas, como ele afirma. A seguir um trecho que remete a sua trajetória neste lugar:

“Sou enfermeiro geralmente trabalho com o sofrimento das pessoas, mas tenho a consciência que esta é a minha missão, ao mesmo tempo de certa forma possuo uma liderança perante a sociedade nada planejado ou criado simplesmente foi acontecendo no percurso da minha vida, também não tenho uma consciência concreta de como aconteceu essa afinidade em de usufruir e também participar da preservação do meio ambiente, mas eu acredito que em especial o Pampa criou e colocou tanta gente no diversos mercados a até mesmo no cenário intelectual se mantendo de certa forma sua origem primitiva e isso em tudo que é seguimento.”

Um povoado, como João chama Palmas, é cheia de cultura, tradição e costumes, que alimentam muitas gerações, ele cita a Agrupa que faz parte, e que tem como essência a preservação da região. Ainda assim, ele cita que existe muita gente ativa na causa na região, em que enxerga na sua trajetória, uma evolução como pessoa e obrigação cuidar e preservar o meio ambiente natural, conforme o trecho da sua fala:

“Tem muito mais gente ativa na causa que eu, principalmente os estudiosos, Universidade, a própria família Collares e outros da localidade das Palmas, nesse contexto sou mais um soldado a disposição do AGRUPA das palmas, mas a responsabilidade de preservar o meio ambiente é uma obrigação de cada cidadão, eu

aprendi que tudo no meio ambiente tem sua função um exemplo simples é que antes quando eu via uma cobra, tipo cruzeira, eu matava, isso eu deixei de fazer há muito tempo, quando vejo, deixo ela seguir seu percurso e tô sempre de olho nas legislações e nos acontecimentos como o de agora, que fizeram um favor ao meio ambiente na demissão do atual ministro.”

Assim, percebemos que cada um de nós possuímos uma visão e experiências vividas marcadas em algumas etapas da vida. A experiência que João trouxe, transitou entre o individual e o coletivo, em que descobriu um mundo fora de sua realidade, como sujeito criado no campo e com características que transitavam muitas vezes ao individualismo e pragmatismo, na qual se descobriu que era capaz de realizar o que considerava impossível. Nesta transição, sua fala nos remete ao vislumbrar da constituição do seu caminho com esse lugar, sendo marcante de muitas formas. João se reconhece como sujeito desta comunidade, em que o modelo político-econômico-social se faz muitas vezes desestruturante, para quem não conhece o sistema e o desmantelamento que acontecem com as políticas públicas ambientais, buscar a emancipação e transformação leva tempo.

5.2 Identificando as problemáticas e contradições socioambientais

Neste item, após a trajetória individual enunciada dos sujeitos participantes da pesquisa, com suas histórias e relações com Palmas, abordaremos as nossas impressões sobre as problemáticas e contradições socioambientais encontradas nas narrativas. São várias angústias e experiências na realidade de Palmas desvendadas pelas pessoas na modificação deste lugar, ao longo dos anos.

Antes de orientarmos para as demais narrativas, ressalto como morador de Palmas e integrante dos MS, alguns momentos que foram fundamentais para a idealização e realização das entrevistas narrativas. O momento do despertar que culminou no processo de identificar as problemáticas e contradições socioambientais, se deu, muito antes de iniciarmos esse processo de pesquisa.

Ainda na minha juventude, observei alguns conflitos e indignações por parte dos moradores que, ao longo dos anos, culminou em muitos manifestos sobre assuntos que eram importantes para a manutenção e transformação de Palmas. Durante a investigação narrativa, identificou-se a existência de problemáticas e contradições na região, tais

como: “a Mineração”, “Os Annonis”, “As Estradas”, “Os agrotóxicos e a agricultura familiar”, “Monocultura” e “Silvicultura”.

Durante as EN, algumas temáticas foram emergindo nas falas, tornando-se potentes ao dar indícios de problemáticas e contradições evidenciando desafios do processo histórico-social-cultural da região. Assim, foi cabível analisarmos que problemáticas e contradições foram aparecendo nas EN.

Como modo de orientarmos para a prática da EACT, Oliveira (2020, p. 69) nos diz que as contradições socioambientais: “se apresentam como limites para a transformação de uma determinada realidade que envolve situações de opressão e desumanização.” Através das narrativas aqui evidenciadas, vamos desvelando no texto algumas delas, juntamente com as problemáticas socioambientais, que acabam moldando a história, trajetória e constituição enquanto comunidade.

Um dos desafios, que ressaltamos como uma contradição socioambiental, que de certa forma, acaba por impedir a superação dos obstáculos impostos para a comunidade, e que acabou gerando grandes transtornos, é iminência de instalação de uma mineradora de metais pesados em suas terras, às margens do Rio Camaquã, projeto esse da Votorantim Metais (Nexa) e Iamgold. A partir disso, os moradores e a população das cidades vizinhas, junto com a Agrupa e a UPP – Camaquã, aderiram a luta, constituindo-se como um movimento de resistência à implantação da mineradora, na parte mais preservada do Bioma Pampa no RS, que é a nossa região da Campanha.

A comunidade de Palmas, sequer foi consultada sobre o projeto de mineração que ali queria se instalar. As empresas chegam, fazem uma varredura do local, tiram fotos e vendem um produto que não existe, sobre a mineração sustentável, que traz riquezas, desenvolvimento e geração de renda, usando inclusive muitas vezes dos próprios recursos naturais que a região possui, para convencer o povo daquela atividade. As comunidades tradicionais precisam ser consultadas, a cultura, o patrimônio, as questões sociais, serão impactadas por algo extremamente poluidor, tóxico e nocivo à saúde, é uma história e vivência inteira em jogo.

A empresa que irá se instalar, não irá apenas atingir o rio, e sim, uma comunidade e uma realidade socioambiental inteira. Um projeto altamente exploratório, com alto teor de poluição, afetando indígenas, quilombolas, produtores rurais, a fauna e a flora inteira que acaba por constituir e moldar Palmas. A região é histórica, e umas das mais preservadas no Brasil inteiro, uma das últimas áreas que o bioma pampa mantém, muito

das famílias acabam vivendo pela pecuária familiar, e que não se submeteram nos últimos anos a monocultura de todos os modelos de agricultura que destrói as formas de vida e a biodiversidade.

A teoria crítica, subsidia uma leitura de mundo complexa e instrumentalizada, para uma intervenção que contribua para o processo de transformação da realidade socioambiental, decorrente do processo histórico e social. Ainda assim, conforme nosso referencial adotado, existem algumas vertentes que são denominadas críticas, como: Pedagogia Histórico-Crítica, inspirada em Karl Marx no materialismo dialético, além da Pedagogia Freireana, que contribui para a EA crítica à luz da práxis transformadora (TORRES, 2010).

Em uma realidade que necessite de uma ação e investigação, Oliveira (p. 80, 2020) “assume-se então que o que se observa na realidade é um retrato provisório do processo histórico que é modificado pelas ações humanas na realidade.” Conforme o nosso estudo através das narrativas e do livro Palmas da Gente (PIRES, 1992), a comunidade já sofria por essas ações da intervenção humana, há muito tempo.

Para o começo de história, a narrativa de Maria, mostrou que os primeiros sinais da existência da modificação daquele lugar pela intervenção humana e por atividades exploratórias, que até então era preservado, deixou-a aflita e angustiada, conforme um trecho da sua narrativa:

“Em 1988 por aí, houve um derramamento de algum material tóxico, e nessa época, o rio morreu praticamente, era peixe boiando, era um horror. Então, conheci o rio antes disso, quando era uma fartura de peixe, todo mundo pescava, a gente passava o verão pescando, e todo mundo estocava peixe para o inverno, principalmente as famílias mais humildes que tinham esses sustentos. A gente criança, ficava naquela angústia, cadê o peixe que não tem mais, a gente não sabia bem naquela época o que estava acontecendo. Tem algumas pessoas que diziam que era até do frio.”

Toda essa angústia de Maria na Infância, foi explicada diante do cenário alarmante que começava a tomar conta de Palmas, em que o material tóxico, que acabava por poluir o Rio, com suas águas vermelhas, vinha de uma mineradora que se instalou na região, na época da Companhia Brasileira do Cobre, a CBC. Depois disso, o Rio demorou para se recompor e mesmo assim, não era o mesmo; não tinha a mesma produtividade e o sustento para as famílias, como a pesca por exemplo. *“A partir daí, nós ficamos sempre atentos,*

qualquer coisa que acontece lá, nós vamos correndo no mesmo momento.”, afirmou Maria.

Outras histórias envolvendo o Rio Camaquã, acabaram por se suceder nos anos seguintes, como em 2009, no caso das hidrelétricas, que agora está voltando de novo a atormentar a região:

“Teve uma história de uma hidrelétrica, que agora voltou de novo, que iriam fazer 13 hidrelétricas no rio, então nos movimentamos também, fizemos representação no Ministério Público, falamos com autoridades aqui em Bagé, falamos também com o comitê da bacia, enviamos alguns documentos, depois o projeto parou, só que agora ele está meio que voltando de devagar.”

Ao observar a realidade de Palmas, esses acontecimentos do passado se entrelaçam com a realidade atual, que foi se moldando ao longo dos anos, como no caso de Maria, que sempre se preocupou com as questões da comunidade e do Rio – Camaquã: *“Então sempre foi uma preocupação nossa, sempre ficamos atentos, é como se fossemos guardiões, em proteger aquele local.”*

A região do pampa é considerada preservada, segundo as narrativas, por ser uma região de muitas pedras. Não há muito espaço para agricultura e outras atividades que utilizem o solo. Um aspecto a destacar como positivo, além da interação dos moradores com as questões ambientais, que antigamente não acontecia, é a presença de dois movimentos sociais, o Agrupa e a UPP - Camaquã, como observado nas narrativas de Maria:

“Depois de todo esse movimento, nós notamos que as pessoas estão mais ligadas com a região, me mandam fotos de animais, coisas que o homem do campo não estava acostumado antes, hoje eles estão mais atentos, toda hora eu recebo, foto de Tamanduá, paisagens, etc..”

“Um dia ou outro, por exemplo, o rapaz estava plantando um cercadinho de milho, e tinha um zorrilho com os filhotinhos, então ele tirou a foto e me enviou. Com todo o movimento, parece que as pessoas estão tendo um olhar diferente, as pessoas do campo, algumas são um pouco mais “rústicas”, às vezes não se atentam.”

Com isso, os aspectos da teoria crítica vão se evidenciando em torno de uma realidade concreta e existencial. Identificamos, por meio das interações e narrativas dos nossos sujeitos, que a realidade atual é fruto da construção histórica do trabalho humano e da natureza, em que para transformar, deve-se primeiro trabalhar com o sujeito dito

“neutro” (FREIRE, 1987). Assim, nas narrativas diagnosticamos outras contradições socioambientais que acabam por evidenciar alguns obstáculos para superação da transformação da realidade. A narrativa de Alice, por exemplo, aborda que umas das preocupações em Palmas é questão do Capim-Annoni, que é uma planta considerada uma praga, principalmente nas regiões aqui do sul do Brasil:

“Houve uma falha técnica da nossa prefeitura, que foram colocar cascalho na estrada e levaram cascalho de um lugar que estava cheio de Annoni, espalhou por nossa estrada, e daí começou a invadir as propriedades, então tivemos uma preocupação bastante grande, porque ele acaba com a biodiversidade, das gramíneas.”

O Capim-Annoni é muito comum desta região, conseguimos observar que a cada dia, ele se torna um obstáculo no cultivo agrícola e na própria biodiversidade de outras espécies nativas, este foi introduzido acidentalmente no Brasil na década de 1950, contaminando sementes de plantas forrageiras importadas da África do Sul. Esse capim, ainda é rejeitado pelos animais porque tem baixa qualidade de proteínas e torna-se inacessível para a digestibilidade, acabando suprimindo a pastagem natural, que se torna degradada e de difícil recuperação, a seguir uma imagem representativa do Annoni.

É importante notar, que o Annoni se destaca pela sua forma de ocupação dos solos gaúchos, produzindo uma capacidade de dispersão muito grande, espalhando-se pelo vento e penetrando as cavidades do solo, o que dificulta o seu controle, apesar de ser um problema evidente, em situações de falta de chuvas na região, o capim annoni é o que salva o campo nativo, mas não dá o retorno que o produtor necessita em suas terras. Por último, destacamos que as diferentes compreensões acerca da presença do Annoni podem ser consideradas uma contradição. Com isso, muitas vezes o turismo ambiental, a agricultura e pecuária tornaram-se reduzidas, prejudicando as pessoas também que dependem deste tipo de atividade.

Alice ressalta que, também o Javali torna-se um grande problema a ser discutido em Palmas, já que: *“O Javali, come tudo que é animal na região, então se ele tomar conta, vai causar um grande desastre também”*. Estes animais são conhecidos por danificar grandes lavouras e atacar pessoas e animais da região, por serem considerados agressivos. Muitos dos produtores reclamam de uma falta de fiscalização ambiental, para um mecanismo de controle eficiente e que garanta a biodiversidade do Pampa. Sendo assim, consideramos na narrativa de Alice, que o Javali é uma problemática

socioambiental na região, que se aproxima de uma contradição socioambiental, mas que de certa forma ainda não é considerada passível de afirmarmos como uma contradição.

Percebendo a necessidade de manutenção e preservação de Palmas, muito se tem falado sobre o abandono de certas propriedades, ou de muitos que vendem para pessoas que não são da região, e muitas dessas pessoas, desconhecem a realidade de Palmas, nem possuem relação com os moradores e os movimentos; uma preocupação de longo prazo, por causa das novas atividades que acabam chegando, como o caso da mineração, apesar do movimento de novos moradores ainda ser pouco. Alice reforça:

“Meu pai sempre dizia que nós temos sorte, porque nossa região tem muita pedra, dobras, por isso que muitas pessoas não querem uma propriedade no local, ele dizia. Por isso, que ainda não nos destruíram, porque aqui as terras não são muito boas para certos cultivos.”

Nota-se que a práxis torna-se como um movimento que se volta às relações sociais, que acabam por si, reconhecendo os espaços dos sujeitos dentro da sua realidade, em que se busca uma ruptura com a investigação do problema identificado, que pode a vir ser compreendida e transformada. Percebe-se a necessidade das relações que se nutrem em práticas transformadoras entre si, para reconhecer a emancipação e orientação do papel fundamental da práxis.

Entre nossas idas e vindas nas entrevistas narrativas, nos deparamos com outras certezas e incertezas sobre nosso ambiente natural, segundo Antônia um dos motivos preocupantes para as questões socioambientais são: *“Os agrotóxicos nas lavouras, acho uma grande ameaça ambiental.”* Conforme explicitado, os agrotóxicos se constituem como um problema identificado na região de Palmas, mas que é considerado também assunto nacional e internacional, que prejudica uma série de produtores rurais, como a perda de produtividade de muitos alimentos, com destruição principalmente de parreiras e oliveiras. Assunto que acaba por se tornar preocupante em muitos debates para a contradição socioambiental, principalmente com os MS, em que a práxis se volta às relações sociais para a sociedade e no âmbito político e econômico.

Na narrativa de Helena, o avanço da monocultura, como a soja, e da silvicultura, é um grande problema contraditório e social para a comunidade: *“Os campos das palmas não têm aptidão para soja, mesmo assim observamos o aumento desta monocultura. A silvicultura de exóticas veio antes e hoje temos áreas com grandes florestas ou campos degradados após a colheita delas.”* Com isso, muitas vezes essas práticas, acabam por

compactar o solo, desmatar, o consumo de água e assoreamento dos rios e nascentes tornam-se excessivas, a exaustão do solo e o esgotamento dos nutrientes pode acarretar em poluição, além dos agrotóxicos que acabam por contaminar os solos e suas plantações. Dito isso, falta muitas vezes apoio aos pequenos agricultores e falta de um planejamento econômico ecológico das áreas. Ainda assim, muitos consideram a monocultura útil para a produção de espécies em um menor tempo, facilitando a economia de mercado e exportação.

João reafirma o uso da soja na região também, como outros espaços que compõem Palmas, que acabaram por se extinguir ao passar dos anos, em que a supressão desses campos nativos, está cada vez mais sobre risco, por causa do desmatamento e da intervenção humana na natureza:

“Não tem como não falar da soja, sangas, açudes, espaço, nativos já não existem mais, eu não vejo essa agricultura como um vilão, vejo condutas que precisam ser mudadas pelos homens que a cultivam, sinto falta de políticas de incentivo à manutenção de campos nativo bem como da nascente hídrica, por outro lado vejo como positivo a ação do IBAMA, a fauna que estava se extinguindo, acaba se renovando novamente no pampa.”

A proteção do pampa, é um dos principais objetivos destes moradores de Palmas e dos movimentos que circundam a região, nosso bioma é frágil, e por sua condição natural e com seus campos nativos, precisa de cuidados e manutenção. Entendemos esse processo de investigação da realidade, como um processo de compreender a experiência e todo o processo histórico e social por trás das entrevistas narrativas realizadas, orientando para a emancipação dentro do campo da EACT.

Nas narrativas individuais apresentadas até então, conseguimos identificar na trajetória de cada sujeito, experiências e vivências, com significados diferentes que nos ajudam a evidenciar os saberes da EACT. Na figura 20, identificamos e discutimos alguns desses saberes mobilizados sobre a comunidade de Palmas que encontramos.

Figura 21: Saberes mobilizados dos sujeitos sobre a EACT



Fonte: Autor (2021).

Frente ao exposto, as narrativas apresentadas nos permitiram identificar a partir das experiências e vivências algumas problemáticas e contradições socioambientais, como: a mineração, o capim -annoni, os agrotóxicos, a monocultura e a silvicultura e o Javali. Todas essas contradições e problemáticas, emergiram das narrativas dos sujeitos

Entre os saberes que conseguimos evidenciar nas narrativas dos sujeitos que orientam para a EACT estão as ações coletivas e a comunidade, nas narrativas de Maria. Em nossa compreensão, para Maria, é a união da comunidade que vai contribuir para a realização de ações coletivas para superação das contradições existentes, tais como o enfrentamento à mineração na região.

A partir das narrativas de Alice, identificamos que o Capim - Annoni se constitui como uma problemática socioambiental, como também o Javali. Alice assume um posicionamento crítico frente à realidade da comunidade, compreendendo que as

barreiras impostas em Palmas poderão ser superadas por ações avaliadas juntamente com os demais sujeitos que, sentem-se pertencentes àquele lugar.

Nas narrativas de Antônia, identificamos o pertencimento, enquanto saber constituído historicamente desde o processo inicial de formação de Palmas, visto que muitas das atividades que acontecem hoje, iniciaram há muitos anos na região. Além disso, Antônia deixa evidenciado sua preocupação em relação aos defensivos agrícolas, que também tem atingido a região do Bioma Pampa.

Helena, como médica e moradora de Palmas, alerta que a mineração é uma questão de saúde pública e que, em seus estudos identificou que o chumbo causa efeitos irreversíveis para aqueles que têm contato, como também a monocultura e a silvicultura, que tem tornado a vida dos moradores. Um problema e uma contradição socioambiental, como temos discutido nesta dissertação.

Por último, João acredita que muito do que acontece hoje em Palmas, é culpa de um modelo destruturante, político-econômico e social, dos governos que estão à frente principalmente das questões ambientais. Com isso, são vários saberes que acabam por orientar a EACT e que estão presentes nas narrativas dos integrantes, moradores e membros dos MS.

Cabe salientar, a partir das falas significativas dos sujeitos (ou seja, com os moradores e com os MS da região, já mencionados), que identificamos saberes de EACT, frente às contradições e problemáticas socioambientais. É nesse sentido que as temáticas emergentes das narrativas poderão contribuir para pesquisas futuras que busquem trabalhar a partir de Temas Geradores ou por meio de abordagem temática alicerçada em problemáticas socioambientais. Estes acabam por aparecer nas interações e narrativas dos sujeitos da nossa pesquisa, a saber: a “Mineração”, o “Rio – Camaquã”, “Annoni”, “Monocultura”, “Silvicultura” e os “Agrotóxicos”. Ou seja, são temáticas significativas da região, por nós consideradas, que se caracterizam como temas socioambientais, que fazem parte da realidade concreta de Palmas.

5.3 Possíveis contribuições dos MS para a superação das problemáticas e contradições socioambientais

Neste item, vamos elucidar esses dois MS importantes para a região, inter-relacionando suas identidades, histórias e mobilizações, no que se refere a suas constituições e interações, fundamentando a análise e discussão dos dados produzidos

pela pesquisa, à medida que as opiniões, reflexões e teorias dos sujeitos foram aparecendo. Além disso, identificamos em suas narrativas ações capazes de superar os obstáculos impostos em Palmas.

5.3.1 A UPP – Camaquã e o manifesto de Palmas

Este item reúne em seu escopo os relatos dos protagonistas deste MS, quando conseguimos observar o momento exato que o grupo foi criado, onde tudo começou e como sua identidade foi se constituindo ao longo dos anos junto à comunidade pertencente. Nesta perspectiva, sua expansão como MS alavancou-se, à medida que novas ameaças foram aparecendo à nossa região. Especialmente por conta dos projetos de exploração de minérios, novas pessoas foram se aproximando e participando dos atos, das manifestações e das ações coletivas, de modo que a mobilização se tornou mais ativa e evidente.

As narrativas de Maria revelaram, de forma bastante significativa, o início deste movimento, que foi criado em 2016, em razão dos projetos de mineração, especificamente o projeto de Caçapava do Sul, que faz divisa entre Palmas e a localidade de Guaritas, onde a empresa Votorantim metais pretende se instalar, às margens do Rio – Camaquã.

“Esse empreendimento da Votorantim, caso fosse instalado, mas não vamos deixar isso acontecer, seriam utilizados 800 metros do Rio. A partir disso, nós começamos a nos mobilizar, em razão desse projeto e surgiu o UPP - Camaquã, através de vontade nossa mesmo e toda a comunidade. Mas inicialmente, foi uma ação minha e da minha irmã. Então, nós começamos a mobilizar pessoas, primeiro em Palmas, depois Bagé, depois começamos em todos os Municípios da região que estão em torno da bacia do Rio. Após a criação, fizemos muitas viagens, e hoje é um grande grupo. Tem gente de todos os lugares.”

Conforme Gohn (2000), somente pelas relações, interesses e construções estabelecidas entre os seres humanos que os MS se perpetuam. No momento que a práxis de transformação é estabelecida juntamente com a realidade concreta é que as contradições sociais poderão ser superadas. Pela fala de Maria é possível perceber que muitas pessoas estão apoiando o movimento. Tudo começou com os moradores e agora existem pesquisadores, produtores, ambientalistas, as universidades, entre muitos envolvidos.

Desde então, ocorreram muitos atos, audiências públicas e representações ao Ministério Público Federal, junto com outros movimentos como a ADAQ (Associação para o Desenvolvimento Sustentável do Alto do Rio Camaquã) e a própria AGRUPA. Muitas mobilizações e visitas aos Municípios vizinhos têm ocorrido pelos MS já explicitados, como rodas de conversa, distribuições de panfletos, visita às escolas, reportagens, publicações em jornais, tudo para despertar e levar informações sobre o assunto às pessoas da região.

Um dos primeiros atos oficiais como movimento, foi o Manifesto de Palmas, realizado e idealizado na costa do Rio Camaquã, no mês de novembro de 2016, em que a partir da divulgação da reunião para o público da região, ocorreu a participação de mais de 400 pessoas, situada em um local de difícil acesso. Maria afirma: *"Eu digo, quando junta muita gente, sempre chama atenção."* A partir desse manifesto, muito apoio foi recebido, inclusive de muitos políticos na região, fazendo que o ato seja comemorado até hoje a cada novembro que passa, para lembrar a luta constante contra a mineração e todo o esforço que, a cada ano, impede o projeto da mineração de se instalar em Palmas.

No ano seguinte, ocorreu um segundo ato: *"Neste outro ato, em 7 de abril de 2017, também houve mais um ato de resistência, nessa tinha mais de 800 pessoas, para ter uma ideia, no mesmo local. Foi um ato muito importante para nós. Depois desse, nós fizemos outros em 2018, também na Assembleia e mais outras audiências. Já tivemos em vários eventos, na UFRGS participamos de 2 ou 3, na FURG, UFPEL, já fomos em tantas..."* (Fala de Maria).

Nestes atos, bem como nas visitas às cidades e eventos da região, o grupo conta com o apoio de políticos locais, da comunidade e dos integrantes, de acordo com a narrativa a seguir:

"Por exemplo, quando vamos fazer um churrasco, cada um colabora com um pouco de cada coisa. Nestes atos que fizemos da vitória em novembro, já fizemos Escaladas. O último foi em 2019. Foi bem legal, começou na sexta-feira o ato contra a mineração e festival de escalada na casa de pedras e foi até domingo." [...] Os eventos que nem te falei, que fizemos todo ano, todo mundo se ajuda. Tem 10 na cozinha, pessoas montando a estrutura, todo mundo colaborando. Quando a gente fez o festival de Escalada, passamos uma semana limpando o local e organizando. Na verdade, a gente faz qualquer esforço. E outra coisa também, é sobre a presença, se recebermos um

convite, nós vamos. Alguém vai. Nós nunca recusamos. Seja lá onde for, até hoje, nunca recusamos. Sempre a gente dá um jeito de ir.”

A importância das experiências vividas celebram as verdadeiras narrativas dos sujeitos, que podem se constituir através de uma fala, sentimento ou memória. Sendo assim, o modo de se reconhecer no mundo e as transformações perante o processo da vida, acabam moldando o modo de pensar e agir. Com isso, a práxis das relações sociais que fundamentam as ações, está inserida em um cenário local que é Palmas, no sentido de ser um distrito rural povoado, com suas peculiaridades e união como comunidade e como movimento, junto com a UPP - Camaquã, conforme o trecho a seguir:

“Lá existe um sentido de comunidade, em que me orgulho disso. Se eu precisar de ajuda, eu procuro vizinhos, sempre eles ajudam. Então, eu e toda família, nós ajudamos também, não tem um dia que eu não esteja fazendo alguma coisa em prol de alguém; ajudando alguém em algum documento, em uma escritura, conselho, em qualquer situação.”

Assim, podemos identificar nas narrativas apresentadas, a construção coletiva, enquanto princípio, um saber, que a UPP – Camaquã acaba assumir e disseminar junto a comunidade de Palmas. Isto evidencia o desenvolvimento de uma forte relação com a realidade concreta da região, na busca da emancipação e da transformação, reconhecendo-se pertencentes àquela comunidade e assim constituindo identidades.

Visto a natureza dos obstáculos, diante das contradições socioambientais, as ações que identificamos que poderão superá-las, acaba por se moldar na comunicação dialógica que os sujeitos possuem como comunidade que desencadeou nas ações que identificamos até então. Tomamos como exemplo, o manifesto de Palmas aqui evidenciado e as audiências públicas, que tornaram possível uma forte ligação entre os MS, junto com os moradores para/com as questões socioambientais da região, em que consideramos uma forte aproximação com a EACT. No item a seguir, vamos conhecer a história da construção da AGRUPA, a partir das narrativas dos sujeitos entrevistados.

5.3.2 Agrupa: associação de moradores e produtores rurais

A Associação para a Grandeza e União de Palmas - Agrupa, é uma associação formal, com CNPJ, registrada junto à receita federal, constituindo-se como uma associação de moradores e produtores rurais, atualmente, com mais de 350 pessoas, e não restrita a Palmas, conforme a narrativa de Alice:

“Na verdade, quando estávamos formalizando a AGRUPA, em 2017, foi bem na época que também estávamos enfrentando as questões da mineração e das hidrelétricas. Então muita gente de fora queria fazer parte da Associação para poder nos apoiar, então a gente deixou o nosso estatuto, que qualquer pessoa do Estado ou do Brasil, se quiser, poderá se associar, com todos os direitos, participar das Assembleias, reuniões...”

Muitos dos associados da Agrupa são também integrantes da UPP – Camaquã, se inter-relacionando em prol de e se aproximando na união e pertencimento com Palmas. A diferença é que a Agrupa é formalizada, inscrita em todos os órgãos, o que contribui para tratar de assuntos formais como da mineração, visto que, muitas vezes, necessita-se ter uma identidade formal para esses assuntos. Já a UPP – Camaquã, não é formalizada, sendo um grande movimento de mobilização social com as questões ambientais da região, principalmente a mineração.

As interações comunitárias sempre estiveram presentes em Palmas. Em um tempo não muito distante, existia um time de futebol e um barzinho que reunia todos os moradores.

“O meu pai tinha um bar de campanha, então sempre teve uma comunidade se reunindo ali, e meu pai sempre cobrava muito de nós, que a gente continuasse essa representação, que não deixasse outras pessoas falarem em nosso nome. Ele dizia assim pra nós: “Embora vocês não tenham doutorado, para mim vocês têm, não deixe qualquer um falar em nome de vocês.”

Percebe-se que a criação da Agrupa já se encaminhava, desde o pai de Alice, mas foi fundada e formalizada, em 2017, como grupo. Com reuniões, eventos e debates, para que hoje, várias pessoas participassem da associação, bem como pesquisadores, técnicos, biólogos, sem perder a finalidade do grupo, de estar em prol dos assuntos de Palmas e principalmente dos produtores rurais.

Apesar de ter sido formalizado apenas em 2017, o MS já vem trabalhando por Palmas, desde os antigos moradores que habitavam estas terras, conforme a narrativa de Maria: *“Na época do meu pai mesmo, quando era criança, poucas pessoas tinham carro, então quando adoecia um ou outro, o pai levava e trazia, então se formou essa união entre pessoas, que foi formalizada na AGRUPA.”*

A Agrupa possui também duas assembleias anuais, que são estatutárias e obrigatórias, em que as contas são prestadas e ocorre o planejamento para o ano seguinte.

Em 2020, por exemplo, por conta da pandemia da covid-19, essas reuniões ocorreram remotamente pelo *whatsapp*, conforme o trecho a seguir:

“a gente fez esse ano pelo whatsapp, e foi muito bacana sabe. A gente achou que iria ser complicado por ser no whatsapp, mas não foi. Tinha mais de 100 pessoas participando, foi um debate acirrado. Eu pensei: como vai ser no whatsapp, vou poder deixar o pessoal ali falando, para fazer alguma atividade e depois voltar, mas era o tempo todo o pessoal debatendo, que eu não pude sair o dia inteiro do celular, foi muito bacana assim. Muitas propostas surgiram e foram aprovadas por unanimidade, exceto uma, pra você ver [...].”

Diante do cenário atual, o ordenamento das informações acabou se sucedendo em grande parte nas redes sociais, com a Agrupa não foi diferente. Utilizaram o que estava ao seu alcance, como as reuniões no *whatsapp*, o lançamento de *banners* no *Facebook*, a discussão em *lives* e a participação em muitos eventos técnicos e científicos. Alice frisa que o contato com as Universidades e especialistas, fizeram com que ela pudesse adquirir mais conhecimento e trabalhar melhor em prol da sua comunidade:

“Eu acho que, o que mais me fez mudar e evoluir, foi o contato com o pessoal das Universidades, que a gente tem conversado muito. A gente vive no meio da natureza, mas muitas vezes não sabemos as relações, como um rio corre, como se forma, onde a poluição vai parar, quanto tempo ela fica, como que funciona tudo isso. Tu não sabe como o chumbo contamina as águas, toda essa parte mais técnica, científica, eu acho que aprendi muito nesses últimos anos no contato com essas pessoas.”

Como presidente da associação, Alice, sente que assume um papel de responsabilidade com sua comunidade: *“eu sinto uma responsabilidade muito grande, quando eu assumo um papel, uma missão, eu entro pra realmente fazer a diferença, para fazer com que as coisas funcionem, então eu me sinto bastante responsável, trabalho muito.”* Na sua trajetória frente a Agrupa, o desafio se faz presente a cada passo dado, mas Alice não hesita em defender esse chão, que tanto tem ajudado esse povo e preservado Palmas. Dito isso, temos evidenciado na fala, o que nos remete ao pertencimento, enquanto comunidade.

Nas narrativas analisadas até aqui, o pertencimento dos sujeitos como parte integrante de Palmas, nos remete a sua identificação com o ambiente, como se fosse uma continuação de sua própria trajetória. Sobre isso, Brandão (2005, p. 45) esclarece:

Temos uma curiosa maneira de lidar com esses sentidos de propriedade, de posse, de pertencimento, de partilha e de responsabilidade, ou de corresponsabilidade. Temos modos estranhos de pensar a fundo as diferenças e as convergências entre: o “meu”, o “nosso”, o “de todos”, o “deles” e até mesmo o de “ninguém”.

Assim, pertencer a um determinado grupo ou comunidade, exige um senso de bem comum e de responsabilidade consigo e com o próximo, a Agrupa e a UPP - Camaquã, possui esse laço com os associados e moradores da região, permitindo uma avaliação da natureza dos obstáculos encontrados em Palmas para superar as contradições socioambientais.

A Agrupa também tem convênio com a prefeitura de Bagé, prestando auxílio com equipamentos para os pequenos agricultores da região, como empréstimo de trator, roçadeira, plantadeiras, permitindo que façam lavouras de milho, pastagem de inverno, e outros tipos de plantações. O convênio também consiste em realizar a manutenção das estradas em Palmas, uma vez que em dia de chuva fica intransitável a ida a BR. Na entrevista, João cita que as estradas acabam dificultando até quem trabalha na comunidade:

“Nossas estradas não foram feitas para esses modelos de transporte que se tem hoje como os bitrens ou transportes maiores. Nossa estrada foi feita para no máximo aguentar um caminhão de boi, e isso interfere de certa forma nas condições de passagem. De certa forma, isso causa o êxodo rural, ficando apenas no campo os latifundiários que geralmente não vivem da agricultura e da produtividade de auto sustentação.”

Pode-se observar que o grupo pede apoio aos órgãos públicos, para reforçar as estradas e para os veículos poderem se movimentar. Como Alice destacou, o dinheiro é difícil de conseguir, o que resta é ajuda e apoio dos moradores da comunidade. Isso inviabiliza, muitas vezes, o transporte de mercadorias até a cidade, causando prejuízos aos produtores.

As sistematizações das relações parte-todo nos ajudaram a pensar que o prognóstico consiste nas ações capazes de superar os obstáculos. Este é um movimento importante que pode contribuir para o enfrentamento das contradições, em espaços não formais e também nos espaços escolares. Em síntese, o Agrupa, desde de sua constituição, configura-se como movimento histórico social, de vivências e experiências da comunidade, na luta para superar as problemáticas e contradições socioambientais.

Os elementos para a aproximação da EACT foram identificados na análise das narrativas, pelo compartilhamento de saberes que fundamentaram a elaboração de ações para possíveis aproximações com a transformação da realidade. Essas ações compreendem as audiências, as reuniões, e os eventos que a associação promove, juntamente com os moradores, associados da Agrupa e com pesquisadores que também conhecem as contradições e necessidades da comunidade. Relembramos que as reuniões acontecem para o debate socioambiental, das questões de: instalação das mineradoras, do Rio - Camaquã, manutenção das estradas, produtos da região voltados à pecuária, à agricultura e ao artesanato e turismo ambiental.

A pandemia da Covid - 19, intensificou o uso das redes sociais com divulgações, campanhas e materiais de apoio para as questões socioambientais, do turismo e do patrimônio de Palmas. Com isso, percebemos nas narrativas, possibilidades de superação das pessoas da comunidade, ao estabelecerem redes de relações com pessoas de outras regiões, para o debate da mineração, que poderá vir a atingir outros Municípios, como também as comercializações de produtos que acabam por estabelecer relações significativas entre comerciantes e produtores rurais.

5.3.3 A integração da Agrupa e da UPP - Camaquã para a superação das problemáticas e contradições socioambientais

Compreendemos que a existência das problemáticas e contradições socioambientais identificadas anteriormente, acabam por evidenciar as temáticas significativas, que emergiram das falas significativas dos sujeitos da Agrupa, da UPP - Camaquã, e dos moradores de Palmas. Deste modo, os temas considerados no estudo que foram aparecendo nas falas dos sujeitos, nos levam a identificar os fundamentos da EACT, por aparecer problemáticas e contradições socioambientais que por muito tempo já existiam na comunidade, mas que foram evidenciadas apenas quando os MS ganharam notoriedade e espaço enquanto grupo de resistência, e a partir das suas mobilizações sociais, culturais e ambientais, começando a evidenciar caminhos que nos levam e aproximam da práxis transformadora.

Os obstáculos que abordamos até agora, representam algumas atividades realizadas pelos MS para superar as problemáticas e contradições socioambientais em Palmas. Consideramos a narrativa de Maria no trecho a seguir:

“As audiências públicas, principalmente essa aqui de Bagé foi muito emocionante, tem alguns pedaços no dossiê, tenho mais algumas coisas aqui também, caso algum dia você tenha interesse, foi muito emocionante sabe, estava cheio, cerca de 700 pessoas, todo mundo contra a instalação da mineradora, as únicas pessoas a favor eram alguns políticos de Caçapava.”

Como ilustrado em nossos capítulos e narrativas anteriores, a “Mineração” é um desafio para a população e para a comunidade de Palmas, que fazem parte da história, cultura e preservação do Rio Camaquã. Com isso, a preocupação com os impactos socioambientais de megaprojetos previstos e em andamento no RS é recorrente na vida desses indivíduos. O estudo dos MS contribui para o acesso a ideias e práticas de indivíduos e grupos em prol da transformação, em que a justiça ambiental só existe se houver democracia, intervenções sociais e econômicas em prol do bem estar social e ambiental.

Assim, por meio dos conhecimentos científicos adquiridos e compartilhados entre comunidade/movimentos/pesquisadores, surgiram as situações limites, para que se pudesse realizar as potencialidades e superar os obstáculos. Entre esses aspectos, os temas significativos abordados nas entrevistas como a “Mineração”, “Os Annonis”, “As Estradas”, “Os agrotóxicos e a agricultura familiar”, “Monocultura” e “Silvicultura”, são algumas contradições e temas que a Agrupa e a UPP - Camaquã buscam discutir e lutar nas suas audiências, debates e mobilizações.

Notamos a articulação da Agrupa e da UPP – Camaquã com a realidade local e com a comunidade de Palmas, assim algumas práticas corroboram com a visão emancipadora, dialógica e da dimensão política e social, que acena entre limites e potencialidades, mas com o compromisso de assumir estratégias que possam orientar, sensibilizar e transformar, tomando em conta que o tema principal é a Mineração.

Atualmente, é possível traçarmos relações entre a EACT e os MS, visto a importância de investigar os impactos sociais, ambientais, político e econômico que se constituem na região da campanha, que abrange o Bioma Pampa e a comunidade de Palmas, em que os indivíduos críticos são capazes de se posicionar frente aos desafios perante a mineração. Para comprovar tal ação e mobilização, os MS Agrupa e UPP – Camaquã, têm mostrado a sua resistência e superação, frente aos desafios impostos em tal realidade, algumas delas, já mencionadas aqui nesta dissertação, parte do princípio de assumir a condição de coletivo e comunidade, algumas dessas práticas, podemos observar

no documentário “dossiê viventes – o pampa viverá”, a afirmação e compromisso com o prognóstico da realidade concreta.

Em um breve momento da nossa entrevista narrativa, Maria nos conta sobre um filme/documentário que foi gravado no ano de 2018, que retrata a mobilização e resistência dos movimentos, e dos moradores de Palmas, cujo o projeto de Mineração da Votorantim, ainda segue tramitando na Fundação Estadual de Proteção Ambiental (Fepam), acompanhado pelo Ministério Público Estadual e pelo Ministério Público Federal. Foram mais de 40 pessoas entrevistadas, entre elas, professores, pesquisadores e especialistas, a seguir um breve relato desse momento, que também nos orienta para o prognóstico da realidade concreta.

Este dossiê surge em meio ao um momento que as políticas de desenvolvimento do Estado e do País, acabam por pensar esse projeto de mineração, já citado, em áreas consideradas prioritárias e únicas, seja pela sua biodiversidade, geodiversidade, sociodiversidade, suas espécies novas de plantas, e pelas suas pedras maravilhosas e raras na beira do Rio Camaquã, que acaba por encantar ainda mais a região por sua paisagem. A resposta é entender como uma mineradora pode ser instalada, em uma área que o próprio ministério do meio ambiente, definiu como área de uma biodiversidade sem igual.

A reflexão apresentada durante o dossiê, tem despertado para uma realidade presente, com o esforço da compreensão sobre a realidade local, quando afirmam quais são as ações necessárias para a transformação desta realidade. A UPP - Camaquã e a Agrupa, tem trabalhado em ações que contribuem para as práticas e compromissos com a práxis, no intuito de levantar as questões socioambientais na comunidade, e trabalhar junto com elas, no trabalho coletivo, que muitas vezes consistem nas relações sociais entre os moradores, estudantes, pesquisadores e outros MS próximos à região.

Há um déficit de unidades de conservação em nosso Estado, apenas 1% do pampa tem sua área protegida, é um número muito baixo perto de outros biomas do Brasil. As ameaças como as monoculturas, soja, eucaliptos e mineração traz junto consigo a poluição, que afeta principalmente a pecuária familiar de Palmas. Desta forma, as ações coletivas como movimento, conforme as narrativas apresentadas, identificam e evidenciam uma orientação para a emancipação e posicionamento crítico do sujeito, em que significa compreender “que as barreiras presentes na organização estrutural da sociedade, não são de forma alguma naturais” (OLIVEIRA, 2020, p. 50). E, sim,

compreendidas por construções históricas, resultantes da divisão de trabalho e das diferenças de classe (HORKHEIMER, 1991).

Portanto, toda exploração, que retira a paisagem, retira toda a fauna e flora do local, e afeta uma comunidade inteira, não irá gerar desenvolvimento. Contaminando o campo, irá contaminar os animais, a caça, a pesca, assim o modo de vida é transformado, gerando uma cadeia destrutiva, que não há recompensa, talvez aconteça o crescimento de recursos econômicos, mas o modo de vida de um ecossistema inteiro é totalmente transformado para sempre. Assim, o posicionamento crítico faz parte da ação destas pessoas, que se diferencia da teoria tradicional, e que busca alcançar a práxis de transformação.

Este processo, garante que a Agrupa e a UPP - Camaquã, tem suas raízes voltadas às problemáticas e contradições socioambientais presentes na região, diante do seu processo histórico-político-social, isso significa, que possamos encontrar sinais que corroboram para uma EACT da realidade concreta.

Por todos esses aspectos, consideramos que as temáticas significativas levantadas são importantes para a realidade local e na dimensão global, porque acreditamos que os conhecimentos científicos, podem gerar ações que possibilitam intervir em outras realidades, comunidades e localidades. No quadro a seguir, considera-se uma síntese das relações e aproximações com a EACT.

Quadro 5: Síntese das relações e aproximações com a EACT

(continua)

Investigação e identificação das problemáticas e contradições socioambientais de Palmas;
Aproximação e interação entre os sujeitos e para/com a comunidade;
A trajetória de vida e a relação com Palmas dos sujeitos;
A pesquisa sociocultural da realidade investigada;
A mineração, o Annoni, o Javali, os Agrotóxicos, a Monocultura e Silvicultura como temáticas emergentes das narrativas;
A UPP - Camaquã e o manifesto de Palmas;

(conclusão)

A comunicação dialógica e o compartilhamento de saberes da Agrupa e UPP - Camaquã, como fundamental na elaboração de ações;
O coletivo, o comunitário e o solidário;
O pertencimento;
As audiências públicas, as reuniões, e a dimensão local e global;
Dossiê viventes: o pampa viverá.

Fonte: Autor (2021).

No quadro 5, evidenciamos uma síntese das relações e aproximações com a EACT. No decorrer das narrativas analisadas, uma série de aspectos importantes para serem considerados nos cenários em Palmas apareceram. As problemáticas e as contradições foram investigadas e diagnosticadas, emergindo das narrativas as temáticas e permitindo a identificação dos saberes: coletivo, comunitário, solidário e pertencimento. Estes saberes para nós, evidenciam um movimento para superação dos obstáculos de Palmas, manifestado nas reuniões, nas audiências e nos conhecimentos adquiridos e compartilhados pela Agrupa e UPP - Camaquã.

No próximo capítulo, discutimos as potencialidades de processos educativos balizados pelos saberes emergentes dos MS.

CAPÍTULO 6 - INDÍCIOS PARA ELABORAÇÃO DE PROCESSOS EDUCATIVOS BALIZADOS POR PROBLEMÁTICAS E CONTRADIÇÕES SOCIOAMBIENTAIS E SABERES EMERGENTES DE MS

Nas temáticas significativas abordadas até então, conseguimos identificar quais são as principais problemáticas e contradições socioambientais em Palmas, com isso, realizamos um movimento de investigação e identificação dos saberes da EACT, a partir dos integrantes dos MS Agrupa e UPP - Camaquã. Neste último capítulo, aproximamos esses saberes para o contexto formal, em que as temáticas significativas reconhecidas pelos MS, são potencialidades para trabalharmos as problemáticas e contradições socioambientais em sala de aula.

A pesquisa de Torres (2010), orienta para uma possível articulação entre a dimensão da EACT no campo escolar, a partir do olhar pedagógico, humano e social de Freire, diante dos temas geradores e da ATF. Nosso olhar está direcionado para como os saberes emergentes dos MS contribuem para essa articulação. A dinâmica da ATF, tem sido contemplada no campo teórico-metodológico da EA, por compreender uma práxis (ação/reflexão/ação) de transformação. Por meio das narrativas dos sujeitos identificamos o que fazem e como estão engajados nas relações sociedade e natureza.

No que tange, as problemáticas e as contradições socioambientais reconhecidas, consideramos que estas podem contribuir, na localidade, para estruturação de processos formativo em espaços formais ou não formais de ensino, com abordagem temática freireana, já que trabalhar a partir das problemáticas e contradições identificadas permitem romper com um processo que vem se desenvolvendo nas últimas décadas. Enfatizamos que as problemáticas e as contradições socioambientais aqui identificadas são legítimas para esta localidade, contribuindo para contextualizações para os processos de ensino aprendizagem deste lugar.

Já os saberes emergentes das narrativas dos MS, consideramos universais já estar em comunidade, a solidariedade, a coletividade e o pertencimento são saberes necessários para constituição de uma sociedade crítica, democrática e igualitária, necessários a qualquer enfrentamento socioambiental.

Nas narrativas de Maria, Alice, Antônia, Helena e João, foi possível identificar, que a partir dos aspectos históricos, culturais, políticos e também em suas trajetórias individuais e coletivas. Os movimentos aqui estudados, orientam para a luta e

mobilização das pessoas que residem em Palmas, destacando a importância de estar em comunidade e movimento, visto que, o pampa muito já perdeu seu espaço para atividades exploratórias e expansivas. Diante do exposto, consideramos que os saberes identificados e já mencionados, estão inter-relacionados com as ações coletivas, com a relação de ser/estar em comunidade, pelo pertencimento, pelo posicionamento crítico, pela dialogicidade e relação com os aspectos locais e globais incluídos em uma construção sócio-histórica e cultural de Palmas, sendo emergente a possibilidade de trabalharmos esses saberes em processos educativos.

Assim, concordamos com Oliveira (2020) que diante de uma realidade que necessite de ação e investigação, para buscarmos as problemáticas e contradições socioambientais, e por fim, superá-las, se faz necessário o diagnóstico, o prognóstico e a ação transformadora da realidade concreta. No contexto formal, trabalhar esses momentos é fundamental para identificarmos as problemáticas e contradições socioambientais emergentes em uma determinada dimensão local. No primeiro momento de Oliveira (2020) que se refere ao diagnóstico crítico da realidade concreta, é o momento de diálogo com os sujeitos da pesquisa, problematizando suas falas, o que pensam, e como acabam por se perceber no mundo e na sua realidade, para que se possa obter temas geradores (FREIRE, 1987).

Ainda assim, na sua dissertação, Oliveira (2020) explicita que, algumas compreensões que perpassam pelas obras de Paulo Freire nos levam a cinco momentos para o que denomina investigação temática. Os três primeiros momentos da investigação temática, como já mencionados nesta dissertação, podem ser compreendidos como o diagnóstico da realidade presente, em que no quadro a seguir, em grifo, os saberes emergentes da pesquisa com os MS foi adaptada ao contexto escolar.

Quadro 6: Os 3 primeiros momentos da investigação temática adaptada a saberes emergentes de pesquisa com MS

1º Momento: A realização de uma pesquisa sociocultural na comunidade investigada para o levantamento das contradições sociais vividas/percebidas (OLIVEIRA, 2020, p. 56).

Dos saberes emergentes dos MS para o contexto escolar: A partir de uma pesquisa sociocultural com os MS, levantar as problemáticas e contradições socioambientais da comunidade. Neste momento, serão problematizados junto aos MS e aos estudantes, o que é comunidade, e MS.

2º Momento: Codificação (representação via códigos) e problematização junto aos educandos e educandas (OLIVEIRA, 2020, p. 56).

Dos saberes emergentes dos MS para o contexto escolar: Apresentar registros e falas da comunidade (inclusive integrantes dos MS) para problematizar as contradições e problemáticas socioambientais, bem como e as percepções de coletivo e comunidade, por meio do diálogo.

3º Momento: Realização do círculo de investigação temática via diálogos descodificadores, para a legitimação ou não das contradições sociais como temas geradores e sua posterior articulação aos temas opostos (OLIVEIRA, 2020, p. 56).

Dos saberes emergentes dos MS para o contexto escolar: Realizar grupos de trabalho envolvendo integrantes de MS e da comunidade escolar para dialogar sobre as problemáticas, contradições socioambientais e saberes codificados, no movimento de reconhecer os mais significativos.

Fonte: Adaptado de Oliveira (2020).

Diante do exposto no quadro 6, apresentamos uma possibilidade de diagnóstico, baseada no estudo de Oliveira (2020), relevante na aplicação da investigação temática para o contexto escolar, articulado aos saberes de MS. Conforme o referido estudo, no 1º momento, durante a realização de uma pesquisa sociocultural na comunidade levantam-se as contradições sociais vividas/percebidas. Em nossa pesquisa com os MS, levantamos as problemáticas e contradições socioambientais da comunidade e indicamos como possibilidade que, em um contexto escolar, estas sejam problematizadas junto aos MS e

aos estudantes e sejam oportunizadas reflexões sobre o que é comunidade, o que são movimentos sociais, o que são contradições e problemáticas socioambientais.

No 2º momento, para Oliveira (2020), ocorre a representação via códigos(codificação) e problematização, junto aos educandos e educandas. Em nossa pesquisa com os MS, consideramos que, neste momento, no contexto escolar, devem ser apresentadas notícias, documentos oficiais, documentários, imagens, fragmentos de publicações etc. bem como falas da comunidade (códigos) para problematizar as contradições e problemáticas socioambientais, bem como e as percepções de coletivo e comunidade ali presentes.

No 3º momento, para Oliveira (2020), ocorre o círculo de investigação temática, a partir de diálogos descodificadores, em que são validadas as contradições sociais como temas geradores, para posterior articulação com temas opostos. Em nossa pesquisa com os MS, neste momento, no contexto escolar, recomenda-se a realização de grupos de trabalho envolvendo integrantes de MS e da comunidade escolar (professores, alunos, responsáveis e funcionários), para mobilizar um diálogo sobre as problemáticas, contradições socioambientais e saberes codificados, a fim de selecionar os mais significativos.

É necessário que nesses 3 momentos iniciais, possamos conhecer o contexto e a realidade de uma localidade juntos aos MS presentes, para que seja possível construir diálogos entre os sujeitos, para elaborar uma prática educativa pautada na problematização e dialogicidade. Argumentamos a favor de processos educativos, via ATF, que potencializem uma articulação efetiva entre a sociedade organizada via MS e a comunidade escolar, a fim de que os saberes, as visões de mundo sejam conhecidas, compartilhadas e problematizadas no contexto escolar.

Acrescentamos que o estudo de Oliveira (2020) prossegue para o 4º e 5º momento da investigação temática, pautados no prognóstico e ação transformadora da realidade concreta. Em nossa pesquisa, não avançamos na articulação das aprendizagens com as narrativas dos MS com estes momentos, porém consideramos importante de ser desenvolvido em pesquisas futuras. Como modo de realizar o 4º e 5º momento da investigação temática, é importante considerar como encaminhamento metodológico, as hipóteses das contradições socioambientais que identificamos no capítulo 5, que necessitam ser codificadas-problematizadas-descodificadas para então serem obtidos os temas ambientais geradores.

As perguntas que cabem resposta daqui em diante: Qual contradição identificada tem possibilidade de se constituir em um Tema Gerador? De que modo o Tema Gerador desenvolvido no contexto da pesquisa realizada, poderá contribuir para a transformação da realidade?

Os momentos trabalhados até aqui, significativos para uma realidade local, e para a visibilização dos saberes dos MS, foram importantes para reconhecer e dialogar, sobre soluções para as problemáticas e as contradições socioambientais, a partir de distintas visões de mundo. Em síntese, esse capítulo nos mostra que diante de processos educativos balizados pelos saberes emergentes de narrativas de MS, realizamos a etapa do diagnóstico, descrita por (OLIVEIRA, 2020), o que representa a aproximação com a prática de EACT e que para a efetivação de todas as etapas da investigação temática, o 4º e 5º momento serão necessários, para que a transformação da realidade seja concretizada.

CAPÍTULO 7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar nas considerações finais desta dissertação, reflito sobre a caminhada percorrida até aqui, os espaços por onde estive presente, que colaboraram para minha constituição de educador e pesquisador ambiental. As experiências e vivências, os diálogos e as narrativas contribuíram para a realização deste estudo, em que buscamos responder a seguinte questão de pesquisa: Como a EACT se mostra nas narrativas dos moradores de Palmas, integrantes dos Movimentos Sociais AGRUPA e UPP - Camaquã?

Para respondê-la, buscou-se compreender como a Educação Ambiental Crítico-Transformadora (EACT) se mostra nas narrativas dos integrantes do MS AGRUPA e UPP - Camaquã, moradores do distrito de Palmas, região de Bagé - RS.

Inicialmente descrevemos a constituição do campo da Educação Ambiental, desde seus aspectos históricos até tendências e novas perspectivas. Compreendemos a partir de Layrargues e Lima (2014), às macrotendências políticas-pedagógicas: conservacionista, pragmática e crítica. A partir disso, explicitamos possíveis concepções e articulações teórico-metodológicas a partir dos pressupostos da Teoria Crítica, que contribuem para a construção da Educação Ambiental Crítico - Transformadora (EACT). Neste percurso, mostramos como a EACT (TORRES, 2010; 2018; TORRES; FERRARI; MAESTRELLI, 2014) está presente nos referenciais da Teoria Crítica, da Educação Libertadora de Paulo Freire e nos 3 momentos que orientam para o diagnóstico, prognóstico e ação transformadora da realidade concreta, no processo praxiológico transformador (OLIVEIRA, 2020). Assim, o capítulo 2 nos ajudou na construção dos fundamentos da EA.

Explicitamos na metodologia, a pesquisa narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2015) como procedimentos a partir dos quais, ao coletar e analisar os dados empíricos, as entrevistas narrativas (JOVCHELOVITCH; BAUER 2002), encontramos uma possibilidade de análise, discussão e interpretação. Realizamos uma amostragem por “Bola de Neve” (ALBUQUERQUE, 2009), no momento da coleta de dados, que nos ajudaram a alcançar os objetivos propostos.

Neste processo, foi importante identificar nas mídias locais da região da Campanha, os MS envolvidos com as questões ambientais e que trouxessem contribuições ao campo de pesquisa em EA. O levantamento junto aos jornais locais foi importante para compreender as macrotendências político-pedagógicas de EA, em que

uma multiplicidade de concepções, práticas pedagógicas, posições políticas e possibilidades foram aparecendo. Na busca, percebemos que os MS identificados na região lutam por possibilidades democráticas e um futuro mais justo. Contudo, ainda há um certo silenciamento de algumas notícias em relação a alguns movimentos, como o LGBTQI+, Negro e Feminista e suas relações e proximidades com o campo de EA. Nessa busca sobre os MS locais e a sua relação com a EA foram encontrados os movimentos ambientalistas, MST e MPA.

Através da plataforma “*Facebook*”, identificamos grupos e páginas com características da EA no contexto socioambiental da região do pampa gaúcho, a saber: “Comitê de combate à megamineração”, “Agapan”, “Rio Camaquã - União pela preservação”, e a “Agrupa”. Essa busca localizou na mídia, dois movimentos envolvidos em nosso espaço de investigação, a Agrupa e a “UPP - Camaquã”, que contribuíram para acessarmos ideias e práticas na construção de narrativas individuais e coletivas dos sujeitos, frente aos desafios que favoreceram a aquisição dos fatos e evidenciaram as relações do outro com a natureza, em que indivíduos críticos foram capazes de se posicionar frente aos desafios impostos pela sociedade contemporânea atual.

Ao analisar os saberes de EACT mobilizados nas narrativas dos integrantes do MS Agrupa e UPP - Camaquã, identificamos algumas contradições e problemáticas socioambientais como: a mineração, o capim - Annoni, os agrotóxicos, a monocultura e a silvicultura e o Javali. Todas essas contradições e problemáticas, emergiram nas narrativas dos sujeitos, considerados por nós temas significativos presentes na comunidade, que se caracterizam como temas socioambientais, e que fazem parte da realidade concreta de Palmas.

Nas narrativas de Maria, Alice, Antônia, Helena e João, conseguimos evidenciar saberes que orientam para a EACT, diante da investigação da realidade concreta dos sujeitos sobre Palmas, entre eles: a coletividade, a comunidade, o posicionamento crítico, o pertencimento, a questão de saúde pública e o modelo econômico atual desestruturante. Com isso, são vários saberes que emergiram do processo de pesquisa sociocultural e da ação histórica deste lugar, momento este que desperta para os saberes mobilizados pela EACT.

Os saberes emergentes dos MS, como: as ações coletivas, o pertencimento, o modelo político-econômico-desestruturante, o processo histórico-social, o comportamento crítico e a orientação para a emancipação, evidenciam princípios da

EACT que se efetivam no âmbito dos MS, tais como: “a mineração”, “o capim-annoni”, “os agrotóxicos”, “a monocultura”, e “a silvicultura”, que poderão tornar-se temas ambientais geradores, para possíveis práticas educativas que contemplem a dimensão de uma EACT no campo escolar, que sintetizam as contradições/situações existenciais vivenciadas na realidade social de Palmas.

Consideramos que as problemáticas e contradições socioambientais levantadas junto aos MS, estão pautadas na dialogicidade e problematização em torno dos temas ambientais geradores. Também, as situações-limites existenciais da realidade concreta, que possa a vir ser compreendida e transformada, possibilitarão a efetivação da EACT na região de Palmas, e contribuirão para processos educativos críticos, dialógicos, emancipatórios, e em comunidade.

Notamos a articulação dos MS Agrupa e UPP - Camaquã, entre si e com a comunidade de Palmas, corroborando com práticas que apontaram para a sensibilização e transformação da dimensão política, emancipatória, dialógica e social. Por todos esses aspectos, consideramos que as temáticas significativas são importantes para ampliar a compreensão da realidade local. Defendemos também que os saberes emergentes das narrativas (estar em comunidade, coletividade, pertencimento etc.), assumem uma dimensão global, uma vez que instrumentalizam os sujeitos para intervir de forma consciente na realidade.

Ainda assim, identificamos ações capazes de superar os obstáculos em Palmas, em que os manifestos realizados, as reuniões, e as audiências públicas somaram-se aos conhecimentos que foram sendo adquiridos e compartilhados pela Agrupa e UPP - Camaquã. Desvelando na realidade de Palmas um caminho para a realização e efetivação que se aproxima de uma orientação para a transformação da realidade.

As problemáticas e contradições socioambientais identificadas neste trabalho, trazem implicações para o ensino na região, pelo trabalho com as temáticas significativas reconhecidas nas narrativas dos MS. Essas potencializam a efetivação dos princípios da EACT. Percebemos que a dinâmica da ATF, orienta nosso olhar para a articulação entre os saberes dos MS e processos educativos formais, e que poderão contribuir para a superação da visão ingênua e fragmentada sobre a realidade concreta.

Apontamos a partir do trabalho de Oliveira (2020) que diante de uma realidade que necessite de ação e investigação, para buscarmos as problemáticas e contradições socioambientais, se faz necessário o diagnóstico, o prognóstico e ação transformadora da

realidade concreta que estejam evidenciados na práxis e trabalhados juntos aos MS e no contexto escolar. Com isso, algumas compreensões sobre esses momentos perpassam a obra de Paulo Freire, em que explicitamos a investigação temática. Em nosso trabalho, conseguimos nos aproximar dos 3 primeiros momentos da investigação temática, que Oliveira aponta como diagnóstico.

Consideramos que o diagnóstico, é relevante na aplicação da investigação temática juntos aos MS para o contexto escolar, em que no 1º momento, podemos investigar a realidade concreta a partir de uma pesquisa sociocultural, e se existem problemáticas e contradições socioambientais a serem percebidas, para que na sala de aula possamos problematizar junto aos MS e aos estudantes, o que é MS e comunidade.

No 2º momento, percebemos que a problematização deverá ser executada, via códigos, em que apresentamos notícias, documentos oficiais e falas da comunidade para problematizar as problemáticas e contradições socioambientais, por meio do diálogo. Já o 3º momento, é a descodificação, em que podemos realizar grupos de trabalho envolvendo os MS e a comunidade escolar, para dialogar sobre as problemáticas e contradições socioambientais codificadas, no movimento de reconhecer as mais significativas.

Diante do que foi discutido, argumentamos que para se efetivar o diagnóstico encontramos possibilidades nos saberes emergentes de narrativas junto aos MS. Em pesquisas futuras, consideramos atrelar os saberes emergentes dos MS ao contexto escolar, resultantes desta pesquisa (diagnóstico), ao 4º e 5º momentos sinalizados por Oliveira (2020), que corresponde ao prognóstico e ação transformadora da realidade concreta.

O prognóstico, refere-se ao momento de redução temática, tendo em vista as relações e dimensões geradas a partir das EN, que se concretiza na seleção de conteúdos sistematizados pertinentes aos temas ambientais geradores. Estes conteúdos, são fundamentais para a superação da visão ingênua da realidade concreta, por parte dos(das) educandos(as), e podem contribuir para a superação da(s) contradição(ões) (OLIVEIRA, 2020). Assim, salientamos que o prognóstico é necessário para a efetivação do 4º momento da investigação temática, que trabalhará os saberes dos MS e os princípios da EACT articulados, envolvendo escola/comunidade/movimento/pesquisador. Em outros termos, neste momento se problematizam as visões de mundo, em torno do tema

ambiental gerador e levantam-se os conhecimentos universais sistematizados adquiridos, para em um último momento apresentar possibilidade para a resolução do problemática.

Considerando que no 5º momento descrito por Oliveira (2020), ação transformadora da realidade, trabalha-se com as possibilidades de resolução das problemáticas e contradições levantadas em momentos anteriores. Em pesquisas futuras, isso poderá ser pensado através das contradições socioambientais levantadas ao longo do processo, realizando círculos de culturas, que visem a emancipação e transformação da realidade estudada (FREIRE, 2017).

Nos últimos anos, foi implementado nas escolas brasileiras, o novo ensino médio (BRASIL, 2018), pautado por competências preestabelecidas a serem desenvolvidas, ao invés de objetivos de ensino e aprendizagem. Nesse cenário, acrescenta-se a diminuição e até exclusão de conteúdos de algumas áreas do conhecimento, para se atingir o estabelecido, também pautado na “escolha dos estudantes em um itinerário de formação, no qual desejam aprofundar seus conhecimentos” (BRASIL, 2018, p. 1). Isso contribui no aumento da desigualdade entre regiões, estados e redes de ensino. Assim, destaco o impacto que o ensino de química tem sofrido com essa reformulação curricular e os desafios que os pesquisadores e professores precisam assumir para contemplar os princípios da EACT.

Por fim, destacamos que os desafios ainda a serem superados para a construção de diálogos, enquanto pesquisadores, no campo da EA, como, por exemplo, possíveis aproximações como o campo dos MS, ainda se configura, muitas vezes, como uma visão dicotômica das práticas ambientais. Entendemos que, partindo da consolidação da EA no campo social, e da consolidação do campo dos MS, constituem elementos fundamentais para a consolidação da EACT na busca de uma sociedade livre, democrática, emancipadora e que caminhem juntos, no sentido de opor às injustiças socioambientais e condições impostas pela emergente crise ambiental.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, H. Ambientalização das lutas sociais: o caso do movimento de justiça ambiental. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, n. 68, p. 103-120, 2010.
- AGAPAN. **Associação Gaúcha de proteção ao Ambiente Natural**. Que Rio Grande queremos? Disponível em: <http://www.agapan.org.br/p/que-rio-grande-queremos.html>. Acesso em: 10 ago. 2020.
- ALBUQUERQUE, E. M. **Avaliação da técnica de amostragem “Respondent-driven Sampling” na estimação de prevalências de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas**. 99 f. 2009. Dissertação (Mestrado) - Fundação Oswaldo Cruz. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2009. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/2411>. Acesso em: 06 jun. 2021.
- ALIER, J. M. **O ecologismo dos pobres**. São Paulo: Contexto, 2015.
- AMARAL, I. A. Educação ambiental e ensino de ciências: uma história de controvérsias. **Pro-posições**, v. 12, n. 1, p. 73-93, 2001.
- APEDEMA/RS. Assembleia Permanente de Entidades em Defesa do Meio Ambiente do Rio Grande do Sul. **Entidades Filiadas**. Disponível em: <https://apedemars.wordpress.com/entidades-filiadas/>. Acesso em: 10 jul. 2021.
- BALDIN, N; MUNHOZ, E. M. B. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: **X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (EDUCERE)**. Curitiba: 2011. Anais. p. 329-341. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf. Acesso em: 10 jun. 2021.
- BIERNACKI, P; WALDORF, D. Snowball Sampling: Problems and techniques of Chain Referral Sampling. **Sociological Methods & Research**, vol. nº 2, November. 141-163p, 1981.
- BITAR, O. Y. **Avaliação da recuperação de áreas degradadas para mineração Região Metropolitana de São Paulo**. 193 f. 1997 Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo. Escola Politécnica. Engenharia Mineral. São Paulo, SP, Brasil, 1997. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/3/3134/tde-25102001-165349/en.php>. Acesso em: 18 jul. 2021.
- BRANCO, E. P; ROYER, M. R; BRANCO, A. B. A abordagem da Educação Ambiental nos PCNS, nas DCNS e na BNCC. **Nuances: estudos sobre Educação**, v. 29, n. 1, p. 185-203, jan/abr., 2018. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/5526>. Acesso em: 02 jan. 2021.

BRANDÃO, C. R. Aqui é onde eu moro, aqui nós vivemos: escritos para conhecer, pensar e praticar o município educador sustentável. 2ª ed. – **Brasília**: MMA, Programa Nacional de Educação Ambiental, 2005.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Protocolo de Quioto**. Disponível em: <https://www.mma.gov.br/clima/convencao-das-nacoes-unidas/protocolo-de-quioto.html>. Acesso em: 03 mar. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Um pouco da história da Educação Ambiental**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/historia.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf. Acesso em: 11 mar. 2021.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 562 p.

BRASIL. Lei 9.795 /99. **Política Nacional de Educação Ambiental**. Brasília, DF, 1999.

BRÜGGER, P. Nós e os outros animais: especismo, veganismo e educação ambiental. **Linhas críticas**, v. 15, n. 29, p. 197-214, 2009.

BRÜSEKE, F. J. O Problema do Desenvolvimento Sustentável. In: CAVALCANTI, C. (org.). **Desenvolvimento e Natureza**: Estudos para uma sociedade sustentável. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1994. p. 29-40. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Andri_Stahel/publication/242508694_DESENVOLVIMENTO_E_NATUREZA_Estudos_para_uma_sociedade_sustentavel/links/02e7e52dec936ba1f7000000/DESENVOLVIMENTO-E-NATUREZA-Estudos-para-uma-sociedade-sustentavel.pdf. Acesso em: 16 jul. 2021.

CARVALHO, I. C. M., *et al.* Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos da educação. **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, p. 13-24, 2004.

CAVALCANTE, N. S. P. Um olhar sobre a trajetória da educação ambiental. **EDUCamazônia**, v. 25, n. 2, p. 233-249, 2020.

CLANDININ, D.; CONNELLY, F. **Pesquisa narrativa: experiências e histórias na pesquisa narrativa**. Tradução: grupo de pesquisa narrativa e educação de professores ILEEL/UFU. 2ª edição rev. Uberlândia, 2015.

CNEA. Cadastro Nacional de Entidades Ambientais. **Entidades Cadastradas**. Disponível em: <http://cnea.mma.gov.br/entidades-cadastradas>. Acesso em: 10. jul. 2021.

CZAPSKI, S. **A implantação da educação ambiental no Brasil**. Brasília: MEC, 1998.

DELIZOICOV, D; ANGOTTI, J. A. P; PERNAMBUCO, M. M. **Ensino de Ciências: Fundamentos e Métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **The Sage handbook of qualitative research**. Sage, 2011.

DIAS, G. F. **Educação ambiental: princípios e práticas**. São Paulo: Gaia, 2003.

DIAS, G. F. Os Quinze Anos da Educação Ambiental no Brasil: um depoimento. **Em Aberto**, Brasília, v. 49, n. 10, p.3-14, mar. 1991. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/485895/Educa%C3%A7%C3%A3o+ambiental/37cbac3e-3bc6-4783-bc30-017a350437b5?version=1.0>>. Acesso em: 14 mai. 2020.

EDUCAÇÃO, A. **História da Educação Ambiental**, 2013. Disponível em: <https://eduambiental.tumblr.com/post/68158177391/hist%C3%B3ria-da-educa%C3%A7%C3%A3o-ambiental>. Acesso em: 27 fev. 2020.

FAO – Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura. **Aumentam as emissões de gases com efeito estufa provenientes da agricultura**, 2014. Disponível em: <http://www.fao.org/news/story/pt/item/224454/icode/>. Acesso em: 18 mar. 2020.

FERREIRA, C. A. da C. *et al.* A Educação Ambiental brasileira: história e adjetivações. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 183–195, 2016. DOI: 10.34024/revbea.2016.v11.2097. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/2097>. Acesso em: 22 mar. 2021.

FOLHA DO SUL, J. **Sobre o jornal**. Disponível em: <https://www.jornalfolhadosul.com.br/sobre>. Acesso em: 14 jul. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**, 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, M. **Educar para a sustentabilidade: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável**. São Paulo, 2008.

GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.

GIL, A. C.; *et al.* **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOHN, M. G. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, p. 333-361, 2011.

GOHN, M. G. 500 anos de lutas sociais no Brasil: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor. **Rev. Mediações**, v. 5, n. 1, p. 11-40. 2000.

GUIMARÃES, M. Educação ambiental crítica. **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, p. 25-34, 2004.

HORKHEIMER, M. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. In: MAX Hokheimer; Theodor W.Adorno: **Textos Escolhidos**. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. p. 31-68.

JACINTO, L. C. R. Saberes de resistência, identidades e pertencimentos no sul do Brasil: modos de ser e viver nas narrativas de quilombolas da Comunidade de Palmas (Bagé, RS). 139 f. 2019. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Acadêmico em Ensino – Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé, Bagé, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unipampa.edu.br/jspui/handle/riu/4748>. Acesso em: 12 mar. 2021.

JACOBI, P. Educação ambiental e o desafio da sustentabilidade socioambiental. **O mundo da saúde**, v. 30, n. 2006, p. 524-531, 2006.

JACOBI, P. **Movimento ambientalista no Brasil**. Representação social e complexidade da articulação de práticas coletivas. In: Ribeiro, W. (org.). Publicado em Patrimônio Ambiental. EDUSP. São Paulo: 2003.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa: In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, p. 90-113, 2002.

LAGO, C. Estocolmo; RIO, Joanesburgo. O Brasil e as três conferências ambientais das Nações Unidas. **Fundação Alexandre de Gusmão (Funag), Ministério das Relações Exteriores**. Brasília, DF, 2006.

LAYRARGUES, P. P.; LIMA, G. F. C. As macrotendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira. **Ambiente & Sociedade**, v. 17, n. 1, p. 23-40, 2014.

LAYRARGUES, P. P.; LIMA, G. F. C. Mapeando as macrotendências político-pedagógicas da educação ambiental contemporânea no Brasil. **Encontro Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 6, p. 1-15, 2011.

LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001

LOUREIRO, C.F.B.; *et al.* **Educação ambiental: dialogando com Paulo Freire**. Cortez Editora, 2014.

LOUREIRO, C. F. B. **Trajetórias e Fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

LOUREIRO, C. F. B. Educação Ambiental e Movimentos Sociais na Construção da Cidadania Ecológica e Planetária. **Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania**. Ed. Cortez. 3 Ed. São Paulo, 2005.

LOUREIRO, C. F. B. **Educação ambiental transformadora. Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, p. 65-84, 2004.

MACHADO, E. F. Carvão Mineral e seus Poluentes: uma reconfiguração de saberes como prática de Inovação Pedagógica, 2019. In: FREITAS, D.; MELLO, E.;

NASCIMENTO, C.; SILVEIRA, R. **Anais do III Seminário Inovação Pedagógica: Vivências Acadêmico-Profissionais**. 2020.

MACHADO, E.F. **A emissão de poluentes oriundos da queima do carvão mineral: um estudo de caso para o ensino de química contextualizado**. 92 f. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Química) – Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé, Bagé, 2018. Disponível em: <https://dspace.unipampa.edu.br/handle/rii/4614>. Acesso em: 20 mar. 2021.

MINAYO, M. C. S; GOMES, S. F. D. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18a edição. Petrópolis: **Editora Vozes**, p. 07-80, 2001.

MINUANO, J. **O jornal**. Disponível em: <http://www.jornalminuano.com.br/o-jornal>. Acesso em: 14 jul. 2020.

MUYLAERT, C. J. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, n. SPE2, p. 184-189, 2014.

OLIVEIRA, W. **Educação ambiental crítica e teoria crítica: uma análise das práticas educativas de pesquisa-ação à luz da categoria práxis transformadora**. 112 f. 2020. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Educação - Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba, Sorocaba, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/13207?locale-attribute=pt_BR. Acesso em: 25 fev. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **A história da organização**. 2020. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/conheca/historia/>. Acesso em: 26 fev. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **A carta das Nações Unidas**. 2020. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/carta/>. Acesso em: 27 fev. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Agenda 2030**. 2020. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>. Acesso em: 10 mar. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Principais fatos**. 2020. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/principais-fatos/>. Acesso em: 10 mar. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **4,5 bilhões de pessoas não dispõem de saneamento seguro no mundo**. 2020. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/onu-45-bilhoes-de-pessoas-nao-dispoem-de-saneamento-seguro-no-mundo/>. Acesso em: 11 mar. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **A Onu e a população mundial**. 2020. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/acao/populacao-mundial/>. Acesso em: 13 mar. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **População mundial deve chegar a 9,7 bilhões de pessoas em 2050**, diz relatório da ONU. 2020. Disponível em:

<https://nacoesunidas.org/populacao-mundial-deve-chegar-a-97-bilhoes-de-pessoas-em-2050-diz-relatorio-da-onu/>. Acesso em: 13 mar. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **A ONU e a mudança climática**. 2020. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/acao/mudanca-climatica/>. Acesso em: 17 mar. 2020.

PELICIONI, M. C. F. Educação ambiental, qualidade de vida e sustentabilidade. **Saúde e sociedade**, v. 7, p. 19-31, 1998.

PEREIRA, E. M. Da proteção à natureza ao desenvolvimento sustentável: a defesa ambiental no Rio Grande do Sul. **Tempos Históricos**, v. 15, n. 2, p. 117-153, 2011.

PIRES, A. C. S. Palmas da gente: guardados da memória. Bagé: **Editora Urcamp**, v. 1, 1992.

REIGOTA, M. **A floresta e a educação: por uma educação ambiental pós-moderna**. 2º ed. Cortez. São Paulo, 2002.

SATO, M; CARVALHO, I. **Educação ambiental: pesquisa e desafios**. Artmed Editora, 2009.

SAUVÉ, L. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. **Educação Ambiental: pesquisa e desafios**, p. 17-44, 2005.

SAVIANI, D. **A pedagogia no Brasil: história e teoria**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2008.

SCHERER-WARREN, I. Movimentos sociais no Brasil contemporâneo. **História: Debates e Tendências**, vol. 7, nº 1, p. 9-21, 2008.

SCHÜTZE, F. **Narrative representation kollektiver Schicksalsbetroffenheit**. Univ., Fakultät fuer Soziologie, 1983.

SCHÜTZE, F. Die Technik des narrativen Interviews. **Bielefeld (Manuskript)**, 1977.

SEMA. Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura. **Unidades de Conservação**. Disponível em: <https://www.sema.rs.gov.br/unidades-de-conservacao-2016-10>. Acesso em: 10 out. 2020.

SEMA. Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura. **Bacia Hidrográfica do Rio Camaquã**. Disponível em: <https://www.sema.rs.gov.br/1030-bacia-hidrografica-do-rio-camaqua>. Acesso em: 05 ago. 2020.

SILVA, A. F. G. **A Construção do Currículo na Perspectiva Popular Crítica: das falas significativas às práticas contextualizadas**. 2004. 405 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação: Currículo, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/22098/2/Antonio%20Fernando%20Gouv%C3%Aa%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2021.

SILVA, D.S. **Ambientalização curricular em cursos de Ciências Biológicas: o caso da Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba**. 131 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Câmpus de Rio Claro, 2016. Disponível em: <http://200.145.6.238/handle/11449/144352>. Acesso em: 23 jan. 2021.

TEIXEIRA, E. B. A análise de dados na pesquisa científica: importância e desafios em estudos organizacionais. **Desenvolvimento em questão**, v. 1, n. 2, p. 177-201, 2003.

TORRES, J. R.; FERRARI, N.; MAESTRELLI, S. R. P. Educação Ambiental Crítico-Transformadora no Contexto Escolar: teoria e prática freireana. In: LOUREIRO, C. F. B.; TORRES, J. R. (org.). **Educação Ambiental dialogando com Paulo Freire**. São Paulo: Cortez, 2014. p. 13-80.

TORRES, J. R. **Educação ambiental crítico-transformadora e abordagem temática freireana**. 456 f. 2010. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/93568>. Acesso em: 06 out. 2019.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Educação ambiental: natureza, razão e história**. Campinas: Autores Associados, 2004.

TOZONI-REIS, M. F. C. Formação dos educadores ambientais e paradigmas em transição. **Ciênc. educ. (Bauru)**, p. 83-96, 2002.

TRES, L. A resistência como práxis dos movimentos ambientalistas e ecológicos. **Práxis Educativa**, v. 1, n. 1, p. 67-76, 2006.

VIOLA, E. J. **O movimento ecológico no Brasil, 1974-1986: do ambientalismo à ecopolítica**, 1987.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Penso Editora, 2016.

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado(a) participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa realizada no âmbito do Mestrado Acadêmico em Ensino da Universidade Federal do Pampa - Campus Bagé, desenvolvido nos anos de 2019 à 2021.

O objetivo da pesquisa é compreender como a Educação Ambiental Crítico-Transformadora (EACT) se mostra na localidade de Palmas, região de Bagé - RS, pelas práticas dos movimentos e grupos presentes, construindo narrativas e refletindo sobre os saberes disseminados e difundidos pelos sujeitos que compõem estes grupos a partir das entrevistas narrativas.

Este convite a sua participação deveu-se por ser membro do Agrupa e/ou UPP-Camaquã, e também pela proximidade com a localidade de Palmas e sua contribuição na luta e apoio para/com as questões ambientais emergentes da região.

Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Serão tomadas medidas e/ou procedimentos para assegurar a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. O pesquisador e as professoras orientadoras da pesquisa que se comprometeram com o dever de sigilo e confidencialidade, terão acesso a seus dados e não farão uso destas informações para outras finalidades. Qualquer informação que possa identificá-lo(a) será omitida na divulgação dos registros das entrevistas realizadas.

Sua participação consiste em responder algumas perguntas, através de uma entrevista narrativa semiestruturada, realizada pelo pesquisador e autorizar seu registro audiovisual e escrito. Você poderá, após ler este Termo, e em caso de aceite, combinar com o pesquisador, melhor dia e horário para a entrevista ser realizada.

Na ocorrência de algum problema técnico relacionado à conexão da internet, falta de energia elétrica ou imprevisto pessoal ou de saúde mais grave, as entrevistas serão remarçadas conforme a sua disponibilidade. A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar ao pesquisador ou as professoras orientadoras informações sobre sua participação e/ou sobre os registros, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

Uma vez concluídas as entrevistas, seus registros serão guardados pelo pesquisador e mantido, pelo período de cinco anos, em local com acesso restrito, sob sua responsabilidade, para utilização em pesquisas futuras.

Você não terá que pagar por nenhum dos procedimentos, nem receberá compensações financeiras ao participar das entrevistas.

A socialização das entrevistas, enquanto resultado de pesquisa, uma vez que é seu direito, será por meio de arquivo entregue a você, assim como eventos acadêmicos, para qual você será convidado(a) a participar. Os resultados parciais e finais serão publicizados nos Anais de Eventos e serão encaminhados aos(as) participantes.

Portanto, uma via deste Termo, caso haja o aceite em participar da pesquisa, será armazenado por você e outra com o pesquisador e com a professora orientadora da pesquisa.

Contato do pesquisador: Éverton Fernandes Machado
Tel. (53) 9 99792192 (aceito ligação a cobrar)
E-mail: evertonmachado.aluno@unipampa.edu.br

Contato com a professora orientadora: Renata Hernandez Lindemann
Tel. (53) 9 99737742 (aceito ligação a cobrar)
E-mail: renatalindemann@unipampa.edu.br

Informo que entendi os objetivos e condições de minha participação nas entrevistas realizadas no contexto da pesquisa de mestrado e:

Concordo em participar:

Não concordo em participar:

Informo que entendi os objetivos e condições de minha participação nas entrevistas realizadas no contexto da pesquisa de mestrado e:

Autorizo o uso de registros audiovisuais e escritos realizados na entrevista:

Não autorizo o uso de registros audiovisuais e escritos realizados na entrevista:

APÊNDICE B – Roteiro das entrevistas

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

- Para começar, gostaria de saber um pouco da sua trajetória. Para isso vou te fazer algumas perguntas, a partir de um roteiro, para a gente não se perder durante a entrevista. Inicialmente quero conhecer um pouco da sua relação de vida pessoal, do seu dia a dia e do envolvimento com estes grupos (AGRUPA E UPP – Camaquã), os quais chamaram minha atenção. Então vou te fazer algumas perguntas iniciais.

Qual seu nome completo? Você nasceu aonde? Você convive com pessoas que moram na localidade de Palmas ou você mora na localidade de Palmas também?

- Como a localidade de Palmas está presente na sua história?

- O que é a Agrupa e o que é a UPP-Camaquã? Existe uma relação entre os dois grupos?

- Então quem são as pessoas que fazem parte do Agrupa e quem são as pessoas que fazem parte do UPP - Camaquã? Quando e por qual motivo estes grupos foram criados?

- Pode-se dizer que teve um responsável pela criação destes grupos, um coordenador, um organizador? As reuniões dos grupos, são frequentes? Acontecem ações junto com os moradores? E como é a relação entre os moradores com a Agrupa e a UPP-Camaquã?

- Sobre a questão ambiental, as preocupações com o meio-ambiente, você percebe alguns pontos cruciais no dia de hoje? Você percebe isso na localidade de Palmas?

- Os órgãos públicos, prefeituras, realizam algum tipo de suporte, apoio ou ajuda para os grupos?

- E a bacia do Rio-Camaquã, tu saberias me contar se existem moradores nesta localidade? No entorno do rio? Se sim, faz tempo que eles estão lá?

- Sua participação, seu envolvimento junto a esses grupos te tornaram mais crítico? Tu consegues perceber essa mudança? Em que sentido?

- E após a criação destes grupos, ocorreram mudanças na localidade de Palmas? Você percebe envolvimento dos moradores nas ações? Você gostaria de acrescentar algo mais a esta entrevista? Agradeço a participação e disponibilidade.